

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

CÉSAR BATTISTI

**A INSERÇÃO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NO COMÉRCIO POPULAR DA
CIDADE DE SÃO PAULO**

TOLEDO 2014

CÉSAR BATTISTI

**A INSERÇÃO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NO COMÉRCIO POPULAR DA
CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Eric Gustavo Cardin.

TOLEDO 2014

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

B336i Battisti, César
A inserção dos imigrantes bolivianos no comércio popular da cidade de São Paulo / César Battisti.-- Toledo, PR : [s. n.], 2014. 124 f. : il. (color.), figs.

Orientador: Prof. Dr. Eric Gustavo Cardin
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de Ciências Sociais e Humanas.

1. Ciências sociais - Dissertação 2. Bolivianos - São Paulo (SP) - Condições sociais 3. Imigrantes bolivianos - São Paulo (SP) - Condições sociais 4. Vendedores ambulantes - São Paulo (SP) 5. Setor informal (Economia) - São Paulo (SP) 6. Mobilidade social 7. Conflitos étnicos I. Cardin, Eric Gustavo, Orient. II. T

CDD 20. ed. 305.8688408161

CÉSAR BATTISTI

**A INSERÇÃO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NO COMÉRCIO POPULAR DA
CIDADE DE SÃO PAULO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Eric Gustavo Cardin (Orientador) Unioeste

Prof. Dr Gustavo Villela Lima da Costa UFMS

Prof. Dr Erneldo Schallenberger Unioeste

SUPLENTE

Prof. Dr Silvio Antônio Colognese- Unioeste

Prof. Dr José Lindomar Coelho Albuquerque- Unifesp

Toledo, 02 de outubro de 2014.

CLANDESTINO

*Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar La ley
Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Por no llevar papel*

*Pa' una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar
Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida
Dice la autoridad*

*Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel*

*Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Yo soy el quiebra ley
Mano Negra clandestina
Peruano clandestino
Africano clandestino
Marijuana ilegal*

*Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley
Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Por no llevar papel*

*Argelino clandestino
Nigeriano clandestino
Boliviano clandestino
Manu Negra ilegal
Mano Chao*

*Ao meu orientador, amigo e maior incentivador Eric
Gustavo Cardin.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida, sem a qual este trabalho seria inviável, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unioeste, pelo apoio e confiança depositados, aos professores que auxiliaram durante a realização dos créditos das disciplinas, em especial aos professores Allan de Paula Oliveira e Silvio Antônio Colognese pela leitura e sugestões feitas durante a banca de qualificação, a Mari Lucy pela ajuda e disponibilidade de sempre.

Agradeço ao Prof. José Lindomar Coelho de Albuquerque, pela atenção, conselhos e ajuda nas mais diversas questões. Ao Prof. Sidney Antônio da Silva pela sua colaboração nesta pesquisa.

Agradeço aos colegas do curso de mestrado, pelas dúvidas compartilhadas, em especial a Andressa Back e Oberty Coronel companheiros de viagem.

Agradeço a duas pessoas que durante toda a caminhada do mestrado se mostraram amigos fiéis para toda a vida, Aline Torres e Giovane Lozano.

Agradeço a Caroline Momente, Telma Mello e Aislan Bertollucci amigos que se somaram nessa caminhada.

Agradeço a minha família Mãe, Sandra e Elisandra por todo apoio prestado, principalmente nos momentos mais difíceis.

RESUMO

A presente dissertação objetiva compreender a inserção dos imigrantes bolivianos no comércio popular na cidade de São Paulo. Ao longo das últimas três décadas, o fluxo de imigrantes bolivianos vem se intensificando, estes encontram trabalho principalmente nas inúmeras oficinas de costura espalhadas pela cidade. Porém, nos últimos anos, muitos desses imigrantes estão deixando as oficinas de costura e se inserindo em atividades ligadas ao comércio popular, tornando-se camelôs e vendedores ambulantes, os quais terão como um dos seus principais espaços de inserção a Feira da Madrugada, um importante circuito de comércio popular existente na cidade. Além dos bolivianos também estão presentes na feira imigrantes de outras nacionalidades, como os chineses, paraguaios, peruanos, africanos de diversos países, além dos migrantes internos vindos do Nordeste brasileiro. Desta forma, este circuito de comércio vem se caracterizando como um importante espaço de inserção para os diferentes grupos que chegam à cidade. Compreender o movimento histórico que levou os membros deste grupo, inicialmente restritos as oficinas para este espaço de comércio é o objetivo central desta dissertação. Aqui compreendemos imigrantes bolivianos vêm gradativamente se inserindo em novos espaços na cidade, disputando posições e adquirindo poder, definimos este movimento como sendo um processo de acumulação de experiências por parte deste grupo dentro da cidade. Assim, o intuito é compreender como estes imigrantes se inserem neste circuito de comércio e quais desdobramentos resultam deste processo, tais como os conflitos com as demais etnias, a possibilidade de mobilidade ascendente proporcionada pela nova ocupação e as alterações existentes no interior da comunidade, derivadas desse novo contexto. Para atingir estes objetivos utilizamos como método para coleta de informações a pesquisa de campo com o uso da observação participante, estabelecendo um diálogo com os interlocutores para a melhor compreensão deste fenômeno social.

PALAVRAS CHAVE: Feira da Madrugada, Experiência, Mobilidade Social, Conflitos Étnicos.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the integration of Bolivian immigrants in popular trade in the city of São Paulo, over the past three decades the flow of Bolivian immigrants has intensified, these are mainly working in numerous sewing workshops across the city. However, in recent years, many of these immigrants are leaving the sewing workshops and inserting in activities related to the popular trade, thus becoming peddlers and hawkers, which have as one of its main areas of insertion of the Fair Dawn an important circuit existing popular trade in the city. Besides the Bolivians are also present at the fair other immigrant groups such as chinese, paraguayans, peruvians, africans from several countries besides the coming internal migrants, especially the Brazilian Northeast. Thus, this circuit trade has been characterized as an important area of insertion for different groups arriving in the city. Understand the historical movement that led the members of this group initially restricted the workshops for this trade space is the central objective of this dissertation, here understand this movement as the result of larger process in which Bolivian immigrants come gradually entering into new spaces, jockeying for position and acquiring power, we define this movement as a process of accumulation of experiences from this group within the city . Thus, this study aimed to understand how these immigrants fit into this trade circuit and what consequences that result from this process, such as conflicts with other ethnic groups, the possibility of mobility afforded by new and existing occupancy changes within the community that fruit new context. To achieve these goals we use as a method for gathering information fieldwork using participant observation, trying to establish a dialogue with our stakeholders to better understand this social phenomenon.

KEYWORDS: Fair Dawn, Experiences, Social Mobility, Ethnic Conflict.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	16
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1	
A FEIRA DA MADRUGADA E O SEU PAPEL COMO REDUTO PARA OS IMIGRANTES NA CIDADE.....	21
1.1 A especulação imobiliária e a transformação da paisagem.....	32
1.2 O uso da mercadoria política na Feira da Madrugada.....	38
1.3 A presença boliviana na Feira.....	44
CAPÍTULO 2	
A INSERÇÃO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	49
2.1 A imigração e a sociedade boliviana.....	59
2.2 Os imigrantes bolivianos e o circuito têxtil.....	62
CAPÍTULO 3	
O COTIDIANO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA FEIRA DA MADRUGADA ENTRE CONFLITOS E SOCIABILIDADES.....	71
3.1 A oficina de costura.....	78
3.2 O circuito de produção de bolsas e a Galeria Apa.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
BIBLIOGRAFIA.....	117
GLOSSÁRIO.....	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Distância entre a Travessa General Carneiro e a Rua 25 de Março.....	25
Figura 02: Mapa do percurso entre a 25 de março e o Bairro do Brás.....	27
Figura 03: Pátio do Pari antes da ocupação dos camelôs.....	29
Figura 04: Pátio do Pari após ocupação dos camelôs.....	30
Figura 05- Portão de entrada do Pátio do Pari.....	32
Figuras 06 : Construção de um shopping center no Brás nas proximidades da Feira da Madrugada.....	34
Figuras 07, 08 e 09: Cartazes com os valores de camelódromos recém-inaugurados.....	35
Figura 10: Mapa ilustrando o circuito de compras proposto pela prefeitura de São Paulo.....	36
Figura 11: Mapa indicando a distancia entre o Pátio do Pari e a Feira do Largo da Concórdia.....	43
Figura 12: Mapa da Bolívia e seus Departamentos.....	55
Figura 13: Jovens em uma oficina de costura.....	83
Figuras 14, 15 e 16: Reinaldo e sua família.....	85
Figuras 17 e 18: A oficina de Sérgio.....	88
Figura 19: Bolsa vendida na Galeria Apa.....	98
Figura 20: Bolsa boliviana e bolsa chinesa.....	99
Figura 21: Artigo pirata vendido na Galeria Apa.....	100
Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27: Espaço interno da Galeria Apa.....	105 e 106

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é discutir a inserção dos imigrantes bolivianos no comércio popular da cidade de São Paulo. Para isso, adotamos como ponto de análise para a nossa investigação a Feira da Madrugada, um importante circuito do gênero existente na cidade. Dentre as razões para a escolha deste espaço como local de investigação encontra-se a sua importância para a inserção dos diferentes grupos de imigrantes na cidade, tanto para os migrantes internos como externos. Neste espaço podem ser encontrados imigrantes de quase todos os estados brasileiros, sobretudo, dos estados do Nordeste do país, entre os imigrantes externos temos a presença naquele espaço de migrantes de países como China, Coreia do Sul, Vietnã, Nigéria e Angola, mas, principalmente imigrantes de países sul-americanos. Estes vêm principalmente do Peru, Equador, Paraguai e Bolívia, sendo que estes dois últimos formam os grupos mais numerosos dentre os imigrantes hispânicos, tanto da cidade de São Paulo como da Feira da Madrugada.

Esta feira se concentra principalmente nas ruas São Caetano, Monsenhor Andrade, Oriente e no Pátio do Pari, neste espaço encontram-se diversas galerias, lojas e bancas de camelôs regularizados e informais, que atuam tanto nas ruas como espaços fechados como os bolsões de compras. No geral, os migrantes correspondem à maioria dos proprietários destas lojas e bancas existentes na feira. Estes comercializam mercadorias importadas que entram no país tanto de forma legal como ilegal, como também mercadorias nacionais, sendo que grande parte destas mercadorias correspondem a artigos têxteis fabricados na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

O trabalho de camelô é a principal ocupação dos imigrantes bolivianos na Feira da Madrugada, se utilizando de oficinas de costura próprias ou terceirizadas, estes imigrantes vêm se consolidando como os principais produtores de artigos têxteis da feira, produzindo artigos com um baixo valor agregado que tem como destino abastecer os circuitos de comércio popular de todo o país. O público consumidor destas mercadorias é em sua maioria composto por sacoleiros que compram os produtos da feira para revenderem em suas cidades de origem, garantindo assim a importância local e também nacional da Feira da Madrugada como um todo.

A inserção destes imigrantes neste espaço é o resultado de um processo histórico aonde este grupo vem gradativamente ocupando os diferentes espaços na cadeia produtiva têxtil, conforme podemos ver na bibliografia produzida a respeito deste fluxo migratório.

Mesmo sem números oficiais as instituições que tratam da questão migratória acreditam que atualmente mais da metade dos bolivianos residentes na RMSP sobrevivem de atividades ligadas a este setor produtivo, ocupando diferentes postos dentro da hierarquia produtiva, sendo deste costureiro até comerciantes de afiamentos.

A partir do início da década de 1980 começa a se intensificar o fluxo de imigrantes bolivianos para a cidade, os quais passariam a exercer a atividade de costureiro nas oficinas de costura pertencentes aos também imigrantes coreanos, os quais haviam servido como mão de obra nas oficinas pertencentes aos imigrantes judeus, em um processo onde o grupo mais jovem na cidade é inserido no posto mais baixo da hierarquia produtiva deste setor. Neste período em questão os bolivianos passaram a ocupar funções como a de costureiros e ajudantes nas oficinas coreanas, com o passar do tempo muitos imigrantes passaram a montar as suas próprias oficinas de costura e passaram a prestar serviços para as empresas coreanas.

Porém, a partir do início da década de 2000 começa um movimento de inserção destes imigrantes nos espaços de comércio popular da cidade, especificamente a Feira da Madrugada que passou a ser o principal espaço de inserção deste grupo. A transição da oficina de costura para o comércio popular possui diversos significados. O primeiro e mais evidente se refere à mobilidade econômica que ocorreu para alguns destes imigrantes, a nova atividade permitiu a estes a possibilidade de melhorarem o seu padrão de vida, adquirindo casa própria, carro e outros bens de consumo, possibilitando assim a alguns bolivianos uma condição de vida melhor que a da maioria da comunidade que permanece nas oficinas de costura.

Assim, estes imigrantes bolivianos a que nos referimos percorreram nos últimos vinte anos uma trajetória de trabalho bastante similar. Chegando ao Brasil eles foram trabalhar em oficinas de costura pertencentes a imigrantes coreanos. Em um segundo momento eles montaram as suas próprias oficinas para prestarem serviço aos mesmos imigrantes coreanos; posteriormente começaram a comercializar a sua produção diretamente aos consumidores. Nesta nova etapa de sua trajetória o local de inserção será a Feira da Madrugada, o qual analisaremos nesta pesquisa.

Este momento em que os imigrantes bolivianos se inserem na Feira da Madrugada é descrito pelos nossos entrevistados como sendo um período de “libertação do domínio coreano”, pelo menos para os imigrantes que conseguiram ter acesso a este espaço. Sobre isso, um dos nossos entrevistados diz: “ai já não precisávamos mais ser explorados pelos coreanos, eram eles ai que corriam atrás de nós, queriam até nos pagar a mais”. Desta forma, podemos observar como que a inserção dos imigrantes bolivianos nestes espaços de comércio,

além de lhes possibilitar uma melhora na renda, também resultou em uma reorganização das correlações de força entre os diversos grupos que compõem a Feira da Madrugada, como também entre aqueles que compõem os circuitos de produção de têxteis, alterando a rotina no interior desses espaços. Esta reorganização modificou a forma como os imigrantes bolivianos se relacionam com os demais grupos.

Além destas mudanças, a transição dos imigrantes bolivianos da oficina para o comércio popular ocorre simultaneamente com outro movimento, que é o de ocupação por parte destes sujeitos de espaços públicos dentro da cidade, demarcando assim espaços que se tornaram referência para a comunidade como a Praça Kantuta e a Rua Coimbra, ambos possuem a sua origem no início da década de 2000. A primeira corresponde a um espaço regulamentado pela prefeitura destinado à comunidade boliviana para ser o seu local de encontro durante os finais de semana. Lá são vendidos produtos típicos da Bolívia e também ocorrem algumas das festas típicas da comunidade como o carnaval boliviano. Por sua vez, a Rua Coimbra é um espaço não regulamentado e quem tem o seu nascimento simultâneo ao da Praça Kantuta, seu surgimento decorre devido às regulamentações que passam a ser impostas pelo poder público para permitir o funcionamento da Kantuta (LASEVITZ, 2011).

Percebe-se com isso que tanto a regulamentação de um espaço boliviano por parte da prefeitura como o surgimento de outros espaços não regularizados e a inserção destes imigrantes no comércio popular da Feira da Madrugada são partes de um mesmo momento histórico, marcado pela expansão de possibilidades da comunidade dentro da cidade. Esse momento histórico seria, portanto, o resultado do acúmulo de experiências desse grupo, onde a partir das redes estabelecidas no decorrer do processo migratório foi possível a estes imigrantes saírem do isolamento das oficinas e assim visualizarem novas possibilidades dentro da metrópole.

Nessa perspectiva, essa pesquisa tem como um dos seus objetivos investigar a mobilidade ascendente dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Todavia, aqui não estamos pensando a ideia de mobilidade como sendo o resultado apenas de esforços individuais, mas como uma construção social do grupo, conforme tentaremos demonstrar neste trabalho.

Outro aspecto que essa pesquisa trata é referente aos conflitos étnicos resultantes dessa nova inserção, pois, atualmente a Feira da Madrugada é um espaço de interação entre diversos grupos étnicos. Ali conforme citamos estão presentes além de brasileiros imigrantes das mais diversas origens. Portanto, nestes espaços os bolivianos seriam apenas mais um grupo,

embora sejam os mais numerosos entre os imigrantes latino-americanos. Nesta pesquisa veremos como ocorre a interação entre os bolivianos e os demais grupos inseridos na Feira da Madrugada, observando as percepções que são construídas de um grupo sobre o outro.

As regiões de fronteira e as grandes metrópoles se tornaram espaços privilegiados para a observação de fenômenos referentes aos conflitos étnicos e suas fronteiras, devido à possibilidade de interação que estes espaços propiciam, colocando grupos distintos em contato e às vezes em disputa uns com os outros (CANCLINI, 2003). Nesse sentido, a cidade de São Paulo comporta hoje esses elementos citados, atraindo uma grande quantidade de imigrantes de diferentes países, ao mesmo tempo em que a Feira da Madrugada é alçada a condição de ponto privilegiado dentro da cidade para a observação de fenômenos referentes aos conflitos étnicos.

Por ser um espaço onde os indivíduos dos diferentes grupos estão em constante disputa pela sobrevivência, o que vemos ali é a elaboração de discursos que reforçam a constituição de fronteiras étnicas. Para se falar sobre fronteiras étnicas é necessário em um primeiro momento definir conceitualmente este termo respondendo a algumas perguntas, como o que são fronteiras étnicas, como elas se processam como são erguidas, sobre que fundamentos se apoiam e como podem ser observadas de forma empírica, para responder a estas questões utilizamos como referência para este tema o texto produzido por Barth (1998). A tese principal é de que as fronteiras étnicas não se desenvolvem devido ao isolamento entre os grupos, mas são erguidas a partir do contato entre eles.

As questões que aqui estamos levantando compreendem a realidade atualmente vivenciada pela comunidade boliviana residente na RMSP, esta vem ganhando visibilidade não apenas na cidade e na mídia, mas também na academia. Em vista disso diversas pesquisas surgiram para dar conta do tema. Desta forma, outro objetivo que esta pesquisa contempla é o de se somar aos trabalhos desenvolvidos e assim contribuir para a compreensão do tema.

As pesquisas realizadas sobre esta temática caminharam basicamente em duas linhas. A primeira está voltada para as questões em torno das situações de trabalho no qual esta comunidade esta inserida. Sobre esta perspectiva se debruçaram pesquisadores de diferentes áreas como a Antropologia, a Sociologia, a Geografia, a Demografia e o Direito. Dentre estes trabalhos destacamos Silva (1997), Novais (2008), Freitas (2009) e Xavier (2010). Na outra linha encontramos questões voltadas para as práticas culturais dessa comunidade, dentre estes se destacam os trabalhos da área de antropologia, como os de Silva (2003) e Lasevitz (2011).

Esta pesquisa estaria se somando as investigações da primeira linha apresentada, abordando como tema questões relacionados ao universo de trabalho no qual os imigrantes bolivianos estão inseridos, universo este composto principalmente por dois espaços distintos: a oficina de costura e os espaços de comércio popular. Até aqui as pesquisas realizadas sobre o universo de trabalho dos imigrantes bolivianos tiveram como foco principal o espaço da oficina de costura, estas atuaram não apenas no sentido de possibilitar um crescimento do conhecimento acadêmico sobre o tema, mas também contribuíram para promover discussões sobre a exploração do trabalho dos imigrantes dentro da cidade.

A nossa análise nesta pesquisa será voltada para a compreensão deste outro espaço de trabalho e de inserção destes imigrantes. Conforme citamos, o comércio popular vem se tornando uma opção de trabalho para estes sujeitos sociais. Todavia, a inserção deles nestes espaços não ocorre de maneira simples como pode parecer à primeira vista, ela é o resultado de um acúmulo de experiências na trajetória histórica deste grupo, onde os seus membros puderam estabelecer uma negociação com os demais grupos inseridos nesta atividade. Recuperar esta trajetória é um dos objetivos que colocamos nesta pesquisa. Por fim, pretendemos discutir as novas possibilidades para se pensar a inserção boliviana na cidade de São Paulo, observando as tendências de inserção atuais, aonde novos espaços vão sendo alcançados e novas relações vão sendo construídas com os demais grupos da cidade.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa empregamos como instrumentos de pesquisa os seguintes procedimentos: Pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Este último consiste em se inserir no espaço e no cotidiano dos sujeitos pesquisados para assim poder apreender suas práticas e representações, ou seja, inserido no campo de pesquisa proposto o pesquisador irá não apenas observar os sujeitos que compõem aquele campo, mas irá também interagir com estes em um exercício que Oliveira (1998) propôs como sendo de olhar, ouvir e escrever de forma antropológica.

Segundo o mesmo autor, o olhar antropológico significa um olhar amparado na literatura já produzida sobre o tema e o objeto proposto, ou seja, esse olhar pretende verificar se aquilo que observamos no campo se assemelha a aquilo que a literatura já produziu sobre o tema, ou, ao contrário, se o que vemos é um processo de mudança em relação àquilo que foi mostrado pela literatura. O olhar antropológico não é um olhar desinteressado, mas um olhar

comparativo entre o que vemos e o que já se pesquisou a respeito da temática em questão, (OLIVEIRA, 1998).

O ato de ouvir antropológico tem como finalidade compreender as explicações dos sujeitos pesquisados sobre as suas práticas, seria o de compreender as explicações nativas sobre a dada realidade estudada. Desta forma, procuramos nas conversas que estabelecemos com os nossos informantes compreender como eles interpretam as suas práticas e o significado que elas adquirem naquele contexto e para aqueles indivíduos. Neste sentido, o ouvir se aproxima do ato de escrever antropológico que utilizamos nesta pesquisa conforme proposto por Oliveira, que consistiria em uma tradução da prática nativa para a linguagem científica.

O ouvir antropológico foi fundamental nesta pesquisa, sendo que procuramos instrumentalizá-lo por meio de conversas qualificadas (CARDIN, 2009) que tinham como objetivo não só perceber como que os sujeitos pesquisados veem as suas práticas, mas também levantar informações referentes à temática estudada, que de outra maneira não seria possível de serem apreendidas. Para que isso fosse possível foram necessárias que essas conversas ocorressem após um período de aproximação nossa com os sujeitos pesquisados. A forma com que chegamos até aos nossos interlocutores se deu a partir da formação de uma rede de contatos, onde através de um interlocutor estabelecíamos contato com o interlocutor seguinte.

Em um primeiro momento as conversas foram feitas com informantes com quem já tínhamos um contato estabelecido previamente pelo fato destes fazerem parte do círculo de relações do pesquisador, ou seja, os primeiros informantes desta pesquisa seguiram o critério da proximidade, o que acreditamos não significar um problema para o rigor metodológico que pretendemos ter nesta pesquisa. Conforme afirma Velho (2003, p.12), “o pesquisador brasileiro, geralmente em sua própria cidade, vale-se de sua rede de relações previamente existente e anterior à sua investigação”.

O ponto de partida para a pesquisa de campo foi a Galeria Apa, um espaço comercial situado na Feira da Madrugada, ali estão presentes além de camelôs bolivianos, brasileiros, chineses, peruanos e paraguaios, mais a frente faremos a descrição deste local. A pesquisa de campo foi desenvolvida durante os horários de trabalho destes sujeitos, a partir do contato ali estabelecido podemos ter acesso a outros espaços como as oficinas de costura.

O nosso primeiro contato com a Galeria Apa foi no ano de 2007, quando foi realizada a primeira viagem para a cidade de São Paulo. Deste período até os dias atuais foram

efetuadas diversas incursões neste campo. Durante este período podemos assistir a diversas mudanças que ocorreram tanto na Feira da Madrugada, como dentro da Galeria Apa, nosso ponto inicial de observação. Em relação à feira podemos observar a retirada quase que total dos ambulantes das ruas e a inserção destes em outros espaços, o que gerou uma intensificação das disputas pelo melhor espaço dentro da feira. Em relação à Galeria Apa observa-se uma mudança em relação aos sujeitos presentes naquele local, se nas primeiras viagens o que víamos era uma quase totalidade de imigrantes bolivianos, hoje vemos que estes estão cada vez mais perdendo espaço para os imigrantes chineses, forçando assim os bolivianos a dirigirem-se para espaços mais afastados do núcleo principal da Feira da Madrugada. Além de poder observar algumas dessas transformações que ocorreram durante este período, também podemos estabelecer uma relação de proximidade com as pessoas inseridas nesse meio e desta forma, a partir desta proximidade foi estabelecido um canal de diálogo com os sujeitos que depois viemos a pesquisar.

Além da Feira da Madrugada, a pesquisa de campo também se desenvolveu em outros espaços como a Rua Coimbra, Praça Kantuta e a Feira da Penha¹, ambos correspondem a espaços de sociabilidade para o grupo dentro da cidade. Também foram realizadas observações etnográficas durante a realização de festas típicas da comunidade boliviana, como a Alasitas e o carnaval boliviano. Foram realizadas também visitas a duas oficinas de costura, às quais tivemos acesso graças a aproximação que construímos com os responsáveis por estes espaços.

Outra parte fundamental da pesquisa foi às entrevistas obtidas junto a algumas lideranças da comunidade boliviana na cidade, nas quais foram entrevistados Paulo Rodrigues, presidente da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento, Luís Vasques, presidente da Associação dos Comerciantes da Rua Coimbra, a ativista Veronica Yurga, fundadora do Projeto *Sí yo puedo*, Antônio Andrade, dirigente do grupo de mídia Bolívia Cultural. Houve também a realização de entrevistas com pessoas que trabalham diretamente com a questão migratória, tais como Nello Pulcinelli, assistente social do CAMI (Centro de Acolhimento ao Migrante), Maricela Rivera Cordona, coordenadora do Centro Scalabriniano de Promoção ao Migrante e Jhany Mayra Conde, jornalista responsável pela

1

Este espaço consisti em uma pequena feira boliviana aonde são comercializados produtos típicos desta comunidade, situada no bairro da Penha na zona leste de São Paulo, esta feira não possui um nome específico, sendo mais uma entre as várias feiras bolivianas que estão se espalhando pela periferia da cidade, localizadas nos bairros aonde residem um grande número de imigrantes bolivianos.

rádio CAMI voltada aos imigrantes hispânicos da cidade. Essas entrevistas foram efetuadas a partir de um roteiro semiestruturado, diferenciando-se do procedimento adotado em relação aos camelôs, ambulantes, costureiros e demais trabalhadores da Feira da Madrugada, onde conforme já destacamos o método adotado foi à conversa qualificada.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está dividida da seguinte forma. O primeiro capítulo, denominado “**A Feira da Madrugada e o seu papel como reduto para os imigrantes na cidade**” objetiva apresentar ao leitor a formação histórica da Feira da Madrugada, expondo o seu papel como espaço de aglutinação para os diversos grupos de imigrantes dentro da cidade. No decorrer do capítulo serão discutidos os diversos conflitos que permeiam aquele espaço e o papel destes para a atual configuração da feira. Entre esses conflitos destacamos os enfrentamentos existentes entre o capital imobiliário e o conjunto de trabalhadores da feira, questão essa que será abordada no item **1.1 A especulação imobiliária e a transformação da paisagem**. O item seguinte **1.2 O uso da mercadoria política na Feira da Madrugada**, visa discutir as formas de controle estabelecidas na feira por grupos de trabalhadores, onde um determinado conjunto de lideranças passa a disputar o controle dos espaços ocupados. Para finalizar este capítulo o último item **1.3 A presença boliviana na Feira**, tratará sobre a entrada dos imigrantes bolivianos na feira.

O segundo capítulo “**A inserção dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo**”, visa contextualizar a presença boliviana na RMSP apresentando o surgimento deste fluxo migratório e o porquê do seu direcionamento para a indústria têxtil da cidade. O item **2.1 A imigração e a sociedade boliviana** discutirá a importância da migração para a sociedade boliviana e o papel deste país como uma região de emigração, ou seja, um lugar de emissão de pessoas para outras regiões mais desenvolvidas economicamente. No item **2.2 Os imigrantes bolivianos e o circuito têxtil** faremos uma apresentação sobre o surgimento deste circuito de trabalho, bem como discutiremos o seu papel como meio de inserção para os diferentes fluxos migratórios que chegam à cidade.

O terceiro capítulo “**O cotidiano dos imigrantes bolivianos na Feira da Madrugada, entre conflitos e sociabilidades**” tem por objetivo discutir os desdobramentos que resultam da inserção deste grupo nos espaços de comércio popular, tais como a mobilidade ascendente conquistada por alguns dos membros do grupo, tema este que

abordaremos no primeiro item deste capítulo. No item **3.1 A oficina de costura** trataremos sobre a divisão de trabalho existente nos circuitos de comércio de popular, mostrando que enquanto para alguns sujeitos sair da oficina e se inserir no comércio significou a libertação, para outros tantos sujeitos a exploração e as precárias condições de trabalho ainda é uma realidade presente. Nos itens **3.2 O Circuito de produção de bolsas e a Galeria Apa** discutiremos sobre os conflitos existentes entre os imigrantes bolivianos e demais grupos inseridos na Feira da Madrugada, e como estes conflitos repercutem nas disputas por espaço, poder e capital no interior da Feira. Por fim, na conclusão faremos um balanço sobre a presença boliviana na cidade e as transformações pelas quais a comunidade vem passando no decorrer da sua trajetória migratória.

A FEIRA DA MADRUGADA E O SEU PAPEL COMO REDUTO PARA OS IMIGRANTES NA CIDADE

As novas configurações do mercado de trabalho levaram ao surgimento de espaços voltados para o comércio popular que passaram a se constituir em grandes feiras, atraindo assim sacoleiros² de diversas regiões do país, entre estes espaços destacamos Ciudad Del Este no Paraguai e a Feira da Madrugada na cidade de São Paulo. A formação deste espaço compreende a um processo histórico com diferentes fases e etapas. No entanto, os sujeitos que a compõem também fazem a sua narração sobre a formação deste espaço, conforme podemos ver nesta citação:

A famosa Feirinha da Madrugada começou na Rua 25 de março e migrou para a região do Brás. Há 10 anos acontece a Feirinha da Madrugada, antes na rua na região da Rua 25 de Março, centro de São Paulo, agora na região do Brás. A Feirinha da Madrugada funciona de segunda a sábado das 3h00 às 10h00. Hoje a feirinha não está mais na rua, são vários bolsões (estacionamentos onde as bancas ficam) e shoppings da região que abrem nesse horário. Em alguns shoppings esse horário é estendido até o fim do horário comercial. Diversos produtos são comercializados. Camisetas, lingerie, bonés, acessórios, perfumes e as famosas bolsas. Você pode conhecer alguns deles aqui no site, mas visitar a Feirinha da Madrugada é uma experiência inesquecível. Ela acontece em toda a região do Brás, mas a maior concentração fica na Rua Oriente Rua São Caetano, Rua Monsenhor de Andrade e segue pelas travessas das ruas principais da região. Diversos ambulantes, a maioria fabricantes, vende no atacado e varejo produtos a preços bem atraentes. Diariamente é grande a concentração de pessoas na madrugada por lá, diversos ônibus do país inteiro trazem pessoas para a realização de suas compras. Pessoas de outros países. A viagem sempre compensa, pois tudo o que é vendido na feirinha é de boa aceitação, boa qualidade, sempre produtos da moda e com um preço pra lá de barato. Muitas pessoas engordam o orçamento da família comprando na Feirinha da Madrugada no Brás e revendendo em lojas ou para outras pessoas. Venha um dia conhecer a tradicional Feirinha da Madrugada. (FEIRA DA MADRUGADA, 2013) (retirado do site <http://www.feirinhadamadrugada.com.br/> em 09 de janeiro de 2013.).

O texto supracitado foi retirado de um dos vários sites que divulgam a Feira da Madrugada, que além de anunciar os diversos produtos que ali podem ser encontrados também faz um resumo sobre a história da feira, destacando os seus diferentes estágios, desde a sua formação na Rua 25 de Março, a sua transferência para as ruas do bairro do Brás e a atual fase marcada pela sua pulverização em diversos espaços de compras.

² O termo sacoleiro é utilizado para definir sujeitos que possuem como prática de trabalho viajar até os centros comerciais como os espaços citados, a fim de adquirir mercadorias para serem revendidas em suas cidades de origem, aproveitando-se assim das diferenças de preço entre um local e outro.

A região da Rua 25 de Março sempre foi um ponto tradicional de comércio na cidade de São Paulo. No século XIX era grande o fluxo comercial nesta localidade da cidade, fluxo este que se devia principalmente ao mercado municipal existente até os dias atuais e ao antigo Porto Geral que trazia mercadorias do litoral até a capital paulista. Somados a estes fatores se iniciava neste período a imigração sírio libanesa, estes imigrantes encontrariam na Rua 25 de Março o local para a sua inserção na cidade por meio do comércio de tecidos, atividade esta que caracterizou a rua durante quase todo o século XX, conforme vemos em Ribeiro e em Aguiar:

A história da Rua 25 de Março é ilustrativa de certas dinâmicas centrais do sistema como um todo. Aquela região paulistana foi, desde o final do século XIX, caracterizada pela presença sírio-libanesa (RIBEIRO, 2009, pág. 516).

Em meados do século passado, a rua era famosa por ser o destino principal da imigração árabe em São Paulo o que pode ser observado nas várias lojas de tecidos e casas de especiarias presentes na rua, e, também na nomeação de algumas ruas. Com o decorrer dos anos, a rua foi se diversificando e ganhando novas dimensões, outras imigrações foram chegando (AGUIAR, 2011, pág. 2 e 3).

Porém, a Rua 25 de Março passou a ter uma nova configuração, transformando-se em um ponto de concentração de camelôs e compristas, estes últimos provenientes de todas as regiões do país que passaram a se deslocar até São Paulo em busca das diversas mercadorias comercializadas na Rua 25 de Março. Esta virada no comércio da região deve-se ao surgimento do circuito sacoleiro³, que consisti no deslocamento de trabalhadores brasileiros até o Paraguai, tendo como finalidade adquirir as mercadorias que eram comercializadas naquele país, revendendo-as em suas cidades de origem.

A ascensão do circuito sacoleiro é descrita pelos trabalhadores da Rua 25 de Março como um momento importante na história daquele espaço, a partir do seu surgimento os camelôs daquela localidade passaram a se locomover até o país vizinho em busca das mercadorias que lá eram comercializadas. Este movimento acabou por transformar a região da Rua 25 de Março em um importante entreposto entre as mercadorias provenientes do Paraguai e o restante do país, assim sacoleiros de outras regiões do país vinham até a capital paulista em busca das mercadorias oriundas do Paraguai, sendo que para estes era mais conveniente viajar até a cidade de São Paulo em vez de ir até o país vizinho. Conforme analisou Ribeiro:

³ A denominação circuito sacoleiro foi desenvolvida por Cardin (2010), segundo o autor este circuito consiste em uma rede de trabalhadores, os quais tinham como objetivo a aquisição de mercadorias no país vizinho para serem revendidas por todo o território nacional.

Também de grande importância para o sistema mundial não hegemônico é a região da Rua 25 de Março, dado o seu papel central na redistribuição de mercadorias para muitos milhares de sacoleiros brasileiros e o seu uso como centro alternativo toda vez que a fiscalização na fronteira como o Paraguai se intensifica. (RIBEIRO 2009, pág. 513 e 514).

O circuito sacoleiro, por sua vez, foi também responsável por uma mudança nas práticas de trabalho dos camelôs da Rua 25 de Março. Os trabalhadores que antes se dedicavam quase exclusivamente a atender clientes de varejo residentes na cidade de São Paulo, agora atendiam a sacoleiros e lojistas vindos de todo o Brasil. Sobre este momento os relatos acerca deste período dão conta de uma espécie de corrida do ouro, onde todas as economias destes trabalhadores tinham como objetivo viajar até o Paraguai para trazer o máximo de mercadorias. Este período também é retratado como sendo de grande crescimento econômico para os sujeitos que participavam deste circuito, para eles o circuito sacoleiro é visto como um elemento dinamizador das práticas econômicas da Rua 25 de Março.

Este momento foi extremamente promissor não apenas para os camelôs envolvidos com o fluxo de mercadorias vindas do Paraguai, mas também para outro segmento de camelôs. Trata-se de grupos de vendedores ambulantes que produziam suas próprias mercadorias e as comercializavam. Estes eram em sua maioria ligados a área de produção têxtil, suas atividades consistiam na fabricação em casa ou em pequenas oficinas de artigos têxteis como roupas, brinquedos em tecidos, bolsas, enfim, produtos deste segmento em geral, que eram por eles confeccionados e revendidos na Feira da Madrugada da Rua 25 Março, sobretudo por migrantes do nordeste brasileiro.

Aproveitando-se do grande fluxo de compristas que vinham até a feira em busca das mercadorias vindas do Paraguai, estes trabalhadores começaram a inserir ali os seus produtos e igualmente aos camelôs, que apenas revendiam produtos do Paraguai, também mudaram suas práticas de trabalho para atender ao novo público que procurava a região, o que por sua vez resultou em ganhos econômicos para este grupo. Esse novo público que procurava a feira era formado em sua maioria por sacoleiros que compravam em grande quantidade para revenderem em suas regiões, o que gerou uma demanda maior de produtos confeccionados por esses camelôs, o que fez com que eles aumentassem a sua produção adquirindo uma maior quantidade de máquinas e necessitando de mais mão de obra.

Assim, vemos como que o circuito sacoleiro foi um fator de transformação da Feira da Madrugada. Através dele a feira passou a um novo estágio, que influenciou não apenas na vida dos seus trabalhadores, mas também de toda a região das suas imediações. Neste período a Feira da Madrugada e a Rua 25 de Março são diferenciadas da seguinte forma: a feira

corresponde às atividades comerciais realizadas na rua durante a madrugada, entre as duas e às seis da manhã e, durante o resto do dia, a rua continuava funcionando como centro comercial.

No entanto, o circuito sacoleiro representa apenas uma parte da história da Feira da Madrugada. A formação desta nos remete à década de 1960 e está vinculada às transformações vivenciadas na cidade. A Feira da Madrugada surgiu inicialmente na Travessa General Carneiro, próximo a Rua 25 de Março. Ali, durante as décadas de 1960 a 1980, funcionou o principal ponto de concentração de camelôs da cidade de São Paulo. Esta concentração tinha como justificativa a centralidade daquele espaço para a cidade. Próximo dali estava localizada o terminal de ônibus do Parque Dom Pedro II, para este terminal vinham algumas das principais linhas de ônibus da cidade onde ali desembarcavam os seus passageiros fazendo assim da Travessa General Carneiro uma importante via de circulação.

A ampliação dos horários de funcionamento para o período da madrugada começou ainda no período em que a feira se localizava na Travessa General Carneiro. Embora os nossos interlocutores possam dar diferentes versões para o surgimento desta prática, consideramos que o seu surgimento está relacionado a dois fatores: 1) ao aumento do fluxo de compristas; 2) e as tentativas destes sujeitos de fugir das restrições impostas pelo poder público. Desta forma, o horário da madrugada funcionava como um meio de esconder as práticas consideradas ilícitas e, portanto, reprimidas pelo estado, às quais seriam ocultadas nesse horário alternativo, tais como a venda de pirataria e demais produtos não legalizados, como aqueles provenientes de outros países ou produzidos fora das regulamentações estabelecidas pelo estado. Todavia, o horário da madrugada também evitaria um conflito entre os ambulantes e os lojistas, sendo que durante as demais horas do dia apenas os camelôs regulamentados poderiam permanecer na rua, ou seja, apenas uma minoria dos trabalhadores presentes na Feira da Madrugada.

FIGURA 01: DISTÂNCIA ENTRE A TRAVESSA GENERAL CARNEIRO E A RUA 25 DE MARÇO

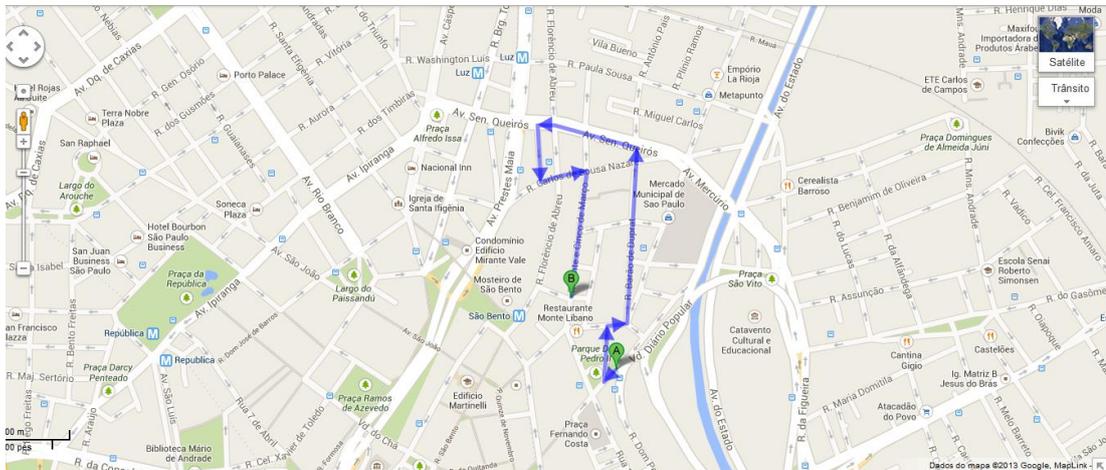


Figura 1: Na figura acima podemos ver a distância entre a Travessa General Carneiro e a Rua 25 de Março. Fonte: maps.google.com.br- Acessado dia 20/11/2013.

A formação e a manutenção da Feira da Madrugada não ocorrem de forma tranquila, sendo constantes os conflitos que colocam em oposição camelôs, lojistas, fiscais da prefeitura e policiais, bem como outros setores econômicos. Esses conflitos se configuram como situações importantes para o entendimento das transformações que ocorreram no interior daquele espaço. Segundo Faria (2005), no início da década de 2000 havia uma disputa pela utilização do espaço da Rua 25 de Março envolvendo os camelôs e a entidade da UNIVINCO (União dos Lojistas da Rua Vinte e Cinco Março e Adjacentes).

Diante desse conflito, o Estado, no caso representado pela Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo passou a atuar em prol dos lojistas. Assim, o poder público municipal passou a trabalhar ativamente pela retirada dos camelôs e ambulantes da Rua 25 de Março⁴. Devido à repressão do estado, os camelôs da Rua 25 de Março começaram a buscar outros espaços para atuarem, a primeira destas iniciativas, segundo relata Gaúcho⁵ um dos nossos interlocutores que na época atuava como uma liderança da feira desta época, foi a de tentar se instalar nos estacionamentos próximos a Rua 25 de Março. Sobre isso, ele diz:

⁴ Na época em questão o governo municipal estava sob a gestão da prefeita Marta Suplicy do Partido dos Trabalhadores.

⁵ O interlocutor em questão na época referida atuava como uma liderança nas associações que representavam os trabalhadores da Feira da Madrugada, tendo se inserido na feira no final dos anos 1990, atuando como camelô, e tendo desempenhado um importante papel nestas associações de ambulantes, durante a transferência da feira para o bairro do Brás foi ele o responsável por alugar o prédio da Galeria Apa para os ambulantes, atualmente ele trabalha com uma Feira da Madrugada itinerante que viaja por cidades do interior paulista durante os finais de semana revendendo os produtos da Feira da Madrugada.

“Funcionava assim nós ocupávamos os estacionamentos das duas até às seis da manhã, depois desse horário nós saíramos e o estacionamento voltaria para a sua atividade normal, eu cobraria oitenta reais do camelô, passaria cinquenta para o dono do estacionamento e ficaria com os outros trinta para mim, mas nessa época não havia alvará da prefeitura pra esse tipo de coisa, aí a prefeitura não autorizou”.

Pouco tempo depois, a prefeitura passou a permitir esse tipo de prática conforme veremos. A fala do nosso interlocutor sinaliza que a primeira alternativa procurada pelos camelôs foi a de procurarem se instalar em algum espaço próximo da onde já atuavam. Entretanto, devido a uma restrição da Prefeitura de São Paulo estes acabaram por ser impedidos de se instalarem nos estacionamentos das adjacências da Rua 25 de Março.

A saída encontrada foi a de migrar para outro espaço da cidade, transferindo-se para o bairro do Brás, um espaço que além de ser próximo do centro e, portanto, também da Rua 25 de Março, estava relacionado com a Feira da Madrugada pelo fato de que nas ruas do Brás funcionava o estacionamento para os ônibus que traziam os compristas para a feira. Assim, nesta nova etapa, a Feira da Madrugada se instala neste espaço, mais especificamente nas Ruas Oriente, Monsenhor Andrade e São Caetano, reproduzindo ali as práticas que ocorriam na Rua 25 de Março. Na figura abaixo podemos ver o caminho percorrido pelos camelôs da Feira da Madrugada durante o processo de migração da Rua 25 de Março para as ruas do Brás.

FIGURA 02 – MAPA DO PERCURSO ENTRE A RUA 25 DE MARÇO E O BAIRRO DO BRÁS

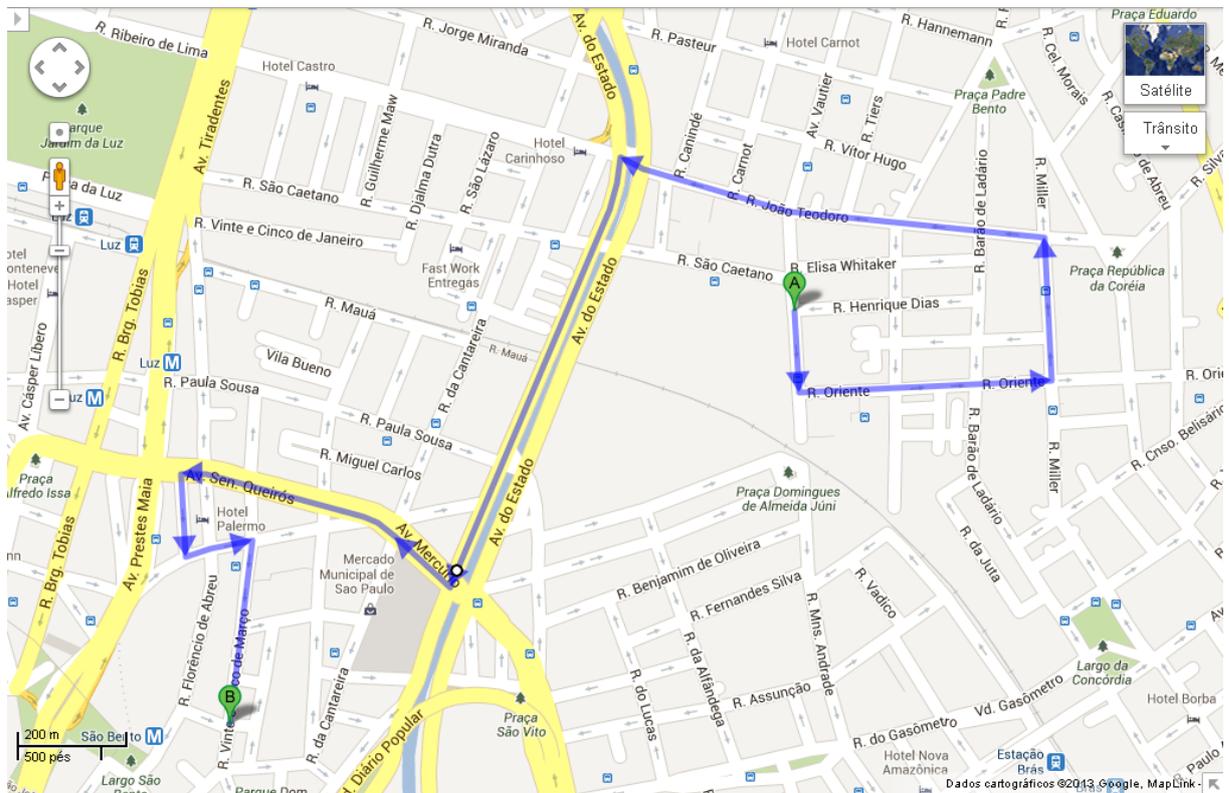


Figura 2: Mapa do percurso entre 25 de março e o Bairro do Brás. O Ponto A corresponde ao bairro do Brás para onde a Feira da Madrugada se transferiu e o Ponto B corresponde a Rua 25 de Março aonde ela está situada.

Fonte: mapsgoogle.com.br – Acessado em 20/06/2013.

Este novo período é marcado por uma grande expansão a partir da entrada de novos sujeitos. Deste os tempos da feira na Rua 25 de Março já existia a presença de imigrantes praticando as atividades comerciais na rua, inicialmente eram apenas os imigrantes chineses, que igualmente aos camelôs brasileiros, montavam ali as suas bancas durante a madrugada. Sobre este fato o nosso interlocutor, que na época atuava como uma liderança em uma associação de camelôs, relata que os conflitos entre brasileiros e chineses eram frequentes, conforme vemos:

“Havia sempre alguns que queriam tirar os chineses dali, falava de o porquê que a gente não expulsava aqueles chineses, até que um dia eles resolveram isolar os chineses obrigando todos eles a ficarem em um ponto só, lá em cima próximo a Senador Queiróz, mas não adiantou acabou que os clientes ficaram todos onde chineses estavam porque eles vendiam mais barato.”

Por meio desta fala observa-se a existência de conflitos étnicos ainda no período da Feira da Madrugada na Rua 25 de Março. Agora, no novo espaço, os conflitos além de

permanecerem aumentariam, uma vez que a Feira da Madrugada passará neste período por uma fase de ampliação marcada pela entrada de outros contingentes de imigrantes. Além dos chineses começa a haver a inserção neste espaço de imigrantes sul-americanos de países como Peru, Equador, Colômbia, Paraguai e, principalmente da Bolívia. A entrada desses grupos levou a uma intensa procura por novos espaços para serem utilizados para o comércio, essa procura levou a um processo de **“especulação imobiliária”** operacionalizado por agentes informais. A utilização das aspas e do negrito visa diferenciar a especulação praticada por agentes informais da especulação imobiliária formal operada pelos agentes deste setor econômico imobiliário.

No entanto, é durante a transição da Feira da Madrugada para as ruas do Brás, que a história da feira vai se cruzar com a trajetória dos imigrantes bolivianos da cidade. Conforme citamos anteriormente, eles se inserem na cidade por meio do seu trabalho nas oficinas de costura, inicialmente nas oficinas coreanas e depois como proprietários de oficinas prestadoras de serviço aos mesmos coreanos. A inserção destes sujeitos na Feira da Madrugada corresponde ao momento em que estes imigrantes passam a comercializar diretamente a sua produção com os consumidores, no caso em questão com os consumidores que compram no atacado para revenderem na sua cidade de origem.

Neste período de transição para as ruas do Brás, novos conflitos pela utilização do espaço passaram a surgir, neste momento as disputas de poder entre os diferentes grupos de comando no interior da feira passaram a se intensificar. Esses conflitos levaram a um processo de divisão, com uma parte da feira se concentrando nas ruas do Brás, enquanto outra parte foi se instalar no Pátio do Pari, este corresponde a um imenso terreno de propriedade da Rede Ferroviária Federal que anteriormente funcionava como um ferro velho de trens. Desta forma, criavam-se assim os chamados bolsões de compras⁶, tal como os sujeitos do meio os definem. Estes são espaços destinados à instalação dos camelôs que outrora estavam situados nas ruas, assim o Pátio do Pari surge para cumprir a mesma função que tinha os estacionamentos citados pelo nosso interlocutor, porém agora este novo empreendimento passava a contar com o apoio da Prefeitura. Segundo Silva (2011):

Na gestão da prefeita Marta Suplicy (2001-2004) surgem possibilidades de criação de bolsões de compras para abrigar os camelôs das ruas. O pátio do Pari que pertencia a Rede Ferroviária Federal (gerido pela Superintendência do Patrimônio da

⁶ Os termos bolsões de compras, camelódromos, shoppings populares e galerias possuem o mesmo significado, todos esses termos se referem a um formato de empreendimento bastante comum no comércio popular, onde camelôs e ambulantes ocupam prédios dividindo o seu espaço de modo a formar diversas bancas e pequenas lojas.

União- SPU) é concedido ao uso dos camelôs em 2005, já na gestão do prefeito José Serra (2005- 2008). Essa área torna- se referencia no comércio popular na cidade de São Paulo, sobretudo no comércio de roupas populares. (SILVA, 2011, Pág. 4).

Inicialmente o Pátio Pari era um espaço pouco valorizado dentro da Feira da Madrugada, uma vez que as ruas eram mais lucrativas devido à circulação dos compristas. Porém, à medida que a repressão dos órgãos do estado aumentava para com os ambulantes que atuavam nos espaços públicos, a feira, que ficava dentro do Pátio do Pari, ia aumentando e se valorizando. Somado as ações do estado, outro fator que influenciou no fortalecimento do Pátio do Pari foi à utilização deste espaço por parte dos imigrantes chineses. Ali será o ponto no qual eles estarão concentrados em sua maioria, acompanhados de suas mercadorias importadas que, em grande medida, possuem um preço bastante atrativo. Nas figuras abaixo podemos ver como era o Pátio do Pari antes e depois de ser ocupado pelos trabalhadores da Feira da Madrugada.

FIGURA 03 – PÁTIO PARI ANTES DA OCUPAÇÃO DOS CAMELÔS



Figura 3: Pátio do Pari antes da ocupação dos camelôs. Fonte: mapsgoogle.com. br – Acessado em 20/06/2013.

FIGURA 04 – PÁTIO DO PARI APÓS A OCUPAÇÃO DOS CAMELÔS

Figura 4: Pátio do Pari após ocupação dos camelôs. Fonte: mapsgoogle.com.br – Acessado em 20/06/2013.

A repressão aos camelôs também influenciou na ocupação de outros espaços nas adjacências da Feira da Madrugada. Além do Pátio do Pari começa a ocorrer uma ocupação dos prédios ao redor da feira, neste período a região do Brás era considerada como uma área em “deterioração urbana”. Até este momento, a paisagem era composta pelos prédios das antigas fábricas remanescentes da época em que o Brás era conhecido como um bairro operário. Durante o período de transição da Feira da Madrugada para as ruas do Brás muitos desses prédios estavam sendo ocupados em atividades pouco valorizadas, funcionando como estacionamentos ou depósitos de mercadorias. Porém, a necessidade por mais espaços para os camelôs fez com que estes prédios passassem a se tornar novos bolsões de compras, espaços que terão o seu interior dividido formando pequenas lojas e bancas de camelô, reproduzindo dentro desses prédios o modelo de negócio que se tinha nas ruas.

Entre estes prédios destacamos um que atualmente é conhecido como Galeria Apa, uma antiga fábrica que virou estacionamento e que depois veio a ser o primeiro prédio a ser ocupado por camelôs para funcionar como um bolsão de compras. Este prédio teve o seu espaço interno dividido em bancas, para assim abrigar os trabalhadores antes situados nas ruas. Segundo relatos dos camelôs que ainda hoje trabalham neste local, os primeiros anos não teriam sido fáceis, pois poucas pessoas entravam nessas galerias, já que a aglomeração maior de compristas estava nas ruas. As ruas também eram preferíveis para os trabalhadores devido ao fato de que os valores cobrados nas ruas serem menores do que os valores que agora os trabalhadores passaram a ter que arcar estando dentro dos camelódromos, além do aluguel do ponto eles passaram a pagar uma taxa chamada luva, que corresponde a um pagamento efetuado no ato da assinatura do contrato de aluguel, e tendo que ser paga novamente a cada renovação, estes contratos possuem um período de duração diverso que varia de acordo com cada camelódromo, o mesmo ocorre com os valores de aluguel e de luva cobrados.

O que ocorreu com a Galeria Apa se repetiu também nos prédios ao seu redor, que passaram a ser utilizados como camelódromos. Porém, esta ocupação não se deu de uma forma aleatória, ela acontecia com base em um processo de segmentação de produtos. Assim, os camelôs que vendem brinquedos e eletrônicos vão se situar em um dado local, aqueles que vendem roupas vão para outro local, os que vendem bolsas vão para outro. Desta forma, a Feira da Madrugada passa a se constituir como um espaço composto por diversos outros espaços especializados em mercadorias específicas, mas que também são territórios

específicos de determinadas redes de grupos sociais, que forma ao mesmo tempo nichos econômicos e étnicos.

A Feira da Madrugada que surgiu pequena e que tinha como finalidade encontrar um horário alternativo de trabalho como forma de fugir dos controles impostos pelo estado, foi se tornando cada vez maior e mais complexa devido a situações socioeconômicas, como a ascensão do circuito sacoleiro e o surgimento de novos fluxos imigratórios, reflexo de múltiplos processos históricos ocorridos na cidade durante as últimas décadas. Estes processos levaram a feira a se tornar o que ela é hoje, a qual definimos como um grande nó através do qual estão interligados diversos circuitos de produção, comercialização e circulação de mercadorias e pessoas, interligando camelôs, sacoleiros e produtores de mercadorias, sendo definida pelos seus integrantes como o maior “circuito de compras da América Latina”, conforme podemos na placa de entrada de um dos portões do Pátio do Pari.

FIGURA 05 – PORTÃO DE ENTRADA DO PÁTIO DO PARI



Figura 5- Portão de entrada do Pátio do Pari principal ponto de concentração da Feira da Madrugada. Fonte arquivo do autor.

1.1 A especulação imobiliária e a transformação da paisagem

A transição da Feira da Madrugada para as ruas do Brás é o resultado dessa série de enfrentamentos. Em meio aos conflitos travados entre os trabalhadores do comércio popular e a prefeitura sempre houve a presença de setores econômicos da cidade com interesse direto nestes conflitos, os quais devido ao poder econômico que possuem acabam por ter uma influência maior junto ao poder público. Entre esses setores, conforme já destacamos, estariam às associações de lojistas, como a UNIVINCO (União dos Lojistas da Rua Vinte e

Cinco Março e Adjacentes), que segundo Faria (2005), seria o principal órgão interessado na remoção dos ambulantes da Rua 25 de Março. Além das associações comerciais o setor imobiliário da cidade também passou a se interessar pelo comércio popular visando os lucros que este poderia lhe render, a partir da demanda por espaço ocasionada tanto pela repressão dos órgãos públicos que impediam que os trabalhadores ambulantes atuassem nas ruas, como pela demanda impulsionada pela chegada de novos fluxos migratórios que encontravam na feira o seu espaço de trabalho e inserção na cidade.

Neste processo as antigas fábricas que já tinham se tornado estacionamentos e depósitos, transformava-se agora em bolsões de compras, gerando uma valorização dos espaços mais bem posicionados dentro da feira, o que levava a uma ocupação dos prédios vazios que eram transformados em camelódromos, ao mesmo tempo começava também a surgir novas construções que visavam suprir essa demanda. No entanto, alguns desses novos empreendimentos passariam a ter aspectos distintos daqueles espaços ocupados inicialmente pelos camelôs, entre as características das novas construções destaca-se o fato dessas não serem projetadas para atender a grande massa de trabalhadores ambulantes, os novos empreendimentos passariam a visar um comerciante com um maior poder aquisitivo. Vemos dessa forma como que o grande capital passou a se apropriar de um processo construído pelos trabalhadores da cidade, os quais possuem consciência dessa relação conforme podemos ver nesta fala aonde um camelô⁷ diz: “Aqui não tinha nada tudo estava abandonado e destruído, era morada de mendigo aqui por tudo, foi quando os camelôs vieram da vinte e cinco que as coisas mudaram, nós trouxemos o Brasil pra dentro do Brás, e se hoje tem lojista ganhando dinheiro foi por causa da gente que começou com tudo isso”.

Nesta fala o nosso interlocutor expõem sobre como que um processo iniciado pelos trabalhadores com o objetivo de se acomodarem em um novo local após a expulsão destes do seu espaço anterior impulsionou todo um movimento de valorização econômica de uma área da cidade antes era considerada deteriorada. Para Santos (2008), as áreas degradadas e envelhecidas das cidades vêm se configurando como espaços de trabalho e sobrevivência para os pobres das grandes metrópoles, os quais passam a se apropriar dos espaços e ambientes rejeitados pelos setores dominantes, porém quando estes veem nos espaços degradados e apropriados pelos trabalhadores novas possibilidades de ganhos passam a atuar em parceria com o estado pelo controle dessas áreas (SANTOS, 2008).

⁷ O interlocutor em questão é Luiz, camelô brasileiro, inserido na Feira da Madrugada no final dos anos 1970 quando esta ainda estava localizada na Travessa General Carneiro.

Atualmente no bairro do Brás existem diversos shoppings e galerias e a quantidade de novos espaços voltados para o comércio não para de crescer, estes podem ser empreendimentos como os que acabamos de citar, desenvolvidos pelo grande capital imobiliário e voltados para um comerciante com um maior poder econômico, como também empreendimentos como a Galeria Apa que citamos anteriormente. Estes geralmente são iniciados por lideranças dos camelôs que com pouco capital acumulado reúnem certo número de ambulantes próximos que estão em busca de ponto fixo, havendo tanto espaços que demandam muito capital, como aqueles que demandam pouco, conforme podemos ver nas fotos abaixo captadas na área da Feira da Madrugada, nelas podemos ver as duas formas de empreendimento a que estamos nos referindo:

FIGURAS 06 E 07: CONSTRUÇÃO DE UM SHOPPING CENTER NO BRÁS NAS PROXIMIDADES DA FEIRA DA MADRUGADA



Figura 6: Foto da construção de shopping Center com um hotel em anexo, situado no bairro do Brás próximo ao Pátio do Pari, voltado para atender aos clientes atacadistas. Fonte arquivo do autor.



Figura 7: Foto de um shopping recém-construído nas proximidades do Pátio do Pari.
Fonte arquivo do autor.

FIGURAS 08 E 09: CARTAZES COM OS VALORES DE CAMELÓDROMOS RECÉM-INAUGURADOS



Figura 8 e 9: Fotos de cartazes de camelódromos recém-inaugurados, acima podemos ver os valores cobrados pelo aluguel semanal de cada banca. Fonte arquivo do autor.

Dentre os empreendimentos desenvolvidos pelo capital imobiliário, o mais discutido é a construção de um grande shopping no terreno do Pátio do Pari, intitulado Shopping Popular de Compras, o qual para ser construído demandaria a retirada dos camelôs que ocupam aquela área. Essa obra seria parte de outro projeto maior da prefeitura intitulado Circuito de Compras. Compõe este circuito os bairros do Brás, Bom Retiro e a região das ruas 25 de Março e a Santa Efigênia. Este projeto tem como objetivo interligar as principais áreas comerciais do centro cidade, através de obras de locomoção e remodelamento urbano, que visariam facilitar a circulação dos compristas por essas áreas, as quais seriam desenvolvidas pela prefeitura.

Ao mesmo tempo como parte deste projeto seriam realizadas uma série de obras através de um processo de PPP (Parceria Público Privado), classificadas como obras de apoio.

Estas teriam como objetivo atender a demanda de serviços utilizados pelos compristas, tais como estacionamentos para ônibus fretados e automóveis, banheiros e guarda volumes, após concluídas estas obras seriam repassadas ao setor privado que passaria a explorar esses nichos econômicos. Segundo o site da empresa Estruturadora Brasileira de Projetos⁸, empresa responsável pela elaboração do projeto, após a sua conclusão a administração destes serviços mais o Shopping Popular de Compras renderiam ao concessionário cerca de 130 milhões de reais anuais, tendo um custo de operação de 50 milhões de reais por ano. Portanto, as atividades que hoje são desenvolvidas pelos próprios sujeitos inseridos na feira passariam ao controle do grande capital privado, assim direcionando os lucros que atualmente se encontram diluídos entre os diversos agentes da feira. Na figura abaixo temos um mapa ilustrando o Circuito de Compras proposto pela prefeitura.

FIGURA 10 – MAPA ILUSTRANDO O CIRCUITO DE COMPRAS



Figura 10: Mapa ilustrando o circuito de compras proposto pela prefeitura de São Paulo. Fonte: www.skyscrapercity - Acessado em 25/01/2013.

A construção do Shopping Popular de Compras adquire uma importância central para a consolidação do Circuito de Compras, sendo considerado como a parte fundamental deste empreendimento. O projeto prevê a construção de um prédio com três pisos e quatro torres, além de um estacionamento para 523 ônibus e 1545 carros, também está previsto a construção de um hotel de quinze andares e com 196 quartos neste mesmo local. Porém, a sua importância não está apenas no gigantismo que o projeto comporta, mas, sobretudo nas transformações que o projeto pode trazer para os trabalhadores da feira. Além do direcionamento dos lucros para o capital imobiliário, o projeto ainda traz como uma de suas

⁸

<http://www.ebpbrasil.com>

consequências a imposição de normas aos trabalhadores, estas são estabelecidas pelo poder público e objetivam o enquadramento dos camelôs nas regulamentações impostas pelo estado. A principal norma estabelecida se refere à mudança de status dos trabalhadores da feira, os quais teriam de passar de trabalhadores autônomos ou ambulantes para microempresários individuais.

Segundo o SEBRAE, órgão do governo responsável pelo fomento de pequenas empresas, o microempresário individual, ou microempreendedor é um trabalhador por conta própria que se legaliza, passando a ser denominado como um pequeno empresário. A partir da Lei Complementar nº 128, de 19/12/2008 foram criadas as condições para a regulamentação deste tipo de trabalhador, sendo o principal requisito para a regulamentação o pagamento da taxa de previdência social. Essa exigência vem se somando a outras que vem sendo estabelecidas gradativamente aos trabalhadores do Pátio do Pari, entre elas o cerco maior da fiscalização em relação às mercadorias piratas e sem procedência de nota fiscal. Essas medidas são vistas pelos trabalhadores como uma medida para selecionar um determinado padrão de camelô que terá acesso ao novo shopping, foi comum no decorrer desta pesquisa encontrarmos trabalhadores pessimistas e desconfiados em relação aos projetos traçados pela prefeitura para o local, identificando na proposta da prefeitura apenas um meio para a entrega daquele espaço aos grandes grupos econômicos. De fato a regulamentação dos trabalhadores é colocada pela própria prefeitura como um dos principais objetivos do novo empreendimento, como podemos ver abaixo:

Dentre as metas do projeto, que engloba uma ação maior, conforme citado acima, estão: a requalificação profissional dos trabalhadores do Pátio do Pari, transformando esses comerciantes em micro-empresários individuais, e a interligação dos principais centros populares de comércio do centro da cidade de São Paulo, criando um circuito de shoppings populares que vai atingir não só a região do Brás, mas também a do Bom Retiro. Uma agência do São Paulo Confia foi instalada no local. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2014) (retirado do site prefeitura. gov. br – Acessado em 5 de abril de 2014).

Assim, o ceticismo que podemos ver em grande parte dos trabalhadores com quem mantivemos contato é fruto da percepção que estes têm dos diversos interesses envolvidos na utilização do espaço público pelo comércio. Todavia, conforme colocamos anteriormente não é apenas o grande capital imobiliário que possui interesse naquela região, havendo também a presença de outros agentes do próprio meio que se dedicam a tentar regular aquele espaço como forma adquirir lucros. Em um processo que denominamos como “**especulação**

imobiliária”, ou seja, uma prática que consiste negociação dos espaços públicos efetuada por lideranças de feira com a cumplicidade dos agentes públicos.

1.2 - O uso da mercadoria política na Feira da Madrugada

Desde os tempos da Feira da Madrugada na Travessa General Carneiro, as divisões de espaço e as formas para obtê-lo ocorriam a partir de regras estabelecidas por grupos que tinham como função organizar os espaços e os trabalhadores, no caso as associações citadas ou sindicatos de ambulantes – estes se encarregavam de cobrar taxas pela utilização do espaço público. Na transferência da Feira da Madrugada para as ruas do Brás a mesma prática continuou ocorrendo. Outra finalidade das associações era a de conseguir junto aos agentes do estado a permissão para a utilização do espaço da rua, gerando assim um esquema de corrupção, onde os responsáveis pelas associações repassavam uma taxa aos funcionários públicos, como fiscais e policiais, os quais estabeleciam negociações com autoridades políticas a fim de possibilitarem a continuidade da feira, conforme relatam os nossos informantes.

Negociações entre camelôs, funcionários públicos, policiais e autoridades políticas já foram verificados em outras investigações sobre os espaços de comércio popular, conforme aponta Itikawa (2006). Na cidade de São Paulo essas práticas já vieram a público em ocasiões anteriores, às quais tiveram como resultado a instalação de CPIs na câmara de vereadores da cidade. Estas puderam demonstrar a complexa rede que articula funcionários públicos e lideranças dos trabalhadores. Como podemos ver:

A modificação dos atributos espaciais pelos trabalhadores informais não acontece somente como mercantilização da terra urbana (aluguel do ponto, por exemplo), mas também na divisão do espaço, loteando-o segundo regras específicas de poder. Existe uma delimitação de áreas de influência por parte de lideranças de trabalhadores para a venda organizada, dentro de uma hierarquia específica de distribuição, comercialização e comunicação. (ITIKAWA, 2006, Pág. 3).

Esses esquemas de corrupção foram denominados por uma dessas CPIs como a máfia das propinas, e guardam similaridades com os esquemas atuais relatados pelos nossos informantes, esses consistiam em uma liderança que arrecadava taxas que depois seriam distribuídas entre os diversos agentes públicos, Itikawa (2006), descreveu esse esquema:

A Ouvidoria do Município de São Paulo realizou investigação no mandato municipal entre os anos de 2000 a 2004, e concluiu que havia um esquema por ela denominado “máfia da propina”. Esse esquema era coordenado por agentes fiscais

da Subprefeitura Sé, responsáveis pela fiscalização do comércio de rua irregular. Eles extorquiam dinheiro dos trabalhadores em troca da permanência ilegal no espaço público. O Legislativo chegou a abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI e alguns servidores foram afastados. (ITIKAWA, 2006, Pág. 6).

Após a CPI de 1995, modificou-se a conduta da extorsão. Em 1995, o dinheiro era tomado dos trabalhadores de rua pelos próprios fiscais. As investigações os forçaram, no entanto, a mudar a estratégia de recolhimento da propina. A CPI de 1999 revelou que um representante dos próprios trabalhadores, cooptado pelos fiscais, era quem recolhia a propina. (CAMELÔS..., 1999). (ITIKAWA, 2006, Pág. 7).

Para explicar práticas como essa Misse (2002) desenvolveu o conceito de mercadoria política⁹, que consistiria em um mercado de proteção que tem como objetivo garantir o funcionamento dos mercados ilegais. Entre esses mercados o autor destaca os mercados de drogas, prostituição, jogos de azar e também os de uso do espaço público. Para Misse (2002), a mercadoria política surge quando agentes públicos se apropriam de espaços ou de prerrogativas que só cabem ao estado regular, gerando desta forma, um mercado de mercadorias políticas que sobreviveria de parasitar os mercados ilegais. Hirata e Telles (2010) fazem a seguinte observação sobre esse fenômeno:

No âmbito dos mercados informais, desde um modesto ponto de venda de CDs piratas ao pulsante comércio informal no centro da cidade, essa ampla circulação de bens e pessoas não poderia operar sem a transação das mercadorias políticas, o custo político dessas atividades, como diz Michel Misse (2006), justamente porque operam à margem das leis e regras formais. As mercadorias políticas, poderíamos dizer, compõem o modus operandi da gestão diferencial dos ilegalismos: corrupção, acordos na partilha dos ganhos, subornos, troca de favores, compra de proteção e práticas de extorsão que são mais ou menos ferozes conforme oscilam as micro conjunturas políticas, as disputas, o jogo de alianças feitas (e desfeitas), os interesses em jogo (cf. Freire, 2009). Fiscais, gestores urbanos, operadores políticos, agentes policiais operam nas dobras do legal-ilegal pelas vias das “ligações perigosas” (cf. Misse, 2006) entre os mercados informais e os mercados políticos (também ilegais) que parasitam os primeiros e condicionam grandemente o modo como estes se organizam e se distribuem nos espaços urbanos. São agentes que fazem uso de suas prerrogativas legais, a autoridade que o Estado lhes confere, para acionar dispositivos extralegais, deslizando entre acordos negociados, extorsão e uso da violência. (HIRATA, D; TELLES, 2010, Pág., 42).

As conversas realizadas com os nossos interlocutores apontaram que os espaços públicos utilizados pelos trabalhadores da Feira da Madrugada estiveram desde o seu início sujeitos a essas práticas descritas, sendo que os valores referentes às taxas de utilização desses espaços variavam de acordo com o período. Essa variação teria como causa as correlações de

⁹ Misse (2002) explica que o termo mercadoria política tendo como sua base a noção de capitalismo político desenvolvida por Max Weber, este serve para compreender as transações econômicas efetuadas a partir da força e não da livre concorrência, (MISSE, 2002).

forças entre os diversos agentes que exploram a mercadoria política daquele local (HIRATA, D; TELLES, 2010).

A entrada dos novos fluxos migratórios neste circuito de comércio teve como um dos seus desdobramentos a necessidade de mais espaços para a acomodação deste contingente. Porém, a entrada desses novos atores não era algo que agradava aos diversos grupos, uma vez que mais pessoas significariam uma maior concorrência e assim a redução dos ganhos. Sobre essa questão alguns camelôs brasileiros desse período acusam as lideranças da Feira da Madrugada como responsáveis pela entrada dos imigrantes bolivianos e chineses. Para eles, as lideranças da época estavam apenas interessadas nos ganhos que poderiam obter com a entrada de mais pessoas na feira, já que mais camelôs significava também um aumento na arrecadação das taxas de utilização dos espaços. Sobre esse momento Luiz um dos nossos interlocutores nos diz: “Foi cometido um grande erro a gente ter permitido a entrada dos bolivianos aqui, a gente não deveria ter deixado eles entrarem vendendo e produzindo, o certo erra a gente ter colocado eles pra produzirem e só a gente vendendo”.

Estas lideranças são caracterizadas pelos ambulantes da seguinte forma: de um lado existem aqueles que os veem como pessoas combativas e que defendem o interesse de toda a categoria, essa percepção é bastante comum no que se refere às lideranças mortas nos últimos anos, sendo que a morte de três lideranças pareceu bastante emblemática para os trabalhadores da feira. Embora nunca foi do nosso interesse discutir essa questão, em diversas ocasiões enquanto conversávamos com esses trabalhadores sobre a formação da feira e o seu funcionamento as mortes, ou temas ligados à corrupção policial e a existência de máfias naquele local vinham à tona, mesmo quando não perguntávamos a respeito. Tal situação ocorreu já nas primeiras conversas realizadas, quando esse tema apareceu de forma espontânea, o que explicita a constante presença dessas questões no cotidiano desses trabalhadores.

Por outro lado, existem os camelôs que consideram essas mortes como o resultado de disputas internas dentro das associações e dos sindicatos dos ambulantes, e outros que culpam essas lideranças pela entrada dos imigrantes na Feira da Madrugada, ressaltando sempre que estas lideranças estariam somente interessadas nos seus próprios ganhos. Sobre essa questão um dos interlocutores¹⁰ diz: “Dizem que eles morreram porque defendia os camelôs que

¹⁰ O nosso interlocutor é conhecido pelo apelido de Baleia, trata-se de um camelô brasileiro inserido na Feira da Madrugada desde o começo dos anos 1990 quando esta ainda estava localizada na Rua 25 de Março, tendo atuado desde o seu início na confecção e comércio de artigos têxteis.

fulano era herói, mas herói coisa nenhuma, morreu por causa de briga entre eles, por causa de dinheiro, poder, herói nunca morre você já viu herói morrer, já viu o Batman morrer, o Super-Homem morrer”.

Observa-se uma visão bastante ambígua a respeito das lideranças dos ambulantes, essa ambiguidade pode ser vista nas matérias de jornal veiculadas por ocasião do assassinato do sindicalista Afonso José da Silva, o Afonso Camelô, presidente do Sindicato dos Camelôs Independentes de São Paulo, que ficou conhecido em 1999 por ter denunciado um esquema que denominado de máfia dos fiscais. Já nesta época Afonso sofria ameaças de morte, o que fez com que ele entrasse no programa de proteção a testemunhas. No entanto, apesar do seu histórico de denúncias a sua morte foi apontada como sendo parte de uma disputa de poder entre os diferentes grupos interessados no comando da Feira da Madrugada, tal como podemos ver na matéria veiculada pelo jornal o Estado de São Paulo do dia 16 de dezembro de 2010:

Uma disputa pela proteção oferecida aos camelôs clandestinos que atuam no Brás, na região central, pode ter motivado o assassinato do presidente do Sindicato dos Camelôs Independentes de São Paulo, Afonso José da Silva, de 40 anos. Por R\$ 120 mensais, Afonso oferecia proteção e segurança para os associados da sua entidade que trabalhavam na rua sem licença. Ele também vendia pontos clandestinos na Feira da Madrugada por R\$ 10 mil, segundo relatos de seus associados. Cerca de 600 ambulantes são filiados ao sindicato criado por Afonso em 1996. Para a diretora da Divisão de Homicídios da Polícia Civil, Elisabete Sato, a hipótese de latrocínio (assalto seguido de morte) está descartada. Na segunda-feira, Afonso recebeu uma ameaça de morte, segundo depoimento prestado pelo seu segurança particular, Carlos Derlan Costa da Silva, de 23 anos. Outros líderes do sindicato disseram ao Estado que antigos membros da diretoria da entidade queriam tomar o posto de Afonso, considerado uma espécie de "patrono" dos camelôs ilegais. Site do jornal o Estado de S. Paulo, (ZANCHETTA, 2010).

Neste mesmo texto o repórter apresenta outra visão a respeito de Afonso, ao entrevistar um camelô membro do sindicato que apresentava o líder como alguém que ajudava os ambulantes a se estabelecerem no comércio popular, sendo responsável pela inserção de diversos imigrantes na Feira da Madrugada. Como podemos ver em Zanchetta:

(...) “Mesmo que alguém abra outro sindicato, ninguém jamais conseguiria ser tão popular quanto o Afonso. Ele transformava em camelôs bolivianos e nordestinos que chegavam em São Paulo sem ter o que comer”, relatou José Vicente Silvério, de 45 anos, associado ao sindicato. (ZANCHETTA, 2010).

Aqui não nos aprofundaremos nesta questão, por não ser o objetivo dessa investigação. Nós só a citamos como uma forma de poder esclarecer melhor ao leitor sobre o contexto

existentes na Feira da Madrugada, até porque não podemos e não é nosso objetivo realizar especulações sobre a participação de Afonso Camelô ou de outra pessoa nas práticas descritas. A principal questão ou o tema central que move nosso problema de pesquisa envolve entender como ocorrem as dinâmicas de ocupação de espaço na Feira da Madrugada para avançarmos ao nosso objetivo principal que é compreender como ocorre a inserção dos imigrantes bolivianos nesse espaço.

No entanto, o quadro apresentado nos aproxima das ideias expostas por autores como Misse, Telles e Hirata. Para estes autores a compreensão sobre o funcionamento de mercados, como a Feira da Madrugada, passa por questões como as dinâmicas dos mercados de proteção para estes espaços, configurando-se assim no conceito de mercadoria política do qual falamos anteriormente. Além disso, observa-se também uma relação sempre permeável nestes espaços, mas não restrito a eles, que é a relação entre o legal e ilegal, formal e informal, lícito e ilícito. Tais relações sempre estiveram presentes na estrutura do capitalismo, porém, devido às reestruturações econômicas, elas passam a se estruturar com maior força a partir da década de 1980, ocasião em que essas relações deixaram de ter uma condição periférica dentro do sistema, para se tornarem cada vez mais centrais para a economia capitalista, (HARVEY, 2004).

No entanto, as transformações ocorridas no interior da feira resultaram também em uma mudança no papel exercido por essas lideranças. Diante da retirada quase total dos camelôs situados nas ruas, muitos dos líderes das associações e sindicatos de camelôs tornavam-se agora gestores dos bolsões de compras, se dedicando a disponibilizar novos espaços para abrigar os ambulantes impedidos de trabalhar nas ruas. Uma das últimas ações nesse sentido ocorreu no segundo semestre de 2012 quando um grande grupo de camelôs que atuavam na Rua São Caetano foram impedidos de utilizarem a rua como espaço de trabalho. Como consequência dessa ação os camelôs tiveram que se estabelecer em outro local, o que resultou no surgimento de um espaço conhecido como Feira da Concórdia, este se trata de um conjunto de galpões desocupados localizados próximos ao Largo da Concórdia, portanto, a uma distancia maior do núcleo principal da feira nas imediações do Pátio do Pari. Na figura abaixo podemos ver a distancia entre os locais.

FIGURA 11: DISTÂNCIA ENTRE O PÁTIO DO PARI E O LARGO DA CONCÓRDIA

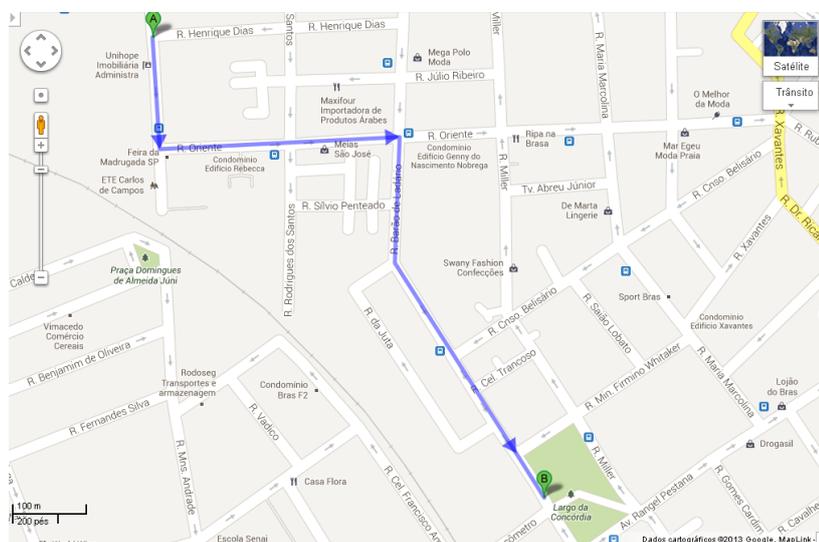


Figura 11: Mapa indicando a distância entre o Pátio do Pari e a Feira do Largo da Concórdia. Fonte maps.google.com.br – Acessado em 20/06/2013.

Para este espaço se transferiram principalmente os imigrantes bolivianos, os quais acabaram por transformar a Feira da Concórdia em um dos principais pontos de comércio de artigos têxteis da Feira da Madrugada, embora possuam denominações diferentes a Feira da Concórdia e a Feira da Madrugada fazem parte do mesmo circuito de comércio popular, sendo a primeira apenas uma extensão da segunda, e desta forma, um resultado das dinâmicas que permeiam os espaços de comércio popular da cidade, onde a cada nova intervenção do poder público uma nova rodada de conflitos seguidos por uma reorganização se estabelece no interior deste circuito, produzindo efeitos tanto na organização espacial como no equilíbrio de poder entre os grupos que atuam na feira.

Além de continuar se expandindo pela região do Brás ocorreu nos últimos anos um retorno da Feira da Madrugada para a Rua 25 de Março. Porém, este retorno não ocorreu com os mesmos camelôs que a ocupavam anteriormente, mas com novos sujeitos que passaram a ocupar aquele local utilizando-o novamente como um espaço de comércio popular. A grande expansão da feira produziu como um dos seus efeitos uma maior dispersão dos compristas, e assim uma redução nos lucros dos trabalhadores, que passam a enfrentar uma concorrência cada vez maior, motivada pela entrada de novos trabalhadores neste circuito, sobretudo, imigrantes. Assim, o circuito de comércio popular da Feira da Madrugada vem se

consolidando ao lado do setor têxtil como os principais espaços de inserção para os grupos imigrantes na cidade, entre esses grupos temos os bolivianos.

1.3 A presença boliviana na Feira

Para finalizar este capítulo queremos destacar a importância da Feira da Madrugada para um novo padrão de inserção dos imigrantes na cidade de São Paulo, em particular a comunidade boliviana, sendo este um fato já apontando por outros autores como Freitas (2009), Freire (2009), Silva (2011) e Preturlan (2012). Segundo o relato dos nossos informantes, os bolivianos começaram a se inserir na feira a partir do início da década de 2000, Preturlan (2012) também coloca este período como sendo a data de inserção dos imigrantes bolivianos no comércio popular. Período em que coincidem com a transferência da Feira da Madrugada da Rua 25 de Março para o bairro do Brás. Se antes os imigrantes já estavam próximos da feira, devido aos circuitos de trabalho que se interligavam, agora a partir da sua transferência os laços e as relações passaram a se intensificar cada vez mais, uma vez que o bairro do Brás foi um dos primeiros espaços de moradia e trabalho para estes sujeitos na cidade.

Conforme já colocamos o bairro do Brás neste período se tratava de uma área em “deterioração urbana”, neste meio construído predominavam as antigas fábricas dos tempos do bairro operário, e é neste meio associado ao bairro do Bom Retiro que forma-se o circuito de produção têxtil da cidade de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1980 (SILVA, 2012). Os bairros do Brás e do Bom Retiro se consolidaram como eixos centrais para este circuito de produção, e por consequência também para a inserção de diversos grupos de imigrantes, além dos bolivianos também se inseriram neste circuito migrantes do Nordeste do país, imigrantes coreanos e mais recentemente temos a presença de paraguaios, por essas razões a indústria têxtil vem se caracterizando como um dos principais espaços para a inserção de imigrantes, fato esse que não se restringe apenas a cidade de São Paulo, mas que pode ser observado em diversas metrópoles do mundo. Esta indústria têxtil contemporânea encontra nos ambientes deteriorados da cidade e na mão de obra precarizada dos imigrantes as condições propícias para o seu desenvolvimento e expansão conforme veremos no capítulo seguinte.

Devido a essas condições, a inserção boliviana no bairro do Brás é anterior ao próprio surgimento da Feira da Madrugada na região. No entanto, a intensidade deste processo impede que façamos uma genealogia sobre a inserção dos primeiros imigrantes, os depoimentos colhidos levam a crer que os primeiros bolivianos presentes na feira se destacaram na produção de bolsas femininas, um produto na época com grande saída e pouca concorrência, no capítulo três analisaremos melhor o circuito de produção deste artigo específico. Todavia, as narrativas recolhidas possuem as suas limitações, especialmente quando esses os sujeitos supervalorizam o seu papel no desencadear de um processo social, isto pode ser observado na conversa que estabelecemos com Gaúcho uma importante liderança da Feira da Madrugada na época em questão. Segundo o nosso informante que na época atuava como uma liderança na Feira da Madrugada a inserção dos primeiros bolivianos na feira aconteceu após um conflito entre um dono de uma oficina de costura coreano e os seus funcionários bolivianos. O proprietário do estabelecimento não tendo como pagar aos seus funcionários ele acabou por fugir deixando as máquinas para trás, assim, esses trabalhadores ficaram com as máquinas e as mercadorias, mas não teriam para quem vender, seria neste momento que o nosso informante teria desempenhado um papel-chave, proporcionando um espaço para estes sujeitos revenderem seus produtos.

Aqui não se trata de negar a versão do nosso informante, mas de problematizá-la e observar os eixos da sua fala que nos ajudam a compreender a inserção boliviana neste espaço. Entre esses eixos, destacamos a relação que alguns bolivianos passaram a estabelecer com as diversas lideranças da feira. De fato para qualquer trabalhador imigrante ou não se inserir nestes espaços de trabalho ele necessita de construir uma relação de proximidade e uma rede de contatos com as lideranças responsáveis pela organização do comércio popular. Como vimos no tópico anterior, estes espaços se caracterizam pelo intenso controle estabelecido pelos diversos agentes que administram esses espaços e as suas relações.

Outro dado que chama a atenção na fala do nosso interlocutor é quando ele diz que, a partir de um pequeno grupo, outros imigrantes foram se inserindo, estabelecendo-se assim em uma rede contatos, agora não mais entre o imigrante boliviano e uma liderança da feira, mas entre os próprios imigrantes que passam a intermediar junto às lideranças para a entrada dos seus compatriotas nestes espaços. Nas conversas que realizamos junto aos camelôs bolivianos a inserção sempre é descrita a partir de um contanto com um amigo ou parente que lhe sugere

o trabalho no comércio popular ao invés do trabalho como prestadores de serviço aos imigrantes coreanos.

Como podemos ver as redes sociais cumprem um papel importante para o trabalho desses imigrantes, a dinâmica de trabalho no setor têxtil faz com que haja uma grande rotatividade entre oficinas e fornecedores de serviço, uma vez que o oficinista¹¹ está sempre procurando a encomenda de um trabalho que se mostre mais rentável, o que faz com que as relações com outros oficinistas e demais fornecedores de encomendas seja algo vital para a sua atividade. Com o conhecimento que os imigrantes adquiriram sobre a Feira da Madrugada estes sujeitos contam que passaram a avaliar os prós e os contras do novo empreendimento, alguns inicialmente continuaram conciliando a produção para a sua banca com as encomendas dos empresários coreanos. Sobre esse momento os nossos interlocutores contam que não tinham muito que perder ao tentar essa outra atividade, afinal “se não desse certo era só voltar a trabalhar com as encomendas dos coreanos”.

No entanto, os bons rendimentos obtidos no comércio popular fizeram com que os bolivianos deixassem de prestar serviço aos coreanos, como mostramos na introdução mais de um dos nossos interlocutores apontaram este período como sendo “a libertação do domínio dos coreanos”. O que ocorreu foi que devido à abertura de um novo canal de trabalho para os bolivianos, estes puderam estabelecer uma maior independência em relação aos empresários que controlam grande parte do circuito têxtil. Essa maior independência resultou num primeiro momento em um aumento do custo da mão de obra, que passa a ficar escassa devido à transferência destes trabalhadores para o comércio popular, no entanto, a escassez de mão de obra se mostrou apenas momentânea, uma vez que novos fluxos de imigrantes passam a chegar e a se inserir nas ocupações mais precárias do circuito têxtil, esse fato pode ser verificado não apenas com a chegada de mais imigrantes bolivianos, mas também com a crescente presença de trabalhadores paraguaios que passaram a exercer a função de costureiros.

Além de proporcionar uma maior independência em relação aos coreanos o comércio popular também significou para estes sujeitos a possibilidade de realizar uma mobilidade ascendente dentro da sua trajetória migratória. Dentro do contexto interno da comunidade se inserir nestes espaços pode representar uma melhoria no padrão de vida, uma melhora no

¹¹ Oficinista é a forma como são chamados os donos das oficinas de costuras.

nível de renda, e também um melhor status social, contrastando assim com a ocupação de costureiro, visto pelos próprios sujeitos como a ocupação mais precária dentro da comunidade. Esse papel do comércio popular foi apontado por Freitas (2009):

Em relação à comunidade boliviana ligada à costura e que já possui sua pequena oficina domiciliar, esse grande mercado para a comercialização de roupas e acessórios aparece, para muitos, conforme foi possível verificar no trabalho de campo, como uma forma de adquirir autonomia em relação aos seus empregadores lojistas, pois esse mercado possibilita que comercializem diretamente sua produção. (FREITAS, 2009, Pág. 6 e 7).

Outros autores também abordaram a presença boliviana na Feira da Madrugada e em demais áreas de comércio popular. Freire (2008) observou uma conciliação entre o trabalho no comércio de rua, nas oficinas de costura e as encomendas de produtos têxteis feitas por terceiros a estas oficinas, dessa forma o autor identificou uma fluidez nas atividades exercidas por esses sujeitos (FREIRE, 2008). Por outro lado, Preturlan (2012) identificou o comércio popular como uma alternativa de trabalho aos imigrantes bolivianos, antes restritos ao trabalho nas oficinas de costuras. A autora ainda destaca o papel que a nova ocupação exerce sobre a mobilidade social ocorrida a uma parte dos membros deste grupo, essas questões levantadas pela autora vão ao encontro dos dados que obtivemos nessa pesquisa, sendo que entendemos este processo de construção de uma nova alternativa de trabalho e a consequente mobilidade proporcionada por esta, como sendo o resultado de um processo de acumulação de experiências destes sujeitos dentro da metrópole.

Freire (2009) usou a noção de *acumulação de experiências* para explicar a escalada de posições da comunidade boliviana dentro do circuito de produção têxtil afirmando que: “Depois de trabalharem para os coreanos e acumularem experiência no trabalho com costura, os bolivianos abrem suas próprias oficinas para prestarem serviços por encomenda.” (FREIRE, 2008, Pág. 10). No entanto, o autor utiliza esse termo apenas para se referir à ascensão interna obtida dentro do circuito têxtil. Aqui pensamos a noção de acumulação de experiência como algo mais amplo, não restrito somente ao setor têxtil ou as trajetórias dos indivíduos, mas, em um processo que mescla ações individuais e coletivas, sobretudo, as ações políticas que resultam em processos de empoderamento dos imigrantes, conforme afirmamos no decorrer deste texto a própria inserção destes sujeitos no comércio popular e na

Feira da Madrugada, bem como a mobilidade econômica pela qual alguns sujeitos tiveram acesso é resultado deste processo, no capítulo três discutiremos esta questão em específico.

Embora o comércio popular ainda possa ser uma opção mais atrativa do que a oficina de costura no contexto atual, se inserir no comércio popular não significa necessariamente a garantia de grandes ganhos econômicos conforme ocorreu para os primeiros sujeitos inseridos, se há alguns anos era possível dentro de um curto espaço de tempo de trabalho adquirir bens como casa própria e carro, a mesma facilidade não vem sendo encontrado atualmente. Essa maior dificuldade estaria relacionada diretamente com a queda da lucratividade do comércio popular devido ao aumento do número de trabalhadores presentes neste circuito. Apesar da atual redução dos ganhos, o fato dos imigrantes bolivianos estarem inseridos na Feira da Madrugada e nos demais espaços de comércio popular representa o desdobramento de uma série de conflitos travados pelos membros desse grupo no decorrer da sua trajetória na cidade, recuperar essa trajetória é a proposta do próximo capítulo onde apresentaremos contexto histórico que constituiu este fluxo.

A INSERÇÃO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Autores de diferentes áreas veem estudando a imigração boliviana para a cidade de São Paulo e o direcionamento desse fluxo migratório para o trabalho nos circuitos¹² de produção têxtil¹³ da RMSP, tentando compreender como e porque ocorre esse direcionamento. Freitas (2009) apresenta como tese para essa relação o funcionamento de um circuito transnacional de subcontratação entre os dois países, esse circuito consistiria em um mercado de práticas e serviços ilegais especializado em recrutar trabalhadores no país vizinho com a finalidade de servirem como força de trabalho nas oficinas de costura da RMSP. Além do aliciamento, os operadores desse circuito seriam responsáveis pela viagem, por garantirem o cruzamento desses imigrantes pela fronteira entre os dois países e pela inserção deste imigrante nas oficinas de costura da cidade. Segundo Silva (1997), os operadores desse circuito atuariam de forma semelhante aos coiotes entre a fronteira dos Estados Unidos com o México.

Esse circuito se mostrou vital para o estabelecimento do fluxo de imigrantes bolivianos que passaram a vir para o Brasil em um número cada vez maior a partir do começo dos anos 1980. Porém a história dos imigrantes bolivianos na cidade tem início algumas décadas antes. Conforme aponta Silva (1997), os primeiros fluxos de imigrantes bolivianos chegaram à cidade ainda na década de 1950. Para o autor este fluxo inicial se deve a acordos bilaterais entre os governos dos dois países que possibilitaram um intercâmbio de estudantes bolivianos no Brasil, que após a conclusão dos estudos permaneceram no país e aqui fixaram residência.

Num primeiro momento, tínhamos a presença dos que vinham com o intuito de estudar mas que, após o término dos estudos, acabavam ficando por aqui. Em outros

¹² Ao longo desta dissertação a palavra circuito será usada com bastante frequência, isso se deve principalmente a forma como esse conceito vem sendo utilizado na literatura referente a imigração boliviana. Na pesquisa de Freitas (2009), a palavra circuito é utilizada para se referir as redes e fluxos de contratação de trabalhadores entre o Brasil e a Bolívia. No trabalho de Silva (2012), a palavra circuito faz referência a indústria têxtil da cidade de São Paulo. Nesta pesquisa o termo também é empregado para fazer referência à Feira da Madrugada, que conforme denominação dos sujeitos que a compõem seria “o maior circuito de comércio popular da América Latina”.

¹³ Em outros textos podemos ver o circuito de produção têxtil sendo denominado como indústria têxtil ou setor de produção têxtil, ambos possuindo o mesmo sentido, aqui se optou pela denominação circuito de produção têxtil, denominação que foi cunhado por Silva (2012), por vermos nela e no conceito de circuito uma expressão mais bem elaborada para descrever as práticas que compõem esse setor econômico.

casos eram profissionais liberais que aqui vieram em busca de uma especialização e de melhores oportunidades de trabalho. (SILVA, 1997, Pág. 13).

O processo emigratório de bolivianos para o Brasil e particularmente para São Paulo, iniciou-se a partir do decênio de 1950, com a presença de jovens que vinham para estudar ou trabalhar e depois permaneciam no país, formando hoje o grupo dos residentes bolivianos, os quais são em geral pequenos empresários e profissionais liberais. (SILVA, 1997, Pág. 82).

No entanto, a tese defendida por Silva (1997) é rebatida por Xavier (2010) que questiona a capacidade desses acordos bilaterais como um fator de mobilização para este fluxo migratório. Como argumento, Xavier aponta que esses acordos tratavam de questões distintas, sem um foco específico na questão migratória ou no intercâmbio estudantil, ademais o principal acordo firmado entre os dois países, o Ato de Roboré, foi assinado já no final da década no ano de 1958, portanto, sem uma influência para o fluxo de entrada anterior a sua assinatura. Por fim, a autora defende que essa teoria foi construída a partir da análise do pequeno contingente de imigrantes bolivianos que entraram no país nas décadas anteriores de 1930 e 1940, esse contingente se torna irrisório quando comparado ao fluxo que passou a entrar no país na década de 1950.

As origens da migração de bolivianos ao Brasil aparecem na literatura como resultado, no entanto, de um conjunto de medidas de outra natureza. De acordo com a tese mais difundida (senão a única), a partir dos trabalhos de Sidney da Silva (1995, 1997, 1998, 2003, 2005, 2006, 2007, 2008b, 2008a) – que ecoou em quase todos os estudos sobre bolivianos no Brasil (Cymbalista e Xavier, 2007; Freitas, 2010, Silva, 2008 entre outros) – o primeiro fluxo durante a década de 1950 esteve relacionado com um acordo bilateral de intercâmbio cultural que favorecia, entre outros elementos, a entrada de estudantes bolivianos no país, muitos deles tendo permanecido em terras brasileiras depois de formados (Silva, 1997). Em um de seus textos (1997), fica implícito que a migração que resultava do acordo estava dirigida diretamente a São Paulo, embora em outros trabalhos, como em Silva (2006), o autor também cite histórias de vida de bolivianos que se dirigiram a outras cidades nesse período, como Rio de Janeiro.

De acordo com as fontes a que tivemos acesso, esse convênio bilateral foi firmado em 1958 e fez parte de um conjunto de acordos entre Brasil-Bolívia com objetivos diversos – como resolver questões em torno da exploração de petróleo, pendências na demarcação de limites entre os países, na área de transporte ferroviário, comércio, promover o intercâmbio cultural, entre outro medido – denominado Ata de Roboré. Além disso, Andrade (2004) mostra que, já no início da década de 1950, também houve um projeto de cooperação científica Brasil-Bolívia na área de física, revelando que o histórico de acordos entre os dois países pode ser ainda mais amplo. Em trabalhos sobre a ocupação de uma das áreas da fronteira Brasil-Bolívia (o caso do estado do Mato Grosso do Sul), Manetta (2009) indica também a existência de intercâmbios comerciais entre os dois países na década de 1960, relacionados especificamente às áreas fronteiriças, embora não explicita se existiram acordos formais/políticos nesse sentido. (XAVIER, 2010, Pág. 44 e 45).

Para a autora, esse fluxo de imigrantes bolivianos, iniciado na década de 1950, ocorre devido ao bom momento vivido pela economia brasileira (XAVIER, 2010), onde o país atraía

não apenas bolivianos, mas também imigrantes dos demais países da América do Sul. Esse fluxo vindo dos países limítrofes possuía como principal característica o elevado nível educacional desses sujeitos, em grande parte formada por profissionais liberais que compõem a primeira geração de imigrantes latino-americanos. Podemos ver um pouco sobre o perfil desses imigrantes na matéria vinculada pelo site UOL do dia 16 de junho de 2013, intitulada **“Bolivianos se tornam a segunda maior colônia de estrangeiros em SP”**.

A reportagem apresentou como representantes dessa primeira geração o engenheiro Marcelo Gutglas, 72, e o médico ortopedistas, Hermógenes Tapia Rojas, 75, ambos vieram para o Brasil na década de 1950, primeiro para estudar e posteriormente para trabalhar e acabaram aqui fixando residência. A reportagem também expõem algumas das diferenças entre os imigrantes do primeiro fluxo e os do segundo fluxo. “Os representantes dessa primeira geração de bolivianos na metrópole têm ascendência europeia e moram hoje em bairros ricos, como Higienópolis e Morumbi” (PEREIRA, 2013). A mesma observação foi feita por Freire (2009) em sua análise sobre o perfil dessa primeira geração:

De forma que o perfil destes primeiros imigrantes é diferente do perfil dos imigrantes mais recentes, além de uma quantidade bem menos expressiva. Em sua maioria, eram imigrantes de classe média, em grande parte com formação em ensino superior, muitos deles tendo se destacado aqui como médicos, dentistas, contadores, advogados. (FREIRE, 2009, Pág. 6).

Nas décadas seguintes, o fluxo de imigrantes vindos dos países vizinhos continuou alimentado principalmente pela perseguição política existente na época. Neste período, a região conhecida como Cone Sul da América latina estava mergulhada em ditaduras militares, em um clima de intensa perseguição. Muitas pessoas acabaram sendo obrigadas a migrar como forma de escapar da repressão existente em seus países, aumentando assim a circulação de pessoas por toda a região, neste cenário muitos vieram para o Brasil, mesmo aqui também havendo uma ditadura.

No Brasil esses imigrantes¹⁴ encontraram mais dificuldades para se estabelecerem isso ocorreu devido aos entraves que passaram a serem impostos pelo estado brasileiro, tendo como principal motivação para essas restrições a política de colaboração entre o estado brasileiro e as demais ditaduras dos países vizinhos¹⁵. Em todos os países que compõem a

¹⁴ Segundo o Souchaud (2008) entre os imigrantes que entraram no país nesse período fugindo dos regimes autoritários os principais grupos seriam formados por chilenos, argentinos e uruguaios.

¹⁵ A colaboração entre os governos militares desse período ficou conhecida como operação condor, que consistia em um auxílio mútuo entre as ditaduras dos países do cone sul que visavam perseguir os opositores dos seus respectivos regimes.

região do Cone Sul os governos passaram a criar medidas que dificultassem a permanência dos imigrantes latino-americanos. Já nos primeiros anos da ditadura o governo militar começou a editar uma série de decretos-lei que objetivavam reprimir a organização política, bem como tudo aquilo que era considerado uma ameaça ao bom funcionamento do regime, entre estes decretos o mais importante foi o Ato Institucional nº 5 editado no final do ano de 1968.

No ano seguinte foi editado um novo decreto-lei, dessa vez visando especificamente os estrangeiros residentes no país, os quais segundo a visão do governo militar poderiam colocar em risco a segurança e a ordem nacional, o alvo dessa medida eram principalmente os refugiados das ditaduras dos países vizinhos pertencentes ao Cone Sul, estes corriam o risco de serem enquadrados no decreto-lei nº 941 de 1969, cuja função principal era a de regular a expulsão de estrangeiros que o regime considerasse como nocivos. Conforme vemos em Bonassi, “no Brasil em 1969, edita-se uma lei especial regulando a expulsão do estrangeiro que atentasse, sobretudo contra a segurança nacional, a ordem política ou social, ou cujo procedimento o tornasse nocivo ou perigoso aos interesses nacionais” (BONASSI, 2000, pág. 38).

Como podemos ver durante as três décadas apresentadas (1950, 1960 e 1970) ocorreu na cidade de São Paulo um fluxo constante, porém não numeroso de imigrantes latino-americanos. A partir dos anos 1980 esse fluxo se intensifica ao mesmo tempo em que ocorre uma mudança no perfil dos novos imigrantes, nesse momento os bolivianos passaram a ser o grupo mais numeroso a ingressar no país. Da mesma forma, também entre os bolivianos, começou a haver uma mudança no imigrante que passou a ingressar na cidade a partir desse período, diferente do grupo que havia chegado ao país nos anos 1950. Esses novos imigrantes se caracterizavam por uma menor qualificação profissional. Preturlan (2012) analisou o perfil desses sujeitos que passaram a vir para o Brasil, constando que a maioria desses sujeitos atuava em atividades pouco remuneradas e baixa exigência de qualificação:

Aqueles que já trabalharam anteriormente na Bolívia estavam em ocupações manuais pouco valorizadas: eram pedreiros na construção civil, carpinteiros, vendedores ambulantes, garçons, mineiros, mecânicos, costureiros, entre outros. Uma característica comum é a inserção precária no mercado de trabalho: em geral, tratava-se de vínculos empregatícios voláteis e com grande rotatividade, indicando variação significativa entre tipos de ocupação a depender das oportunidades do mercado de trabalho. Alguns deles até mesmo começaram a trabalhar ainda crianças, a partir dos 10 anos de idade, especialmente no comércio ambulante. Uma quantidade significativa teve sua primeira inserção no mercado de trabalho no Brasil, e veio logo após completar os estudos – ou abandoná-los. (PRETURLAN, 2012, Pág. 58).

Estes eram em sua grande maioria provenientes da região do altiplano boliviano, com destaque para a cidade de El Alto que integra o complexo urbano de La Paz. Situada no departamento de La Paz a cidade de El Alto estabeleceu-se como um ponto de passagem tanto para os fluxos migratórios externos direcionados as metrópoles dos países vizinhos, como Buenos Aires na Argentina e São Paulo no Brasil, mas também para os fluxos internos em direção as regiões de atração populacional como a planície amazônica, onde esta localizada a cidade de Santa Cruz, principal polo de atração do país. Além do departamento de La Paz fazem parte do altiplano os departamentos de Oruro e Potosí, mesmo sendo a região mais populosa do país o altiplano têm se caracterizada como uma região de expulsão populacional, o que por sua vez vem garantindo a El Alto a condição de eixo central na redistribuição dos fluxos migratórios do país.

Nesse sentido, ao centralizar hoje grande parte dos fluxos populacionais internos ao país, El Alto, que não possui recursos para manter toda essa população em meio á tamanha precariedade e pobreza, vem se constituindo como uma espécie de “reservatório populacional”, função que colocaria a cidade ao mesmo tempo, no papel de distribuidor de população para outros locais. Isso porque a centralidade de El Alto no que se refere à migração, a mobilização cultural/política, etc.; tem uma dupla implicação: é capaz de atrair um enorme contingente populacional, mas também influencia a saída de muitas pessoas do município. Sendo assim, coloca-se a possibilidade de se pensar na cidade de El Alto atuando na cena migratória boliviana em duas frentes: de atração e de expulsão populacional. (XAVIER, 2009, Pág. 17).

Além do altiplano, a Bolívia também é constituída por outras duas regiões, como a já citada região da planície amazônica, da qual fazem parte os departamentos de Santa Cruz, Beni e Bando, e a região dos vales ou zona subandina, composta pelos departamentos de Cochabamba, Tarija e Sucre. Cada uma dessas regiões é composta por particularidades geográficas e culturais específicas, sendo a altitude um diferencial em cada uma delas. Desta forma, as três principais cidades do país estão localizadas em uma região de altitude específica, estando Santa Cruz a 416 metros de altitude, Cochabamba a 2570 e La Paz a 3640. Essa diferença geográfica é acompanhada de diferenças culturais, principalmente no que se refere aos grupos linguísticos, predominando nos vales os falantes do grupo linguístico quéchua, enquanto que no altiplano a maioria é composta por falantes de aimará. Sobre a composição étnica da população boliviana, Xavier (2010), utilizando os dados do Censo¹⁶

¹⁶ O censo em questão corresponde ao INE. Bolívia: Características Sociodemográficas de la Población. La Paz: UNFPA/ INE, 2003a.

2001¹⁷, mostra que no país 50% da população pertence a algum grupo indígena, estes seriam formados por trinta e seis povos, porém levando-se em conta o critério de autoidentificação cerca de 62% da população boliviana seria pertencente a algum grupo indígena (XAVIER, 2010). Em relação ao departamento de La Paz e ao município de El Alto, observa-se que:

Existe uma forte predominância aimará, embora exista também a presença da cultura quíchua: juntas, compõem e caracterizam a região andina da Bolívia. Ainda, de toda a população do departamento de La Paz (2.350.466), 77,5% da população censada se identifica com algum povo originário, sendo que, destes, 68,4% se identificam com a etnia aimará, além do fato de que 78% dos falantes da língua aimará moravam nesse departamento em 2001 (XAVIER, 2010, Pág. 23).

Essa mesma situação pode ser observada em São Paulo onde a maioria dos imigrantes bolivianos é falante do Aimará. Outra diferença existente no país é a que divide a população entre colas e cambas, tal divisão refere-se à forma como são chamados os moradores do altiplano denominados colas e os das regiões tropicais que são chamados de cambas. Entre os dois grupos existe uma rivalidade histórica exposta na maneira como cada grupo caracteriza o outro, para os colas os cambas são vistos como avessos ao trabalho pesado. Podemos observar essa representação a respeito dos cambos durante a pesquisa de campo, quando um boliviano vindo de La Paz comparou os bolivianos de Santa Cruz aos brasileiros vindos do Norte, os quais são caracterizados pelos brasileiros do Sul da mesma forma, dizendo “o camba é como os baianos aqui pra vocês, gente tranquila se tiver o que comer come”. Já do lado dos cambas os colas seriam pessoas com o espírito depredador semelhante ao dos colonizadores espanhóis (SILVA, 1997).

Para Silva (1997), essas caracterizações têm como fundo o ideário do determinismo climático, onde as características dos povos são definidas unicamente a partir da sua interação com o meio ambiente, neste sentido a aversão ao trabalho com a qual os cambas são caracterizados tem a sua origem neste ideário o qual tenta justificar esse descomprometimento como sendo um resultado dos benefícios que esse grupo possui ao viver em um ambiente mais fértil e de clima mais amena, por sua vez os colas habitantes do Altiplano devido as dificuldades do ambiente teriam desenvolvido um maior espírito comunitário (SILVA, 1997).

¹⁷ Com base no mesmo censo de 2001 Souchaud e Baeninger (2008) apontam os seguintes dados “62,1% da população de 15 anos e mais (3.142.828 pessoas) se autodesignava como nativa, sendo 30,7% quíchuas (1.555.459), 25,2% aimarás (1.277.897), 1,6% guaranis (78.507), 2,2% chiquitanos (112.443), 0,9% mojeños (43.052) e 1,5% de outros grupos nativos (75.468).” (SOUCHAUD, BAENINGER, 2008).

FIGURA 12: MAPA DA BOLÍVIA E SEUS DEPARTAMENTOS



Figura 12: Os departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando compreendem a região da planície amazônica, os departamentos de Cochabamba, Sucre e Tarija a zona subandina, enquanto os departamentos de La Paz, Oruro e Potosí compreendem ao altiplano. Fonte: www.wikipédia.org

Conforme citamos anteriormente a região do altiplano vem se configurando como um espaço de expulsão populacional. Dentre os fatores que contribuem para isso estão às crises agrárias que ocorreram no século XX que resultaram na falta de terras suficientes¹⁸ para o tamanho da população, a crise do setor de mineração¹⁹ que era um dos principais empregadores do país, e as duas décadas de recessão no país resultado das políticas neoliberais²⁰ empregadas pelos seus governos (SILVA, 1997; MAZZOCANTE, 2012).

¹⁸ A questão agrária sempre foi central para a sociedade boliviana, no século XX começaram a se intensificar as disputas entre os grandes latifundiários concentrados, sobretudo na região oriental do país e os camponeses pertencentes a grupos indígenas que utilizavam a terra segundo modelos comunitários, estes se concentravam principalmente na região do altiplano boliviano. A partir de 1952 começa a ocorrer um processo de reforma agrária no país, apesar dos benefícios que advém desse processo, ele acaba desestruturando os tradicionais modelos de uso comunitário da terra, uma vez que o modelo de reforma agrária adotado passou a privilegiar a propriedade individual ao invés da propriedade coletiva, o que vai resultar em constantes crises pela posse da terra.

¹⁹ A mineração foi o principal empregador da população boliviana, a caracterização do país como fornecedor de minérios tem a sua origem ainda no período colonial quando a então colônia espanhola foi a principal fornecedora de prata durante pelos menos dois séculos. Já no século XX o país passa a ser o principal exportador de estanho.

²⁰ A Bolívia assim como os demais países da América Latina sofreu com os impactos das políticas neoliberais que começaram a ser implantadas no continente a partir da década de 1980, dentre as ações que estas

Segundo Singer (1973), citado por Soares (2004), os fluxos migratórios ocorrem devido à desigualdade gerada entre as regiões, uma vez que o sistema capitalista é incapaz de se desenvolver de forma igual, gerando áreas com salários mais elevados, maiores ofertas de emprego e estrutura, que acabam por se consolidarem como regiões de atração, enquanto as áreas que não possuem em quantidade suficiente essas condições acabam por se firmarem como áreas de expulsão de sua população. Esses fatores apontados explicam de uma forma macro os fluxos migratórios. Por outro lado, para explicar os fatores de ordem micro, recorreremos à noção de redes sociais. Essa ideia serve para explicar os moldes em que um determinado fluxo migratório adquire.

A noção de rede parte da ideia de que os fluxos migratórios são o resultado da construção de redes sociais entre indivíduos que podem ser parentes, amigos, conhecidos ou companheiros de trabalho, estes já estabelecidos em outra região possibilitam ao sujeito que pretende migrar informações sobre o local de destino, como também um ambiente de proteção quando este estiver imigrado (SALES, REIS, 1999). Também de igual importância compõem a rede social os sujeitos que permanecem no local de emigração, estes servem como suporte para o indivíduo que migrou e formam uma base de apoio para ele caso o empreendimento migratório não seja bem-sucedido.

A formação de redes sociais podem nos ajudar a entender o surgimento de fluxos migratórios, desde aqueles que ocorrem em pequena proporção até os de grande proporção e complexidade, através delas podemos compreender determinadas escolhas dos sujeitos, entre elas o porquê deles escolherem uma determinada região ou cidade em vez de outra. Assim, constata-se que os fluxos migratórios podem ser explicados por meio de teorias micro sociológicas²¹. No caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo a noção de redes sociais auxilia para a compreensão de o porquê do direcionamento deste fluxo para esta região e também para a ocupação que estes sujeitos desempenham na cidade, fato este que será explorado logo mais a frente.

políticas propunham estava a diminuição do estado e a sua não interferência nas questões econômicas, as privatizações das empresas públicas e o corte de gastos sociais por parte do estado, tais medidas levaram a um estado de crescente desemprego nos países latino-americanos.

²¹ Segundo Peixoto (2004), as micro-teorias sobre a migração tem como base as escolhas dos indivíduos, estas envolvem principalmente questões voltadas a respeito da tomada de decisão dos sujeitos que migram. Neste sentido uma série de abordagens podem ser caracterizadas como pertencentes ao campo das micro-teorias, entre elas a teoria da racionalidade econômica, que vê nos cálculos de ganhos econômicos individuais elaborados pelos sujeitos a decisão de migrar ou não, ou na teoria dos ciclos de vida e trajetórias sociais, onde o fogo tem como a base a experiência dos sujeitos. Por outro, lado haveria as macro-teorias migratórias, onde segundo o mesmo autor o foco estariam nas chamadas “forças” sociais que impulsionam os sujeitos, estas teriam uma natureza estruturante e condicionariam as decisões dos sujeitos a respeito da decisão de migrar ou permanecer, tendo nos fatores econômicos o principal meio de persuasão dos sujeitos sociais.

Por um lado, os fluxos migratórios podem ser explicados a partir de teorias macro, como a que citamos de Singer (1973), que vê nas diferenças regionais o motivador deste fenômeno. Neste caso, quando comparando a RMSP com a região do altiplano boliviano ficam evidentes as diferenças econômicas entre as duas regiões, enquanto a primeira corresponde à região mais rica da América do Sul, a segunda compreende a uma das regiões mais pobres do continente, sendo que a Bolívia, ao lado do Paraguai, são atualmente os países mais pobres da região. Portanto, esta desigualdade seria a responsável pelo fluxo entre as duas regiões, aonde os habitantes da primeira região com menor qualificação viriam para a segunda região para ocuparem os postos de trabalho mais precários desta.

Freitas (2009) tentando compreender a formação deste fluxo a partir das suas redes apresentou a existência de um circuito de contratação de trabalhadores entre os dois países, o ponto inicial para entender as origens desse circuito começa pela imigração coreana para a RMSP. A história deste fluxo tem origem no ano de 1963 quando chegou ao país o primeiro grupo de imigrantes coreanos, sua vinda para cá se deve a um acordo firmado entre os dois países. Do lado coreano havia o desejo de amenizar problemas sociais como a superpopulação, para isso o governo daquele país passou a incentivar a migração dos seus habitantes (FREITAS, 2009). Parte destes imigrantes recém-chegados foi se alojar em cidades do interior e assim se inserirão em atividades ligadas a agricultura, enquanto outra parcela permaneceu na cidade de São Paulo atuando nos circuitos de produção têxtil da cidade, primeiro como força de trabalho e depois como donos de oficinas e lojas. Hoje a comunidade coreana tornou-se referência na produção têxtil, dominando o setor atacadista destes produtos, sua concentração ocorre principalmente no bairro do Bom Retiro. Como podemos ver em Silva (2012):

A chegada dos coreanos transforma a vida de relações do bairro, em um reforço ainda maior à especialização. Os primeiros coreanos que imigram para o Brasil resultaram de um acordo entre Brasil e a Coreia do Sul na década de 1960. O objetivo era que esses se estabelecessem na agricultura. Com o fracasso desse objetivo os coreanos começaram a se fixar no centro de São Paulo (primeiramente na chamada Vila Coreana no bairro da Liberdade) e posteriormente no Bom Retiro. Começam com o comércio de “porta em porta” e aos poucos foram se tornando lojistas a varejo, mas principalmente atacadistas (CHOI, 1991). Os coreanos passaram a comprar lojas de judeus, árabes e libaneses, pois as novas gerações dessas comunidades tornaram-se profissionais liberais (médicos, dentistas, advogados, etc.) e não estavam dando prosseguimento à atividade do comércio de roupas. (SILVA, 2012, Pág. 26).

Na década de 1970 o fluxo de imigrantes coreanos intensificou-se agora não mais motivado pela superpopulação ou pelas políticas imigratórias, mas pelas redes que foram

construídas entre os dois países. Como muitos coreanos neste período não conseguiam entrar diretamente no Brasil adotaram como estratégia de entrada no país utilizando as fronteiras com os países vizinhos, como Paraguai e a Bolívia. Para possibilitar a entrada destes imigrantes no país passaram a se formar redes especializadas na travessia destas pessoas pela fronteira brasileira. Esses imigrantes coreanos que vinham para São Paulo passaram a se inserir nas oficinas de costura dos seus compatriotas. Com o crescimento desse circuito de produção têxtil cresce também a sua demanda por mão de obra, a estratégia adotada para suprir essa demanda foi começar a atrair trabalhadores bolivianos que passaram a vir para São Paulo através da mesma rota percorrida pelos imigrantes coreanos, utilizando-se também das mesmas estratégias para entrar no Brasil.

Esse circuito responsável pelo transporte e aliciamento destes trabalhadores vai com o passar do tempo sendo cada vez mais operado pelos próprios bolivianos, que passam a ter como função recrutar trabalhadores para a indústria têxtil da cidade, formando assim uma rede de circulação entre os dois países. Ao mesmo tempo esse circuito passará a funcionar como um nicho econômico, para Freire (2008), “a própria mobilidade dos imigrantes se transforma em um nicho de exploração econômica pautada em mercados ilícitos para a facilitação da imigração irregular” (FREIRE, 2008. Pág. 104).

Esses trabalhadores serão recrutados a partir de diversos meios, como anúncios em jornais ou em rádios das cidades bolivianas. No entanto, esse circuito passa a sofrer alterações na medida em que os bolivianos começam a formar as suas próprias oficinas para prestarem serviço aos imigrantes coreanos. Essa nova situação vai ser responsável por alterar a configuração deste circuito, uma vez que sendo responsáveis pelas oficinas e, portanto também pela contratação de trabalhadores, esses sujeitos passaram a dispensar o trabalho dos coíotes, assim em vez de se utilizar de um atravessador os oficinistas passaram a contratar diretamente no seu país os trabalhadores que necessitam prática realizada no momento de retorno do oficinista para a sua cidade ou vilarejo.

Deste modo, formam-se as redes e as condições para um fluxo migratório constante entre os dois países, fluxo esse que já passa a ocorrer de maneira autônoma, ou seja, sem a interferência de um sujeito que vai até o outro país para atrair os moradores de lá, com isso em determinados contextos migrar para o Brasil passa a ser uma possibilidade de trabalho viável, uma vez que as redes para este fim já estão construídas, sendo o Brasil apenas um entre os vários destinos possíveis aos imigrantes deste país conforme veremos a seguir.

2.1 A imigração e a sociedade boliviana

A imigração possui uma importância central para a sociedade boliviana, Freire (2008) apresenta dados que são significativos para se entender esta situação, segundo o autor cerca de 20% da população boliviana viveria fora do país, enquanto que metade da sua população interna teria algum parente ou conhecido em outro país (FREIRE, 2008, Pág. 106). Mazzocante (2012) utilizando os dados do INE (Censo Nacional Boliviano) apresenta números que auxiliam na compreensão deste quadro, apontando que em 1976 havia 250.000 bolivianos vivendo fora do país o que correspondia a 4% da população, número que nos dias atuais passou a 2,5 milhões de bolivianos residentes no exterior, o que representa 30% da população dos nascidos na Bolívia, ou seja, um número maior ainda do que o apresentado por Freire (2008), (MAZZOCANTE, 2012).

Com esse grande contingente de bolivianos vivendo fora do país, as remessas dos emigrados passam a ter uma importância fundamental na economia boliviana, segundo dados do Banco Central da Bolívia em 2008 as remessas dos imigrantes resultaram na quantia de 1.097 milhões de dólares, o que correspondeu naquele ano a 8% do PIB boliviano (MAZZOCANTE, 2012). Essas remessas provinham principalmente da Espanha seguido pela Argentina como os países onde os imigrantes mais enviam recursos, no entanto, as remessas dos bolivianos residentes no Brasil também passam a ter uma importância na economia boliviana, durante a pesquisa de campo muitos bolivianos afirmaram enviarem com frequência quantias em dinheiro para parentes residentes na Bolívia, ou até mesmo enquanto trabalham no Brasil investem parte dos seus ganhos na construção de casas na sua cidade de origem, ou investem em negócios administrados pelos seus familiares.

Diante desse quadro passa a ser bastante comum nos espaços de grande concentração de bolivianos na cidade as chamadas “empresas” de emissão de dinheiro, especializadas em enviarem dinheiro para a Bolívia, estas cobram taxas que segundo os informantes giram em torno de 5%²² do valor enviado. Essa prática se desenvolve da seguinte forma. Um imigrante vai até uma agência dessas com a quantia que pretende enviar, ao fazer isso ela dá o nome da pessoa que deve receber o dinheiro na Bolívia. Nesse momento ele recebe uma “chave” que corresponde a um número, o qual ele vai passar a pessoa responsável por receber o dinheiro

²² Em outros trabalhos como em Silva (2008) são indicados valores entre 10% a 20% como taxa cobrada para a emissão de dinheiro através destas “empresas”, aqui estamos usando esse outro número de 5% por ter sido este indicado pelos nossos informantes durante a pesquisa de campo.

na outra ponta utilizando para isso os seus documentos pessoais e o número da “chave” que recebeu do emissário do Brasil.

Portanto, que a imigração possui uma importância central dentro da sociedade boliviana, configurando a Bolívia como um país de evasão populacional, conforme vemos anteriormente. No entanto, a migração não é um problema apenas para o indivíduo que parte ou para a região que recebe esses imigrantes, mas também para a região aonde ocorre à evasão, isso ocorre devido ao fato que todo fluxo migratório é sempre uma via dupla, onde todo imigrante é ao mesmo tempo um emigrante, realizando assim um duplo papel. Essa análise foi desenvolvida por Sayad (1998). Para ele:

o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, (SAYAD, 1998, Pág. 14)

Se a condição de imigrante levanta problemas a respeito da inserção destes sujeitos nas sociedades receptoras, a condição de emigrante trará outros questionamentos para a região onde ocorreu a evasão, dentre as questões comumente abordadas está o vazio demográfico que a emigração causa nas sociedades com um alto índice de evasão, como é o caso da Bolívia, onde além do Brasil há a incidência de outros destinos buscados pelos bolivianos. Segundo Mazzocante (2012), são destinos preferenciais²³ dos imigrantes bolivianos os Estados Unidos, Espanha, Itália e a Argentina²⁴, sendo que neste último o fluxo migratório guarda características distintas dos demais, essa distinção se deve ao fato da Argentina assim como o Brasil ser um dos países limítrofes com a Bolívia. A imigração boliviana para a Argentina tem início ainda na década de 1920, quando ocorre o desenvolvimento da indústria açucareira argentina concentrada no norte do país. Após este período os bolivianos continuaram migrando para o país vizinho, porém, não mais restritos às áreas de fronteiriças

²³ A autora levantou esses dados através de uma pesquisa feita pelo Observatório de las Migraciones Bolivianas (2009), na pesquisa em questões foi levantado junto aos entrevistados sobre qual seria o seu país preferencial para migrarem, os resultados obtidos apontaram em primeiro lugar a Espanha com 24% seguido por Estados Unidos com 18%, a Argentina 11%, o Brasil 10% e o Japão 5%, (MAZZOCANTE, 2012).

²⁴ Podemos ver em Mazzocante (2012) citando Plaza (2007) que atualmente o número de bolivianos residentes na Argentina é calculado em cerca de 1.300.000 pessoas.

do norte, mas seguindo em direção as demais cidades médias e grandes do país, e principalmente se estabelecendo na capital Buenos Aires²⁵.

O Brasil também apresenta um histórico de imigrações fronteiriças com a Bolívia, sendo que neste caso o fluxo se desenvolve nos dois sentidos, existindo tanto a presença de bolivianos no Brasil, como a presença de brasileiros na Bolívia²⁶. Não é nosso objetivo explorar as questões que envolvem este fluxo migratório de bolivianos na faixa de fronteira, uma vez que isso vai além dos limites propostos neste trabalho. No entanto, deixamos aqui como forma de registro que o movimento migratório na faixa de fronteira é tão dinâmico quanto o fluxo direcionado para a RMSP. Para se ter uma ideia enquanto na cidade de São Paulo viveriam cerca de 38% dos bolivianos residentes no país, nas regiões de fronteira esse número seria de 65,7% segundo os dados do IBGE (BAERINGER e SOUCHAUD, 2008). Estes se concentrariam principalmente nas cidades de Guajará-Mirim e Porto Velho, em Rondônia, e Corumbá, no Mato Grosso do Sul, (BAERINGER e SOUCHAUD, 2008).

Essa mesma situação pode ser observada em outros países caracterizados como emissores de mão de obra, portanto, países de emigração. Olhando a questão migratória a partir de um panorama global vemos que a Bolívia se encontra em condição semelhante a diversos países subdesenvolvidos que também se encontram na posição de emissores de mão de obra, tal situação ocorre pelo fato que os fluxos migratórios transnacionais também têm nas desigualdades regionais o seu fator preponderante, conforme podemos ver em Singer (1973) citado por Soares (2004). Assim, também no contexto global os sujeitos e os fluxos serão direcionados das regiões menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas, diante desse fenômeno países como Estados Unidos, Canadá, Japão e Europa (neste caso nos referimos aos países desenvolvidos do continente europeu como Alemanha, Inglaterra e França) passaram a serem os principais receptores de imigrantes. Este quadro atual se diferencia daquele existente no final do século XIX e início do século XX, onde o fluxo de migração transnacional seguia a direção inversa, com a população pobre dos países desenvolvidos migrando para as regiões periféricas do mundo²⁷.

²⁵ Na cidade de Buenos Aires um dos principais espaços de inserção da mão de obra boliviana é no circuito de produção têxtil da cidade, Freitas (2009) destacou as semelhanças entre o fenômeno migratório em Buenos Aires e São Paulo.

²⁶ Um fenômeno que vem chamando a atenção nas migrações limítrofes entre o Brasil e Bolívia é o grande número de estudantes brasileiros que procuram o país vizinho para estudar, fato este que já está sendo discutido em trabalhos acadêmicos, (LIRA, et al., 2013)

²⁷ A partir do século XIX até meados do século XX houve um intenso movimento migratório, no qual parte da população europeia era direcionada para outras áreas do mundo, vindo principalmente para o continente americano. Neste período o Brasil também recebeu um grande contingente de europeus, estes eram formados em sua maioria por grupos de italianos, alemães e espanhóis, além de servirem para substituir a mão de

A inversão deste fluxo na atualidade tem a sua raiz nas transformações econômicas que passaram a ocorrer a partir da década de 1970, com a crise no modelo de produção fordista e posteriormente o advento das políticas neoliberais provocaram entre os seus diversos efeitos uma maior circulação da força de trabalho. Essa circulação, no entanto, ocorre em dois níveis distintos, tendo de um lado a circulação de uma força de trabalho qualificada como profissionais com um alto conhecimento técnico e científico, e por outro a circulação de uma força de trabalho caracterizada por uma baixa qualificação, e que se insere nos países receptores ocupando os trabalhos que normalmente a população nativa não deseja ocupar, entre essas ocupações passa a ter destaque cada vez maior aquelas relacionadas a indústria têxtil, sendo desenvolvida em diversas metrópoles do mundo pela mão de obra imigrante, situação idêntica a que vem ocorrendo na cidade de São Paulo, onde o circuito têxtil se transformou no principal meio de inserção e trabalho para os imigrantes bolivianos presentes na cidade.

Como vimos destacando é a partir do trabalho de produção no circuito têxtil que os bolivianos passam a se inserir no comércio popular da cidade, sendo este o meio pelo qual eles comercializam diretamente a sua produção. Atualmente a indústria têxtil é principal meio de inserção e ocupação para os imigrantes bolivianos em São Paulo, estes atuam tanto na produção como no comércio de produtos têxteis, esse setor vem se configurando como o principal mercado de trabalho para os bolivianos residentes na RMSP, nos tópicos seguintes analisaremos as duas faces desse mercado de trabalho no qual estes sujeitos estão inseridos.

2.2. Os imigrantes bolivianos e o circuito têxtil

A indústria têxtil da cidade São Paulo e os bairros Brás e do Bom Retiro onde ela se originou vem se caracterizando historicamente como espaços de inserção para os diferentes fluxos migratórios que chegam à cidade, em um processo aonde um grupo vai deslocando o outro²⁸. As origens desse processo nos remetem ao final do século XIX. Nessa época o Brasil

obra escrava nas lavouras de café da época, esses imigrantes também cumpriam com outras finalidades idealizadas pelas elites dirigentes, estas eram a ocupação dos espaços vazios, e principalmente o branqueamento do país, o qual segundo a elite da época seria a única forma de “civilizar”, uma vez que o imigrante europeu seria nesta visão o único portador da civilização.

²⁸ Conforme veremos no decorrer deste tópico o circuito têxtil da cidade de São Paulo tem se caracterizado como um espaço de inserção para os grupos de imigrantes recém-chegados na cidade. Na década de 1950 esse setor era operado pelos imigrantes sírios libaneses e judeus, os quais tinham como força de trabalho para as suas indústrias imigrantes internos vindos do Nordeste do país, na década de 1960 tivemos a presença dos imigrantes coreanos que passaram a servir como força de trabalho neste circuito, a partir da década de 1980

começou a receber um grande número de imigrantes vindos dos países europeus, especialmente italianos, espanhóis, portugueses e judeus poloneses. Esses grupos passaram a servir como força de trabalho para as primeiras indústrias brasileiras instaladas na capital paulista. Estas indústrias se concentravam principalmente nos bairros centrais da cidade, no caso os já citados Brás e o Bom Retiro. Como característica dessa indústria nascente estava à produção de manufaturas leves como alimentos e artigos têxteis. Esses bairros passaram então a funcionar como espaços de trabalho e moradia para esses imigrantes que adentravam no país.

Esse modelo industrial passou a entrar em decadência a partir da década de 1930, com a diversificação da produção industrial, processo esse que passou a exigir plantas industriais cada vez maiores, o que passou a inviabilizar as áreas do Brás e do Bom Retiro. Nessa nova etapa da indústria brasileira as novas plantas começaram a se transferir principalmente para a região do ABC paulista. Porém, parte da indústria têxtil conseguiu ali permanecer e se consolidar. Esse período de consolidação ocorreu entre as décadas de 1950 e 1980, onde este setor passou a ser operado principalmente por imigrantes judeus e sírio-libaneses, que além da produção passam a se dedicar também ao comércio dos seus artigos confeccionados.

Estes imigrantes tinham como principal fonte de força de trabalho os também imigrantes vindos do Nordeste do país, formando assim um sistema de trabalho que predominou entre as décadas de 1950 e 1980. Esse sistema era composto por judeus e sírio-libaneses como proprietários e administradores das fábricas e lojas de atacado, e migrantes nordestinos servindo como força de trabalho (SILVA, 2012). O trabalho desses imigrantes internos seria vital nessa etapa da indústria têxtil, pois além de servirem como trabalhadores nas fábricas de confecção vão também começar a formar diversas oficinas de costura caseiras, formadas muitas vezes por membros das famílias, essas vão se dedicar principalmente a confeccionar mercadorias populares.

Os nordestinos também se serviram das estratégias da rede migratória para consolidar-se no Brás. Além de fornecerem mão de obra aos confeccionistas já estabelecidos, em função das redes familiares e pessoais com os estados de origem, eles passaram a produzir roupas de baixa qualidade (chamada popularmente de carregação), que eram enviadas para a venda em seus estados de origem. Também produziam mercadorias aos magazines populares. As pequenas oficinas eram montadas entre conterrâneos de migração mais recente, sendo que na década de 1970 essas oficinas se multiplicaram espantosamente no bairro. (SILVA, 2012, Pág. 22 e 23).

foi a vez dos imigrantes bolivianos que passaram a formar a mão de obra nas oficinas de costura agora pertencentes aos coreanos que vieram no período anterior, (SILVA, 2012).

Conforme já citamos, na década de 1960 os imigrantes coreanos passam a se inserir nesse circuito de produção têxtil, primeiro como mão de obra e depois como proprietários de lojas e oficinas. Nas décadas seguintes foi à vez dos imigrantes bolivianos que passaram a atuar nos extratos mais baixos deste circuito. Atualmente, vemos a entrada de imigrantes paraguaios, peruanos e equatorianos na produção têxtil da cidade, que tem se configurado acompanhado do comércio popular como o principal espaço de inserção para os imigrantes na RMSP²⁹.

A indústria têxtil da cidade de São Paulo vem se caracterizando historicamente pelo deslocamento dos sucessivos grupos de imigrantes. Como podemos ver em Lasevitz (2011), “a geração boliviana que chega ao longo das últimas duas décadas é apenas a última de várias gerações de imigrantes italianos, judeus, coreanos, peruanos e paraguaios que passaram e passam por esta situação.”, (LASEVITZ, 2011, Pág. 97). Coutinho (2013) analisando o setor têxtil das cidades de São Paulo e Nova York pode observar entre as similaridades existentes nos dois contextos, os constantes deslocamentos entre os grupos étnicos envolvidos nesta atividade, assim na cidade de Nova York havia inicialmente um predomínio de judeus de origem alemã que seriam substituídos por judeus de origem russa. A partir dos anos 1960 os principais grupos neste setor seriam imigrantes chineses e porto-riquenhos, já a partir da década de 1980 temos imigrantes chineses recém-chegados e os novos grupos de imigrantes latinos como os mexicanos e equatorianos que vão passar a predominar no setor têxtil da cidade de Nova York (COUTINHO, 2013).

Além dos deslocamentos observados também compõem o cenário deste segmento as transformações estruturais ocorridas no universo do trabalho a partir da década de 1970, e que vão impactar bastante a forma de se produzir e de se organizar deste setor. Essas transformações têm o seu início a partir da crise estrutural do sistema capitalista, essa teve como consequência a diminuição do volume de acumulação do sistema. Esse quadro ocorre devido ao esgotamento do modelo de acumulação anterior, o fordismo, que compreende não

²⁹ No dia 20 de agosto de 2014, portanto, a poucos dias do fechamento desta dissertação veio a público a notícia sobre uma ação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Ministério Público do Trabalho (MPT) que culminou no resgate de doze haitianos e dois bolivianos em uma oficina de costura na região central da cidade em condições de trabalho análogas a escravidão. Segundo a matéria divulgada pela ONG Repórter Brasil “**Fiscalização resgata haitianos escravizados em oficina de costura em São Paulo**” (WROBLESKI, 2014). Essa foi à primeira vez em que haitianos foram encontrados nessas condições de trabalho em uma oficina de costura. Desta forma, podemos visualizar um dos aspectos da dinâmica deste circuito de produção, o qual acaba por recrutar os imigrantes recém-chegados na cidade para inseri-los nas piores posições de trabalho deste setor.

apenas a um regime de trabalho, mas se caracteriza como todo um sistema com desdobramentos não apenas no universo do trabalho, mas em todas as facetas da vida social. No mundo do trabalho o fordismo se caracterizava a partir de uma hierarquia vertical, baseada na disciplina do trabalhador, que tinha um conhecimento parcial do produto do seu trabalho, não dominando o todo do processo produtivo. No campo político o fordismo era caracterizado pelo surgimento do Welfare State, o estado de bem-estar social, que grosso modo consiste em um compromisso entre a burguesia e a classe trabalhadora, que em troca de uma parcela de poder econômico e também de direitos sociais se sujeitou a disciplina imposta por esse regime de acumulação (ANTUNES, 2002). Outra característica do estado no período fordista era o seu papel de regulação do capital com vista a manter o equilíbrio na relação capital trabalho.

Pretendendo retomar ou atingir novos patamares de acumulação, o sistema produtivo começou a adotar uma série de medidas visando garantir a acumulação de capital. Para isso, começaram a ser implantadas uma série de práticas, técnicas e modelos de gestão que objetivavam uma maior exploração do trabalhador e assim uma maior lucratividade, combinado a isso o estado passou a abandonar o seu papel de mantenedor de direitos sociais, deixando estes por conta do mercado, ao mesmo tempo em que atacava os direitos trabalhistas, isso tudo com o apoio das classes dominantes. Por fim, essas medidas transformaram o papel que antes era exercido pelo estado, que em vez de ser o árbitro que regula a relação capital trabalho, passou a impor medidas liberalizantes que levaram a desregularização desta relação, deixando o capital fortalecido no seu embate histórico com o trabalho.

Essas novas práticas de trabalho foram conceitualizadas por Harvey como sendo um processo de acumulação flexível, sendo este um conceito que serve para caracterizar uma série de práticas e ações que tinham por objetivo permitir ao capital uma retomada dos seus padrões de acumulação anteriores a crise. Sobre isso, Harvey (2004) diz:

A acumulação flexível como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidos (...) (HARVEY, 2004, Pág. 140).

Entre as principais inovações deste período temos o modelo toyotista.³⁰ Este consiste em um modo de produção e organização do trabalho mais flexível que o fordismo, tendo um mesmo trabalhador desempenhando diferentes tarefas, para assim permitir uma produção diferenciada baseado nas demandas dos consumidores, contrastando com o fordismo. Em relação a indústria têxtil a flexibilização neste setor passou a ocorrer a partir de uma descentralização da sua produção, que saiu das grandes fábricas para ocupar pequenas oficinas, que muitas vezes funcionam como residência e oficinas de costuras.

Essas oficinas compreendem a pequenas unidades de produção, que passaram se proliferar a partir da década de 1970. Conforme apontamos estas oficinas são responsáveis por confeccionar grande parte dos produtos têxteis comercializados na Feira da Madrugada e posteriormente distribuídos pelos circuitos de comércio popular de todo o país, além de artigos têxteis são produzidos a partir do mesmo modo de trabalho bijuterias, artigos de couro, artesanatos e uma série de outros produtos que demanda pouca tecnologia e muita força de trabalho, essas características é o que tornou possível a descentralização da indústria têxtil e a multiplicação das suas unidades produtivas.

Centrada no binômio ser humano e máquina de costura, o setor têxtil possui características que favoreceram a sua descentralização, bem como as formas de exploração do trabalho dele provenientes. Dentre essas características destacamos a sua estrutura produtiva, no caso as máquinas necessárias para o seu funcionamento, que em geral consistem em pequenas máquinas fáceis de ser transportadas e adquiridas. Essa condição favoreceu a sua produção descentralizada possibilitando que em uma pequena casa ou em um cômodo se monte uma oficina de costura, estas condições permitiram que a produção têxtil deixasse as grandes plantas industriais e seguisse para as residências. Outra característica deste setor vem sendo a utilização da mão de obra imigrante, isso não apenas no contexto da cidade de São Paulo, já que outras metrópoles do mundo apresentam o mesmo quadro, como as cidades de Buenos Aires e Nova York³¹.

³⁰ O toyotismo foi desenvolvido no Japão na fábrica da Toyota pelo engenheiro Taiichi Ohno, além de permitir uma produção mais diversificada o toyotismo tem como outras características o fato de trabalhar com um estoque menor quando comparado com o modelo fordista. O toyotismo também passou a desenvolver práticas organizacionais como a “qualidade total”, que se tornou bastante popular no mundo todo.

³¹ Em Coutinho (2013) podemos ver que além das cidades de São Paulo e Nova York analisadas em sua pesquisa um quadro semelhante se apresenta em outras metrópoles, entre as quais temos Londres, Milão, Paris e Los Angeles, nestas cidades o setor têxtil se caracterizaria também pela presença das pequenas oficinas de costura, ou seja, as *sweatshops*, e também pela predominância dos grupos de imigrantes na operação deste setor. Em Rizek et al (2010) os autores analisam os circuitos de produção têxtil das cidades de São Paulo e Buenos Aires, onde novamente são identificadas similaridades com os processos verificados em outras metrópoles.

Tal situação decorre por ser este um setor que ainda necessita de um intenso trabalho manual, o que coloca como central o custo da força de trabalho para a sua reprodução. Como consequência disto esse segmento acaba por recrutar os trabalhadores mais vulneráveis em suas sociedades, no caso os imigrantes, que devido a sua condição de trabalhador pouco qualificado, indocumentado, estrangeiro e estigmatizado acaba tendo como opção os trabalhos mais precarizados na sociedade em que ele vai se inserir. Desta forma, por ser esse um fenômeno que não está restrito apenas a cidade de São Paulo, mas que está presente em diversas metrópoles, sobretudo, após a reestruturação produtiva da década de 1970, compreendemos que o trabalho no setor têxtil corresponde a uma das ocupações mais precarizadas desenvolvidas no contexto urbano no atual momento histórico. Essa afirmação toma como base as diversas denúncias de exploração, ambientes de trabalho insalubres, o não respeito aos direitos trabalhistas, abusos e condições de trabalho análogo à escravidão. Todas essas acusações que recaem sobre a indústria têxtil vem sendo relatadas pelos órgãos de imprensa, ONGs, ministério público e pesquisas acadêmicas.

Tornaram-se emblemáticos os casos de empresas flagradas³² utilizando essa forma de trabalho, entre elas temos os casos das grandes redes de lojas de departamentos como Zara, C&A, Pernambucanas, Riachuelo, Lojas Marisa e Lojas Americanas. Também aparecem como usuárias dessa prática marcas de grifes como 775, M. Officer Le Lis Blanc, Emme, Cori, Luigi Bertolli, Hippyckick Moda Infantil, Gregory. Além de lojas atacadistas dos bairros do Brás e do Bom Retiro, dentre essas foram descobertas se utilizando destas práticas as seguintes marcas Gangster, e Talita Kume e até mesmo os coletes do IBGE foram encontrados durante as vistorias do ministério do trabalho a essas oficinas.

³² Todos os casos envolvendo as marcas citadas foram divulgados pela imprensa, sobre esta questão tem reconhecido destaque a ONG Repórter Brasil, á qual tem como um dos seus principais temas de pauta a questão do trabalho escravo, servindo assim como uma importante fonte tanto para trabalhos acadêmicos como para outros veículos de imprensa. A seguir apresentaremos as matérias consultadas: **“Escravidão é flagrada em oficina de costura ligada á Marisa”** 17/03/2010, (HASHIZUME, 2010), **“Trabalho escravo abastece produção da marca Talita Kume”** 17/12/2012, (PYL, 2012), **“Roupas da Zara são fabricadas com mão de obra escrava”** 16/08/2011, (PYL, 2011), **“Justiça determina bloqueio de R\$ 1mi de dona da M. Officer por caso de trabalho análogo ao de escravo”**, 18/11/2013, (WROSBLESK, 2013), **“Escravidados produzem coletes de recenseadores do IBGE”** 20/10/2012, (PYL, 2010), **“Costureiras são resgatadas de escravidão em ação inédita”** 17/11/2012, (PYL, 2012), **“Trabalho escravo é flagrado na cadeia produtiva da Pernambucanas”** 02/04/2011, (PYL, 2011), **“Confecção de roupas infantis flagrada explorando escravos tinha certificação”** 26/02/2013, (OJEDA, 2013), **“Fiscais flagram escravidão envolvendo grupo que representa a GAP no Brasil”** 22/03/2013, (SANTINI, 2013), **“Fiscalização associa Gregory á exploração de trabalho escravo”** 18/05/2012, (PYL, 2012).

No entanto, essas práticas de exploração do trabalho não são exclusividade das grandes corporações, conforme podemos ver em nossa pesquisa de campo tais práticas encontram-se disseminadas pela cidade. Na Feira da Madrugada podemos ver que até mesmo uma pequena banca de camelô se utiliza de práticas como a terceirização de sua produção, fato que analisaremos melhor no capítulo posterior.

Desta forma, o trabalho precarizado vem sendo a principal característica do setor têxtil tanto na cidade de São Paulo, quanto em outras grandes metrópoles do mundo, a pesquisa de Coutinho (2013) aqui já citada, entre as semelhanças descritas a autora destacou além dos sucessivos descolamentos dos diferentes grupos étnicos, as similaridades quanto à organização do trabalho executados lá nas chamadas *sweatshops* que, traduzido para o português, corresponde a “fabrica de calor”, expressão que significa um lugar de bastante esforço. Esses espaços seriam os equivalentes a oficinas de costura da RMSP, que da mesma forma em Nova York são ocupadas pelos imigrantes hispânicos e asiáticos. Porém, a autora identifica uma diferença importante em cada contexto, conforme citamos no item um deste capítulo a cadeia produtiva têxtil foi a responsável por colocar em funcionamento um fluxo migratório voltado para atender as suas necessidades, já no caso de Nova York o setor têxtil mobilizou os imigrantes já presentes na cidade

Uma primordial diferença se estabelece na comparação entre as atuais indústrias de confecção que se utilizam de trabalhadores imigrantes na cidade de São Paulo e na cidade de Nova Iorque. Na primeira metrópole, observa-se seu potencial de criação das redes imigratórias transnacionais, enquanto na segunda metrópole, observa-se seu potencial de mobilizar as redes imigratórias transnacionais já estabelecidas. Tendo em vista essa observação, pontuaremos suas semelhanças. (COUTINHO, 2013, Pág. 61 e 62).

A partir dessa diferenciação é possível nos atentarmos para uma questão sempre presente nas discussões sobre o fluxo migratório voltado para a indústria têxtil, que é o discurso presente no senso comum de que estes imigrantes roubariam os empregos dos trabalhadores nacionais. A lógica atual da acumulação flexível nos mostra que não, e pelo contrário, é a existência dos imigrantes que possibilita o surgimento desses empregos. Os recursos de transportes e comunicação trazidos pela globalização proporcionaram as grandes empresas desse setor à possibilidade de levarem a sua produção para os lugares onde esta encontra as condições mais favoráveis para a sua prática, tais como incentivos fiscais, apoio governamental e, sobretudo, mão de obra barata, em virtude disso é que nos países centrais do

capitalismo, apesar da existência de núcleos importantes de produção têxtil como a já citada cidade de Nova York, a grande parte da produção deste setor nos países centrais se transferiu para regiões mais lucrativas. Como podemos ver em Silva (2012):

Houve grandes transformações na organização do circuito espacial de produção de vestuário no mundo. Em grande medida, cada país do Centro do sistema capitalista elegeu um lugar de atuação, enviando a este a fase da costura, mais onerosa pelo uso intensivo de mão de obra.

Nos Estados Unidos, por exemplo, as empresas de varejo do vestuário enviam a produção (fase da costura) para a América Central, principalmente para as maquiladoras no México e para países asiáticos. Os europeus também utilizaram essa mesma estratégia, deixando a costura para os países do Leste, bem como o Japão passou a subcontratar na China, Taiwan, Índia, entre outros países, cujos fatores de localização- sistemas técnicas de circulação, comunicação e custo de mão de obra- passaram a compensar o deslocamento das atividades da costura. (SILVA, 2012. Pág. 87).

No contexto atual, a cidade de São Paulo vem atraindo um grande número de imigrantes e desta maneira vem comportando as características necessárias para o desenvolvimento de uma indústria têxtil nos moldes contemporâneos. Ao se tornar o principal meio de inserção para os imigrantes bolivianos na cidade o circuito têxtil acaba por definir os diversos aspectos da inserção deste grupo na cidade, entre eles temos destacamos os locais de residência do grupo, estes seguem a lógica do trabalho, onde além dos bairros centrais como o Brás e o Bom Retiro berços da indústria têxtil da cidade e, portanto, também da imigração boliviana, temos os bairros periféricos das Zonas Norte e Leste, em alguns bairros dessas regiões, sobretudo, os da Zona Leste se destacaram no passado como sendo bairros aonde residiam um grande número de costureiras, estas inicialmente trabalhavam nas fábricas da parte central da cidade, posteriormente com o processo de reestruturação produtiva as costureiras dessas fábricas passaram a trabalhar em casa por conta própria ou em pequenas oficinas.

Xavier (2010) analisou a inserção territorial dos imigrantes bolivianos na cidade e na RMSP. Como resultado da sua pesquisa apontou uma inserção territorial que tem como fundo as rotas de trabalho do circuito têxtil. Em nossa pesquisa podemos observar que além da questão territorial o trabalho no circuito têxtil também é determinante nas ações dos sujeitos desse grupo, no caso nos referimos tanto às ações coletivas e, portanto, políticas realizadas por entidades e associações que representam os imigrantes, essas ações visam quase sempre à

melhoria nas condições de trabalho extremamente precarizadas, às quais analisaremos no capítulo seguinte, e também as ações individuais, estas se expressam na visão que os sujeitos têm a respeito do seu projeto migratório. Nesse processo a posição é moldada de acordo com a posição ocupada pelo indivíduo dentro do circuito têxtil, o que por sua vez determina as diferentes visões sobre os sentidos da imigração, contrastando especialmente a posição adotada pelos costureiros e donos de oficina, o que também veremos no capítulo seguinte.

O COTIDIANO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA FEIRA DA MADRUGADA ENTRE CONFLITOS E SOCIABILIDADES

As trajetórias de Cláudio e Elias representam o caminho percorrido por muitos indivíduos da comunidade boliviana nos últimos vinte anos. Cláudio foi o primeiro entre quatro irmãos a emigrar para o Brasil, natural da região de Potosí na Bolívia, chegou ao Brasil em 1992 e foi diretamente trabalhar em uma oficina de costura de propriedade de um imigrante coreano. Neste período, acompanhado de outros compatriotas seus, trabalhava e morava em um único local, que servia ao mesmo tempo como oficina e moradia.

Trajetória semelhante possui Elias, que chegou ao Brasil na mesma época, no início dos anos 1990. Semelhante à situação vivenciada por Cláudio, ele também foi encontrar trabalho nas inúmeras oficinas de costura existentes na cidade, pertencentes aos coreanos. Essa mesma trajetória é ainda hoje seguida por diversos jovens bolivianos que chegam ao país todos os anos, conforme aponta a literatura acadêmica produzida sobre o tema, os relatórios produzidos por organizações de direitos humanos e as matérias vinculadas pela imprensa em geral. Todos esses meios nos dão conta do grande contingente de imigrantes que adentram ao país com o objetivo de construir uma vida melhor e que aqui acabam tendo como quase único espaço de trabalho às diversas oficinas de costura.

Cláudio e Elias nos relataram sobre as condições de trabalho vivenciadas nessas oficinas de costura, e ainda hoje os diversos meios de divulgação e análise citados acima denunciam a insalubridade e as diversas práticas de exploração do trabalho realizadas nestes espaços. A ideia que pode nos vir à cabeça é a de que nada ou pouca coisa mudou em relação às condições e perspectivas de vida desses imigrantes nos últimos vinte anos, contudo, diversas foram as transformações observadas, às quais os dois interlocutores vivenciaram no decorrer da sua trajetória migratória conforme demonstraremos.

Como muitos outros imigrantes, Cláudio e Elias montaram cada um a sua oficina de costura com as economias que conseguiram juntar e agora prestavam serviço aos empresários coreanos. Como já apontamos nesse novo estágio são eles os responsáveis por contratarem a força de trabalho dos seus compatriotas recém-chegados da Bolívia, os quais levavam para morar em suas casas que eram ao mesmo tempo oficina de costura e local de moradia. O tempo passou e em determinado momento ambos deixaram de produzir para os coreanos e passaram a produzir pequenas bolsas em tecido que eram réplicas de bolsas importadas. Esse novo artigo passou a ser vendido nas ruas do bairro do Brás, mas especificamente na Feira da

Madrugada. Acompanhados de outros imigrantes bolivianos, os nossos interlocutores passaram a se dedicar a nova prática de trabalho, que consistia em produzir artigos têxteis nas suas oficinas de costura para vendê-las na Feira da Madrugada.

Essa nova atividade vai proporcionar durante os primeiros anos ganhos financeiros significativos, o que permitiu que tanto Cláudio como Elias adquirissem bens de consumo como carro e casa própria. O aumento dos ganhos foi seguido por um aumento na demanda de produção, o que por sua vez fez com que aumentassem o número de funcionários de que necessitavam, dentre os seus novos funcionários, muitos já não eram mais bolivianos, mas imigrantes paraguaios que vinham ao país em busca de melhores condições de vida. Cláudio chegou a ter vinte funcionários paraguaios trabalhando para ele. Elias nos conta que também chegou a ter um número expressivo de paraguaios em sua oficina, hoje, porém, ambos mudaram o seu modo de trabalho, em vez de contarem uma equipe de trabalhadores em sua oficina optaram por terceirizar a sua produção, contratando para isso oficinas de costura pertencentes a paraguaios.

Cerca de vinte anos após sua chegada ao Brasil, Elias e Cláudio possuem pontos em um dos locais mais movimentados da Feira da Madrugada e são vizinhos de banca, já não costuram mais, apenas Cláudio ainda tem o trabalho de cortar as suas mercadorias. Para eles retornar para a Bolívia parece algo distante, até porque conforme nos contam seus filhos já não se acostumam no seu país e já não se reconhecem como bolivianos, mas como brasileiros. Conforme falamos no início deste tópico as trajetórias de Elias e Cláudio exemplificam a trajetória de um número expressivo de imigrantes bolivianos, que ao longo de suas jornadas migratória, conseguiram lograr um êxito econômico, principalmente quando comparados a outros membros da comunidade.

Ambos seguiram uma trajetória considerada no interior da comunidade como sendo um processo de ascensão social, devido à mobilidade em que estes alcançaram, e é assim que os nossos interlocutores percebem a sua própria trajetória, como um processo de ascensão do imigrante pobre e com poucos recursos que foi explorado por um patrão estrangeiro, mas que no final “graças ao seu trabalho e esforço individual” conseguiu lograr êxito e vencer no país de destino.

Como vimos no capítulo anterior o atual fluxo de imigração vem se desenvolvendo desde o início da década de 1980, ao longo deste período de mais de trinta anos os sujeitos que compõem este grupo foram desenvolvendo estratégias de trabalho, inserção e também meios para atingirem certa mobilidade econômica. No entanto, a noção de mobilidade que

rotineiramente é tratada de maneira simples se mostrou extremamente complexa durante a pesquisa de campo. De um lado é possível encontrar camelôs bolivianos orgulhosos dos bens materiais conquistados como casa própria, carro, investimentos feitos na Bolívia. No outro lado temos trabalhadores precarizados vivenciando uma condição de trabalho semelhante a aquelas em que estavam submetidos os seus atuais padrões, ao mesmo tempo em que estes objetivam o mesmo padrão de vida, ou pelos menos os mesmos ganhos financeiros que estes alcançaram, ou seja, atingir a tão sonhada mobilidade econômica.

De acordo com as teorias microssociológica (SAYAD, 1998) que discutem o tema da migração, o desejo de progredir financeiramente é o principal fator que motiva os indivíduos no empreendimento migratório, onde os sujeitos veem na possibilidade de morar e trabalhar em outra região uma oportunidade de ascensão econômica, por mínima que esta seja, sendo que esta pode ser realizada tanto no local de destino como no local de origem do imigrante. Neste processo muitos imigrantes planejam trabalhar e juntar dinheiro o máximo de dinheiro possível para assim retornar a sua região de origem. Esse projeto migratório comum pode ser verificado nos diversos trabalhos que discutem à questão migratória.

No caso dos imigrantes bolivianos essa realidade não é diferente, foi comum verificarmos projetos individuais semelhantes a esse. Nas conversas que estabelecemos com os sujeitos da pesquisa, sobretudo, quando se tratava dos costureiros, que afirmavam pretender trabalhar no Brasil por um período de dois a três anos para depois retornar a Bolívia com dinheiro suficiente para montar um negócio próprio, construir uma casa ou adquirir algum bem. Juan³³ que atualmente trabalha como camelô na Feira da Madrugada nos relata que durante os primeiros anos quando atuava como costureiro seu objetivo era retornar a Bolívia, “não gostava daqui, queria voltar, queria só juntar um dinheiro pra voltar, nunca pensei em ficar”. A decisão de se estabelecer só viria após o nascimento da sua primeira filha, quando ele se vê forçado a mudar o seu projeto de vida, “aí quando nasceu a minha filha vi que tinha que ficar que precisava dar um futuro pra ela, e que na Bolívia não conseguiria”.

Para Juan o nascimento da filha foi determinante não apenas para a decisão de permanecer em São Paulo, mas também para uma virada na sua vida, segundo ele agora com mais responsabilidades, teria que repensar seus objetivos e planos, se antes na condição de solteiro o trabalho de costureiro lhe bastava para o seu projeto de vida, agora a nova condição

³³ Juan é um imigrante boliviano de trinta de idade, natural do Departamento de La Paz e há dez vivendo no país, ele migrou para o Brasil através do intermédio de uma amiga da sua mãe já residente na cidade, durante os primeiros seis anos Juan atuou como costureiro, profissão essa que aprendeu no Brasil. Hoje ele é dono de uma oficina de costura e de uma banca de camelô na Feira da Madrugada.

passou a lhe exigir uma nova postura, e isso incluía aumentar os ganhos financeiros que teriam de ser suficientes não apenas para o sustento da família, mas principalmente teria que garantir o pagamento do aluguel de uma casa que serviria não apenas como um espaço de residência e manutenção da nova família, mas que teria como principal função ser o espaço de trabalho dos membros da família e dos seus empregados.

Nas narrativas analisadas podemos observar a relação existente entre formar uma família, alugar uma casa e montar uma oficina, esses eventos são descritos pelos sujeitos como estando interligados e sendo parte de um mesmo momento. Veronica Yurja³⁴, imigrante e ativista boliviana, ao nos relatar a trajetória da sua família descreve a seguinte situação, estando o seu pai residindo no país há dois anos, e durante todo esse período atuando como costureiro, a sua decisão de investir as economias adquiridas na abertura de uma oficina de costura só viria após a vinda do restante da família (esposa e filhos) para o Brasil.

Fato semelhante podemos ver na trajetória já citada de Cláudio durante os primeiros dez anos de sua chegada ao país ele atuou como costureiro morando e trabalhando no mesmo espaço, no entanto, é a partir do seu primeiro nascimento do seu filho que ele toma a decisão de montar uma oficina, sobre este momento Cláudio nos conta que:

“Minha esposa estava grávida de sete meses, foi aí que o dono da oficina disse que não podíamos mais ficar lá, porque uma criança ia gastar muita água, aí comecei a procurar uma oficina pra gente trabalhar, achei uma, mas o cara disse que só aceitava se minha esposa trabalhasse um ano de graça, aí eu não aceitei, peguei o dinheiro que a gente tinha economizado aluguei uma casa e dei entrada numas máquinas, aí começamos a oficina.”

Para os nossos interlocutores o ato de montar uma oficina está relacionado a um novo momento da vida com maiores responsabilidades e necessidades. Elias, no entanto, destaca outros fatores que teriam sido fundamentais para a sua ascensão econômica, o nosso interlocutor vai buscar nos seus conhecimentos acumulados as razões que explicariam a ascensão por ele conquistada, destacando os períodos em que ele trabalhou em uma empresa de costuras em Minas Gérias, e em outro em que atuou como vendedor de purificadores de água, segundo ele foram estas experiências que lhe proporcionaram os conhecimentos que o

³⁴ Veronica Yujra é uma imigrante boliviana natural do Departamento de La Paz, ainda criança juntamente com o seus pais, tinham na época da chegada nove anos de idade, atualmente trabalha como dentista e é uma ativista política nos movimentos sociais que discutem a questão dos direitos dos imigrantes.

levaram a uma maior eficiência e organização do trabalho, da forma de organizar as finanças e o tempo. O nosso interlocutor relata que nos primeiros anos o seu objetivo era juntar economias e retornar a Bolívia, seguindo assim o projeto semelhante ao de um grande número de costureiros, no entanto, ao olhar quais eram os seus objetivos nos primeiros anos no Brasil, Elias enfatiza que o seu projeto estava equivocado, e que este seria um erro ao qual a grande maioria dos bolivianos residentes na cidade cairiam. Segundo ele a vontade de apenas juntar economias sem qualquer preocupação com a qualidade de vida seria o principal fator que impediria os imigrantes bolivianos de progredirem na cidade. Sobre os primeiros anos ele conta que “eu trabalhava demais, trabalhava até às duas da manhã, trabalhei tanto que acabei ficando doente, tive tuberculose, tudo isso pensando em juntar dinheiro pra voltar”. Todavia, o que o nosso interlocutor não sabe é que a incidência de tuberculose entre imigrantes bolivianos é bastante alta, isso se deve não apenas devido à convivência nos espaços de trabalho fechados e insalubres que ocasionam problemas respiratórios, mas também devido à falta da vacina BCG que não é distribuída na Bolívia.

Todavia, enquanto o discurso da ascensão tem um caráter positivo para determinados sujeitos da comunidade boliviana, para outros esta adquire um sentido contrário, foi isso o que podemos ver na fala de Miguel imigrante e ativista boliviano. Sobre este fenômeno ele diz, “ganharam dinheiro melhoraram de vida, mas a que custo, explorando a sua gente, eu não quis crescer a esse custo, desse jeito, por isso sai da costura, não quis ser oficinista pra não ter que explorar outros bolivianos”. Para Miguel a mobilidade conquistada por alguns membros da comunidade boliviana é o resultado da exploração que estes praticam sobre outros membros, vendo nesta prática um comportamento equivocado e que demonstraria a falta de união e de espírito de comunidade dos seus compatriotas.

Essa visão é bastante comum nas discussões realizadas sobre as práticas de trabalho que ocorrem no setor têxtil da cidade, aonde se questiona o fato dos bolivianos explorarem o trabalho dos próprios bolivianos. Tal ideia parte do pressuposto de que os vínculos étnicos deveriam se sobrepor a relação capital trabalho, o que podemos verificar durante a pesquisa de campo não ocorre. Apesar de todo o discurso e apelo envolvendo as relações étnicas e a experiência comum de imigrante num país estrangeiro, observamos que estes fatores não se refletem em práticas de trabalho mais amenas e solidárias, na realidade esta suposição parte de uma visão equivocada que vê os imigrantes bolivianos e não apenas estes, mas nos estrangeiros de uma forma geral, como sendo parte de um todo homogêneo, e que, portanto,

devem ter características comuns, além de possuir uma solidariedade maior entre os sujeitos deste grupo.

Como observamos essa visão nega à importância das relações de trabalho e de classe existente dentro dos grupos étnicos, ao mesmo tempo em que dificulta a percepção sobre a heterogeneidade no interior do grupo e os conflitos que decorrem dessas diferenças. Contudo, esse discurso vem sendo utilizado não apenas pelo senso comum e reproduzido pela mídia, mas também pelos ativistas das causas migratórias como acabamos de citar. Ao discutirmos com estes sujeitos sobre a questão da mobilidade entre os imigrantes bolivianos, a fala destes ativistas³⁵ se divide nos seguintes posicionamentos: em um primeiro momento a mobilidade é negada e colocada como inexistente ou insignificante, para depois num segundo momento ser relativizada, mas sempre abordando o fato de qualquer mobilidade só é possível graças a práticas de trabalho atípicas, ou seja, aonde ocorreriam práticas de exploração do trabalho mais acentuadas do que aquelas aceitas em nossa sociedade.

A mobilidade alcançada também se reflete nas diferenças visões que os sujeitos possuem, essa pode ser determinada de acordo com a posição ocupada dentro do circuito têxtil. Como citamos, costureiros e oficinistas possuem visões distintas sobre determinadas questões, como por exemplo, o projeto migratório de cada grupo. Conforme falamos foi possível verificar nas conversas entre costureiros e oficinistas projetos distintos em relação ao tempo pretendido de estadia no país. Mas, não é só no projeto migratório que os dois grupos se distinguem, em temas caros a comunidade boliviana é possível observar diferenças na posição de cada grupo, um exemplo do que falamos seria na questão referente às diversas práticas de exploração de trabalho praticadas.

Os oficinistas além de lançarem mão do discurso étnico aonde se colocam na posição de melhores patrões que os coreanos, também procuram naturalizar as práticas de exploração, sendo estas vistas como algo necessário e pela qual eles também passaram. Ao mesmo tempo temas como o trabalho análogo ao escravo passam a ser criticados, sendo visto como mais um dos estigmas a que os imigrantes estão sujeitos na cidade, afinal para os oficinistas a prática de trabalho por eles desenvolvida de forma alguma pode ser caracterizada desta forma.

³⁵ Aqui não citaremos os nomes dos nossos interlocutores, apenas vamos nos referir a eles na forma genérica de ativistas, estes são pessoas que militam em ONGs de direitos humanos voltadas para as questões que envolvem os imigrantes residentes no país.

No entanto, apesar das diferenças observadas precisamos aqui destacar outro aspecto da relação costureiro oficinista, que é o fato de que a fronteira entre as duas ocupações nem sempre ser tão clara e precisa. Isso ocorre porque nem sempre o dono da oficina se encaixa no perfil dos interlocutores que citamos. Nos últimos anos aconteceu na cidade uma proliferação ainda maior de oficinas de costura, estas acabam ficando cada vez menores e mais familiares. Nesse processo vem ocorrendo uma diminuição nos ganhos dos oficinistas como resultado da quantidade e conseqüente concorrência entre elas, neste cenário a diferença de ganhos entre o oficinista o costureiro diminui acentuadamente. Diante de situações como estas, ativistas bolivianos acabam por ter que reformular a percepção sobre as práticas de exploração do trabalho, sobre isso um dos nossos interlocutores diz, “só existe exploração quando o dono da oficina mora numa casa separada dos costureiros quando a comida dele é diferente da do costureiro, quando eles moram juntos dividem a mesma comida e trabalham igual, o dono da oficina é tão explorado quanto o costureiro”, veremos mais sobre essa questão no tópico seguinte quando trataremos sobre as oficinas de costura. Aqui frisamos pela heterogeneidade das ocupações entre os imigrantes bolivianos e no inteiro do circuito têxtil.

Por fim, queremos aqui destacar um aspecto pertinente no que se refere à questão da mobilidade entre os imigrantes bolivianos, a de que esta seria apenas o resultado dos esforços individuais de cada sujeito. Compreendemos que a mobilidade dos sujeitos esta inserida em um processo histórico maior, aonde não somente os sujeitos, mas a comunidade boliviana como um todo foi acumulando experiências que lhes permitiram ter acesso a novas relações e espaços dentro da cidade, e assim atingir novas formas de inserção dentro da cidade. Desta forma, as conquistas individuais podem ser vistas como reflexos de conquistas políticas maiores. Como exemplo do que estamos falando, destacamos as lutas políticas que culminaram em processos de anistia aos imigrantes residentes no Brasil. Esta permitiu a diversos sujeitos regularizam a sua situação, o que lhes permite novas possibilidades de ocupações e atividades. Um exemplo concreto do que falamos ocorre com os imigrantes bolivianos documentados presentes na Feira da Madrugada, onde aqueles que tem a sua situação regularizada é possível desenvolver uma série de práticas que os outros imigrantes indocumentados não tem acesso.

Isso fica exposto nas possibilidades de transações bancárias a que os imigrantes documentados podem ter acesso, ao adquirir uma conta bancária com um talão de cheques um camelô boliviano na Feira da Madrugada pode desenvolver uma série de práticas, como

estabelecer negócios com agiotas e obter ganhos extras prestando serviços bancários a outros imigrantes, estes são exemplos que podemos observar na pesquisa de campo de como as conquistas coletivas se refletem nas práticas dos sujeitos, as quais vão contribuir de forma decisiva nas possibilidades de inserção construídas pelos sujeitos.

3.1 A oficina de costura

As diversas pesquisas produzidas sobre a comunidade boliviana da cidade de São Paulo abordaram de alguma maneira a vida nas oficinas de costura, espaço que é ao mesmo tempo local de trabalho e de moradia. Na maioria das vezes as informações sobre esses espaços vieram através de entrevistas realizadas com os costureiros ou por meio de documentos produzidos após as ações realizadas pelos órgãos fiscalizadores, como o Ministério Público do Trabalho. Uma das maiores dificuldades em uma pesquisa sobre a temática referida é justamente o acesso a estes lugares, que por diversas razões são escondidos e camuflados.

Como podemos ver em diferentes fontes, como pesquisas acadêmicas e reportagens jornalísticas, o cotidiano desses espaços consiste em jornadas de trabalho que se iniciam as sete ou seis da manhã indo até o período noturno, variando conforme o período do ano e a demanda por serviço, mas quase sempre passando das dez horas da noite. Como disse um dos nossos informantes ao se referir sobre o seu cotidiano, “a vida de costureiro é assim você acorda toma café e vai costurar, depois almoça e volta costurar, ai janta e volta costurar mais um pouco e vai dormir pra depois costurar no dia seguinte”. Além das jornadas de mais de quatorze horas de trabalho, os relatos sobre estes espaços dão conta de um cenário de desrespeito a qualquer forma de direitos trabalhistas, violências, como abusos sexuais contra mulheres praticados por colegas de trabalho, pelo dono da oficina, cárcere privado, espancamentos, trabalho escravo, endividamentos, não pagamento de salários, péssimas condições de higiene, riscos de doenças respiratórias, doenças causadas pelo esforço repetitivo, má alimentação, estruturas precárias que colocam em risco a vida dos trabalhadores, instalações elétricas que podem causar incêndios, isolamento, reclusão e invisibilidade, relações de parentesco e apadrinhamentos, lealdade, submissão, obediência, controle sobre o trabalhador, alienação sobre a percepção das relações de classe.

Todos esses apontamentos correspondem ao cenário traçado sobre o que seria uma oficina de costura e todos eles se encontram presentes nas conversas dos trabalhadores inseridos ou que já passaram por esses espaços. Sobre a má alimentação é bastante popular a história sobre o arroz com salsichas, bem como os relatos sobre o racionamento de comida. Algumas histórias são contadas quase como lendas devido o fato de serem repetidas por diferentes sujeitos, o imigrante boliviano que veio para São Paulo sozinho e acabou falecendo e por ninguém conhecer a sua origem acabou sendo enterrado como indigente, a moça que foi abusada pelo oficinista e acabou engravidando e depois foi despedida ou a mulher mantida sobre cárcere que teve que fugir junto com o filho e acabou vagando perdida por São Paulo.

O quadro traçado por trabalhadores, pesquisadores e órgãos de fiscalização revelam um ambiente de extrema exploração que pode facilmente ser relacionado com outros espaços de exploração e sofrimento outrora produzidas pela sociedade capitalista, como as antigas fábricas do início da revolução industrial ou as minas de carvão da mesma época. De fato, as oficinas de costura estão entre os ambientes de trabalho que mais aparecem nas denúncias sobre práticas de trabalho análogo ao escravo. No ano de 2014, segundo dados levantados pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), pela primeira vez o número de casos de trabalhadores em condições análogas a escravidão nas áreas urbanas superou o número de trabalhadores resgatados nas áreas rurais, esse crescimento do número de trabalhadores em condições análogas a escravidão nas áreas urbanas vem sendo puxado em grande medida por dois setores, a construção civil e a indústria têxtil.

No entanto, este quadro não é uma particularidade apenas do contexto brasileiro, tragédias envolvendo o setor têxtil vem repercutindo no mundo inteiro, como os incêndios ocorridos em oficinas de costura, o maior de todos ocorreu em Bangladesch, no dia 24 de abril de 2013 onde morreram 1127 e 2438 ficaram feridos, sendo esta a maior tragédia envolvendo a indústria têxtil. Em entrevista ao site UOL Renato Bignami, coordenador do Programa de Erradicação do Trabalho Escravo da Superintendência Regional do Trabalho em São Paulo, afirma que é possível ocorrer esse tipo de tragédia no Brasil, pois as condições das oficinas de costura da cidade guardam semelhanças com aquelas encontradas em Bangladesch e em outras cidades onde ocorrem esse mesmo tipo e acidente. Ele diz:

Mais recentemente, em 2006, uma oficina de costura localizada em Buenos Aires queimou completamente e matou seis integrantes de uma mesma família de

costureiros bolivianos. Destino semelhante tiveram duas crianças, filhas de uma família boliviana que vivia e trabalhava no mesmo local – uma oficina de costura no bairro do Brás, em São Paulo, incendiada no ano de 2010. A mesma sina tiveram os 314 trabalhadores de uma fábrica têxtil do Paquistão, ou os 124 trabalhadores de um complexo fabril do mesmo Bangladesh, ambos os desastres ocorridos em 2012. Somados, já se vão alguns milhares de trabalhadores mortos em virtude de péssimas condições de trabalho na indústria do vestuário. (ENTREVISTA CONCEDIDA AO SITE UOL, 7 DE MAIO DE 2013).

Alguns meses após essa entrevista ocorreu outro incêndio em uma oficina têxtil em Bangladesh dessa vez vitimando nove trabalhadores, em todo o mundo vem crescendo o número de denúncias sobre as condições de trabalho desses espaços. Na mesma entrevista Renato Bignami diz que:

Ao lado dessas características, situações de assédio moral e sexual, vexações e abusos de toda ordem também são observados, tanto em Bangladesh quanto aqui. Essas situações ocorrem, na maioria das vezes, nos locais de trabalho mais segregados e obscuros, longe, portanto, das confortáveis instalações que são encontradas nas proprietárias das marcas, nas quais decisões empresariais geradoras de impacto direto em toda a cadeia produtiva são tomadas a cada instante. (ENTREVISTA CONCEDIDA AO SITE UOL, 7 DE MAIO DE 2013).

Para Vasapollo (2004), essa forma de trabalho pode ser enquadrada no conceito de trabalho atípico. Segundo o autor esse conceito pode ser aplicado a toda uma série de atividades mal- remuneradas, ilegais, perigosas e desprotegidas pela legislação, essas formas de trabalho teriam a sua origem na desestruturação produtiva que deu início ao processo de acumulação flexível de que falamos anteriormente. Se após a reestruturação produtiva as formas de trabalho passaram de uma maneira geral por processos de precarização seguidos por uma exploração mais intensa dos trabalhadores, os trabalhos atípicos nesse caso se encontrariam no mais alto grau de exploração e precarização e, por sua vez, nos mais baixos graus de remuneração e proteção dos trabalhadores nele envolvidos. Como vemos em:

Desta situação surgiu uma forma de trabalho novo, alternativo, denominado de “trabalho atípico ou informal”, termo que engloba o trabalho submisso, secundário, ilegal, intermitente e temporário, que acontece dentro e fora do mercado oficial, é mal-remunerado, encontra-se dissociado das regras dos contratos nacionais de trabalho e não segue procedimentos legais de regulamentações. A falta de proteção legal e sindical faz com que esses trabalhadores não tenham qualquer garantia e se encontrem, conseqüentemente, vivendo em condições inaceitáveis. (VASAPOLLO, Pág. 116 e 117, 2004)

No entanto, as oficinas não se configuram apenas em espaços de trabalho e exploração, mas são também espaços de sociabilidade, uma vez que é ali onde o costureiro passa a maior parte das suas horas, e onde na maioria dos casos é o primeiro espaço de interação social do imigrante na cidade e no país, tornando-se assim o local onde são construídos os primeiros laços sociais, com o oficinista e também com os seus colegas de trabalho. Ali são construídas relações de amizade, companheirismo, namoros e casamentos.

Todo esse caldo nos mostra um ambiente complexo onde relações pessoais e profissionais se misturam, proporcionando assim um controle maior do trabalhador, que além de vender a sua força de trabalho necessita também manter uma conduta de lealdade e respeito por aquele que o trouxe e esta lhe auxiliando a se estabelecer em um país estrangeiro, mesmo quando não existe o laço de lealdade o controle sobre o trabalhador acontece em sua quase totalidade, onde não apenas as horas de trabalho, mas também as de ócio podem ser supervisionadas pelo oficinista. Desta forma, a oficina mesclaria um espaço público e privado ao mesmo tempo, de um lado a intensa forma de exploração de uma fábrica, porém sem os mecanismos de proteção da mesma, do outro lado elementos de opressão presentes na vida privada. Harvey (2004), destaca essa relação como um elemento dos novos empreendimentos que passaram a surgir a partir dos anos 1970, apontando essas novas formas de trabalho como sistemas paternalistas. Sobre isto ele diz:

Os sistemas paternalistas são territórios perigosos para a organização dos trabalhadores, porque é mais provável que corrompam o poder sindical (se ele estiver presente) do que tenham seus empregados liberados por este do domínio e da política paternalista de bem-estar do “padrinho”. Com efeito, uma das grandes vantagens do uso dessas formas antigas de processo de trabalho e de produção pequeno-capitalista é o solapamento da organização da classe trabalhadora e a transformação da base objetiva de luta de classes. Nelas, a consciência de classe já não deriva da clara relação de classe entre capital e trabalho, passando para um terreno muito mais confuso dos conflitos interfamiliares e das lutas pelo poder num sistema de parentesco ou semelhantes a um clã que contenha relações sociais hierarquicamente ordenadas. A luta contra a exploração capitalista na fábrica é bem diferente da luta contra um pai ou tio que organiza o trabalho familiar num esquema de exploração altamente disciplinado e competitivo que atende às encomendas do capital multinacional. (HARVEY, 2004, P. 145 e 146).

Esses novos empreendimentos dificultam as percepções de classe que agora passam a ganhar uma nova configuração, muitas vezes esses conflitos podem ser anulados em nome de

uma “unidade familiar” ativando assim um discurso sobre a importância da família permanecer unida e trabalhar unida, o que ocorre quando existe esse tipo de laço entre o oficinista e os costureiros. Além disso, conforme falamos anteriormente no contexto da oficina podem ser ativados discursos étnicos, esses funcionariam como uma forma de prender o costureiro ao seu grupo baseando-se no medo existente em relação ao outro, gerando assim a seguinte avaliação “se é ruim trabalhar para o meu próprio compatriota, imagina como pode ser trabalhar para um estrangeiro”, discurso esse muito reforçado pelos oficinistas mais antigos que inicialmente trabalhavam para os imigrantes coreanos.

Esses sujeitos ao relatarem as condições de trabalho a qual foram submetidos logo quando aqui chegaram, costumam relacionar a exploração vivenciada à condição étnica do seu padrão, assim durante as conversas podemos ouvir histórias sobre “coreanos ruins” que exploravam os bolivianos, ao mesmo tempo em que durante o discurso esses sujeitos procuram estabelecer um contraste entre a forma que os seus antigos patrões agiam e a forma como eles agem agora, tentando demonstrar assim um salto qualitativo nas relações de trabalho.

Aqui não abordaremos questões como a retenção de documentos e ameaça de entrega à polícia dos costureiros insurgentes, devido esse já ser um tema bastante trabalhado. Nossa análise será voltada para a experiência que tivemos durante as visitas que realizamos em duas oficinas de costura. Nestas, apesar do pouco tempo disponível, podemos realizar algumas observações que passaram a ser fundamentais para os caminhos que a pesquisa tomou. Abaixo temos uma figura que ilustra bem o cotidiano destes espaços:

FIGURA 13: JOVENS EM UMA OFICINA DE COSTURA



Figura 13: Foto de uma oficina de costura, acima podemos ver como o ambiente de trabalho e familiar estão incluídos. Fonte arquivo do autor.

Em primeiro lugar as visitas às oficinas só se tornaram possíveis devido aos laços de proximidade que mantivemos com os oficinistas, donos desses espaços. Como podemos ver em Velho, “o pesquisador brasileiro, geralmente em sua própria cidade, vale-se de sua rede de relações previamente existente e anterior à sua investigação” (2003, pág.12). Assim, ativando as redes de contatos já estabelecidas, podemos construir uma relação de proximidade que nos permitiu ter acesso a esses espaços.

A primeira visita aconteceu durante um dia de semana em uma oficina situada na periferia da cidade de São Paulo, cuja região e o bairro não serão aqui revelados devido ao compromisso estabelecido com os nossos informantes. Nesse dia podemos conhecer a oficina de Elias, oficinista e camelô na Feira da Madrugada. Chegando nesse espaço, que é também a casa de Elias, descobrimos que ali se desenvolve apenas parte da produção, no caso as etapas de corte e separação dos afiamentos, para assim serem encaminhados para outras oficinas que farão a parte da costura, gerando assim um processo de terceirização da sua produção, prática,

que conforme enfatizamos, encontra-se disseminada pela cadeia produtiva têxtil sendo efetuada até mesmo pelas bancas de camelô.

Ali neste espaço trabalhavam Reinaldo que ocupa a função de cortador, sua esposa Tereza que é ajudante responsável por separar os insumos que vão para cada oficina e também José Luiz que é o único costureiro presente naquele local, mais a frente retornaremos no caso de José Luiz. Esta oficina é responsável por distribuir serviço para outras oficinas, às quais empregam um total de vinte costureiros. Reinaldo, o cortador, é primo de Elias e veio para o Brasil por intermédio dele, chegando aqui aprendeu com Elias o ofício, para cá se transferiu com a esposa e duas filhas, deixando a filha mais velha estudante de enfermagem na Bolívia. Parte da renda que ele e a esposa ganham é enviada para a sua poder pagar as despesas com os seus estudos.

Segundo eles esse seria o principal motivo para estarem no Brasil, ou seja, obter uma renda maior para poder auxiliar nos estudos dos filhos. A família de Reinaldo mora em companhia de José Luiz em uma casa em frente ao seu local de trabalho. Alugada por Elias esta casa possui quatro cômodos e um banheiro e é mobiliada com móveis de segunda mão. Reinaldo por ser cortador afirma ter uma renda maior que gira entre oitocentos reais, a função de cortador requer bastante atenção, pois os riscos de acidente são grandes, algo que veio a ocorrer em um momento posterior, na segunda visita que efetuamos a esta oficina encontramos Reinaldo já recuperado, porém ficou com as marcas do acidente. Abaixo temos as fotos de Reinaldo e sua família:

FIGURAS 14, 15 e 16: REINALDO E SUA FAMÍLIA



Figura 14: Reinaldo na mesa de corte. Fonte arquivo do autor.



Figura 15: Reinaldo sendo auxiliado pela sua esposa na fase de preparação do corte. Fonte arquivo do autor.



Figura 16: Reinaldo com sua filha durante o horário de trabalho, a criança brincava por envolta da mesa de corte. Fonte arquivo do autor.

Nesta oficina conhecemos José Luiz, costureiro, 24 anos e a quatro morando no Brasil. Sobre a sua vinda para cá ele conta que estava cansado da vida e das oportunidades de trabalho em seu vilarejo e decidiu ir embora. No entanto, não tinha amigos e nem conhecidos fora da Bolívia, então procurou determinados sujeitos que tem por ocupação trazer os seus compatriotas para o Brasil (equivalentes aos coiotes das fronteiras EUA-México). Ao se apresentar a eles, José Luiz disse que queria ir para a Argentina, mas lhe disseram que não estavam mais levando gente pra Argentina somente para o Brasil. Diante disso ele pensou e concordou: “tudo bem vou para o Brasil então”. Foi oferecido para ele o trabalho de costureiro, ele disse que não queria por não saber costurar que preferia ser ajudante, lhe disseram “sem problemas, pode ser ajudante, mas costureiro ganha mais, e lá você aprende a

costurar é bem fácil”. Assim, José Luiz saiu em uma noite para vir com esses atravessadores para o Brasil sem avisar a sua família, “eu fugi de casa pra vim pro Brasil”. Sobre esse fato ele conta que durante o caminho sentiu muito medo “tive medo do que poderiam fazer comigo, podiam me escravizar”.

Chegando ao Brasil ele foi encaminhado para uma oficina de costura na cidade de Guarulhos na RMSP, ele não foi escravizado da forma como imaginava, mas ficou sujeito às condições de trabalho que descrevemos, tendo que trabalhar nos primeiros meses para pagar a sua dívida da viagem. Logo que chegou avisou seus pais sobre o que tinha feito e onde estava, que em um primeiro momento brigaram, mas depois acabaram aceitando. Após trabalhar por algum tempo nessa oficina, ele se transferiu para outra na cidade de São Paulo. Sobre essa primeira oficina José Luiz conta que era um lugar ruim de trabalhar quando comparadas com as outras que ele trabalhou depois, um dos problemas deste espaço era a comida racionada, a qual era servida apenas certa quantidade diária por costureiro, os horários eram extremamente rígidos. Nesse tempo ele nos relata que a imagem que tinha a respeito dos brasileiros era a de serem bastante severos, isso devido a convivência com a sua primeira patroa.

Nas duas visitas efetuadas nessa oficina podemos estabelecer conversas com José Luiz. Nessas, ele falou sobre o seu desejo de arrumar outra ocupação que não fosse a de costureiro, pois não possuía habilidade suficiente nessa ocupação para torná-la rentável, porém arrumar outra ocupação era bastante difícil, pois apesar de já estar a quatro anos na cidade ainda não possuía uma rede de amigos e conhecidos que pudessem lhe auxiliar nessa tarefa. Desta forma, vemos que as redes sociais se mostram fundamentais para a inserção dos imigrantes em outros espaços fora do setor têxtil. A ausência de uma rede social capaz de possibilitar contatos e a inserção em outros espaços de trabalho era resultado do isolamento ao qual José Luiz e também outros costureiros estão submetidos, isolamento esse que contribuiu para a permanência destes costureiros nas atuais condições de exploração.

Sobre isso, Veronica Vujra, imigrante e ativista boliviana, ao referir-se a sua própria trajetória diz “para mim o ponto de virada na minha vida foi quando a gente saiu da oficina de costura”. Chalo, ex-costureiro e atualmente comerciante, diz que quando chegou ao Brasil tinha planos de estudar, mas que isso não era possível devido o trabalho lhe tomar todo o seu tempo, “não queria ter que trabalhar das sete da manhã até onze da noite, era muito difícil o trabalho de costureiro”. O isolamento é um dos principais problemas apontados pelos costureiros, o tempo em que a atividade demanda e as impossibilidades que ele acarreta como

não permitir que o costureiro estude, ou forme redes fora do meio da oficina, o que poderia lhe proporcionar novas oportunidades. Essas possibilidades se tornam restritas devido o regime de trabalho vigente. É importante, no entanto, não confundirmos isolamento com invisibilidade que aqui compreendemos como sendo duas categorias distintas no que se refere ao nosso problema de pesquisa. Xavier (2010) discutiu a ideia de invisibilidade, para a autora esta seria um dos estigmas geralmente atribuídos aos bolivianos, seus fundamentos estariam baseados em uma suposta baixa circulação destes indivíduos pelos espaços públicos da cidade, e em um não reconhecimento dos direitos sociais e políticos destes sujeitos. Em sua pesquisa a autora desconstrói a noção de invisibilidade amparada na ideia de baixa circulação, como a própria autora cita e podemos observar na pesquisa de campo, os imigrantes bolivianos realizam uma alta circulação pela cidade e seus espaços públicos (XAVIER, 2010).

Todavia, os espaços em que estes sujeitos circulam são aqueles que a sociedade reservou para eles, ou seja, os espaços de trabalho precarizado, de comércio popular e as áreas degradadas da cidade (XAVIER, 2010). Desta forma, o termo invisibilidade não serve para caracterizar a condição a que estão sujeitos os costureiros das oficinas a que tivemos acesso, sendo preferível para estes casos a noção de isolamento. No caso um isolamento, sobretudo, de relações sociais, às quais permitiriam aos sujeitos elaborarem novas estratégias, estas servem para diminuir a sua dependência em relação ao seu empregador, bem como pode lhes permitir visualizar novas oportunidades de trabalho e inserção na cidade.

Essa mesma situação de isolamento podemos ver quando visitamos a oficina de costura de Cláudio, a segunda oficina que conhecemos. Neste espaço fizemos apenas uma incursão, ali diferentemente da oficina de Elias são realizadas todas as etapas da produção, deste o corte até a costura. A sua oficina fica situada na sua própria residência, em um salão que fica entre a sua casa e a casa dos costureiros. Ao chegarmos nesse local Cláudio nos apresentou aos seus funcionários, falou sobre a realização de uma pesquisa e deixou que ficássemos à vontade para conversarmos com os costureiros, estes se encontravam em um dia normal de expediente de trabalho, por isso não tinham muito tempo para conversar.

As conversas seguiram um roteiro semiestruturado visando compreender a sua origem, saber de onde são, porque vieram para o Brasil, enfim, a trajetória migratória daqueles sujeitos. Nesta oficina trabalham nove pessoas, dois rapazes com idades entre 18 e 21 anos, Inácio de 29 anos, sua esposa, Sérgio de 20 anos, sua esposa, sua mãe e seus dois irmãos menores que ali atuam com ajudantes, além do seu filho recém-nascido. A oficina está situada

em um salão amplo que foi construído já para essa finalidade, ao todo ali são seis costureiros e três ajudantes, nesta oficina são produzidas bolsas femininas, às quais Cláudio acompanhado de sua esposa comercializam na Feira da Madrugada.

FIGURAS 17 E 18: A OFICINA DE COSTURA DE SÉRGIO



Figura 17: Sérgio e sua esposa trabalhando na confecção de bolsas que serão vendidas na Feira da Madrugada. Fonte arquivo do autor.



Figura 18: A mãe de Sérgio trabalhando como ajudante de costura. Fonte arquivo do autor.

Ali, segundo os próprios costureiros, seriam produzidas trezentas bolsas diariamente, o valor pago por bolsa seria de um real. Inácio e Sérgio produzem acompanhado de suas esposas, assim cada um faz uma etapa da produção e não a bolsa toda como ocorre com os dois rapazes solteiros. Nesse caso, o valor da renda produzida fica para o casal, não havendo uma distinção entre o salário da mulher ou do marido. Os ajudantes receberiam um salário-mínimo segundo informaram, porém é difícil saber se os pagamentos aos ajudantes ocorrem dessa forma mesmo, ou se no caso por pertencerem todos a mesma família a divisão da renda se daria por outra forma, uma vez que os dois irmãos ajudantes tem idades entre 12 e 14 anos. No meio da conversa podemos ter acesso a outro dado, trata-se de que até então acreditávamos que a oficina em questão pertencia a Cláudio, dono da banca de camelô e também da casa onde funciona a oficina. No entanto, descobrimos que a oficina pertencia a Sérgio, um dos costureiros que ali trabalhava.

Cláudio conta que no passado teve várias oficinas produzindo diferentes artigos de vestuário, mas quando se inseriu na Feira da Madrugada passou a produzir bolsas femininas que eram vendidas inicialmente nas ruas do Brás, no auge do movimento ele conta que chegou a ter quarenta funcionários, vinte paraguaios e vinte bolivianos, com a redução das vendas foi diminuindo o seu quadro de funcionários, até ficar somente com dez, entre esses que permaneceram estava Sérgio, na época com 18 anos. Nesse momento, Cláudio passou a incentivá-lo a montar a sua própria oficina, neste caso ele se comprometeria em lhe fornecer o serviço necessário. Assim, juntando a suas economias com as da sua esposa, compraram seis máquinas de costura reta próprias para o tipo de tecido das bolsas. Desta forma, Sérgio montou a sua oficina acompanhado de seus familiares, colegas de trabalho e com Inácio, seu amigo e vizinho quando os dois ainda moravam no Paraguai, nas proximidades da cidade de Encarnacion.

Essa prática de procurar incentivar os costureiros a montarem a sua própria oficina se mostra bastante frequente, o oficinista através do empréstimo de máquinas ou pela garantia de serviço acaba fomentando em seus funcionários o desejo de se tornarem oficinistas também. Algo que muitos costureiros também almejam, já que assim é aberta para ele uma possibilidade de aumentar os seus ganhos e realizar algo que dentro daquele contexto social é visualizado como sendo uma mobilidade, avançando de empregado para o posto de patrão em um negócio que em um primeiro momento se mostra favorável para as duas partes, o

costureiro alcançando a mobilidade pretendida e o oficinista reduzindo os seus custos a partir disso.

Ao terceirizar a sua produção Cláudio pode reduzir as despesas com alimentação que passaram para a responsabilidade de Sérgio, junto também com as despesas de aluguel da casa de moradia dos costureiros e da oficina de produção. No caso, como Cláudio já possui casa própria, ele passou a alugar para Sérgio tanto o salão de costura como a casa de fundos onde eles habitam, aluguel esse que é pago com a produção, assim também ocorre com as despesas de energia. Embora partes dessas despesas possam estar incutidas no valor do serviço cobrado, assim fica evidente que a terceirização neste caso se mostrou algo vantajoso para Cláudio, mesmo procedimento adotado por outros oficinistas, demonstrando dessa forma, que a prática da terceirização já se encontra disseminada mesmo nos circuitos de produção do comércio popular.

Visualizando estas práticas, constata-se de uma forma empírica os resultados da desestruturação produtiva, como também a emergência de novas práticas de trabalho e exploração, fenômeno que foi apresentado por autores como Harvey (2004) e Antunes (2002). Para estes autores um dos efeitos deste processo seria uma mudança no padrão das relações de exploração do trabalho, enquanto no período fordista essas relações ocorriam de forma vertical e com um poder centralizado, no período atual as relações de exploração ocorrem de forma horizontal, em uma cadeia com diversos elos, com relações de exploração e dependência em cada fase do processo produtivo.

Silva (2011) ao analisar o circuito de produção têxtil da cidade de São Paulo mapeou os diferentes elos dessa cadeia de produção, onde no topo estariam as grandes grifes e lojas de departamentos, às quais seriam responsáveis pela comercialização, marketing, operações financeiros e partes do processo de desenvolvimento do designer, indicando as tendências e estilos do que será produzido, apontando assim o público-alvo para os seus artigos. A segunda etapa seria responsável pela conclusão do designer, escolha dos tecidos, elaboração de peças piloto, corte e contratação de oficinas de costura, podendo cada uma dessas etapas de trabalho passar por novas divisões durante a sua realização. Das oficinas essa produção pode ser direcionada para outras, compondo assim uma cadeia produtiva, complexa, horizontal, e principalmente hierárquica.

Ela se caracteriza como horizontal uma vez que as negociações ocorrem em cada etapa do processo produtivo, entre os agentes de uma etapa com os agentes da etapa seguinte, sem uma negociação direta entre os agentes responsáveis pela produção que se encontram na base do processo e os agentes de criação presentes no topo da cadeia, gerando uma relação descentralizada onde em cada etapa se estabelece uma relação de exploração sobre a etapa seguinte, ao mesmo tempo em que reproduz relações hierárquicas, já que quanto mais próximo da base produtiva, no caso os costureiros, mais precárias são as condições de trabalho (SILVA, 2011).

A descrição feita por Silva refere-se ao conjunto de processos que liga grandes empresas do setor com as pequenas oficinas da cidade. No caso analisado em nossa pesquisa de campo as etapas do processo em questão são menores, sendo Cláudio responsável pela comercialização, designer, corte. Este mesmo sendo o principal beneficiário desse processo, ainda tem para si uma grande quantidade de trabalho manual e intenso. Já a oficina de Sérgio é responsável pela costura, embora de uma forma comprimida, as práticas ali encontradas seguem a mesma lógica presente no circuito têxtil como um todo. Desta forma, podemos observar práticas de trabalho e exploração semelhantes a aquelas que atendem as grandes indústrias do setor têxtil, contudo estas oficinas citadas atendem a uma produção voltada para o comércio popular da Feira da Madrugada na qual os nossos interlocutores estão inseridos. A produção destas oficinas tem como objetivo atender a demanda de um circuito específico presente na feira trata-se do circuito de produção de bolsas que analisaremos no tópico seguinte.

3.2 O circuito de produção de bolsas e a Galeria Apa

Como abordamos no primeiro capítulo a Feira da Madrugada se configura como um nó através do qual estão interligados diversos circuitos de produção, comércio e distribuição de mercadorias. Freire (2008) observou que o comércio popular da cidade de São Paulo é composto por uma série de circuitos, sendo que cada mercadoria compõem um circuito específico responsável pela sua distribuição. A inserção dos trabalhadores nestes circuitos ocorre a partir da formação de redes sociais. Essas redes têm como base laços comuns entre os sujeitos, podendo se estruturar a partir de laços familiares, o que ocorre, sobretudo nos

circuitos menores, ou em laços étnicos e assim abrangendo uma grande parcela dos membros de um grupo.

Silva (2008) destacou um destes circuitos a que estamos nos referindo, apontando a presença de imigrantes peruanos na confecção e comércio de bijuterias, Aguiar (2013), também vai analisar este fenômeno, destacando ainda a existência da Galeria Saara, um espaço nas proximidades da Rua 25 de Março que possui como característica a concentração de peruanos e suas mercadorias, formando assim um circuito que une um grupo étnico e uma mercadoria.

Atualmente podem ser encontrados na Feira da Madrugada camelôs e ambulantes de diversas nacionalidades, além de brasileiros e bolivianos, há também a presença de chineses, vietnamitas, peruanos, paraguaios, equatorianos e africanos de diversos países, cada um desses grupos inseridos de forma predominante em um ramo de atividade, que compreende ao mesmo tempo um circuito econômico específico e um nicho étnico. Conforme vimos os imigrantes bolivianos vão se inserir na Feira da Madrugada através da fabricação de artigos têxteis de baixo valor agregado, produtos estes voltados para atender os diversos circuitos de comércio popular do país, ao mesmo tempo produzindo uma mercadoria voltada para atender as camadas mais pobres da população, em um processo onde as camadas pobres passam a sobreviver das necessidades dos também pobres como eles.

Santos (2001) analisou este processo, observando que apesar da existência uma pobreza significativa esta não exclui as necessidades de consumo dessa parcela da população, que passam a construir as suas necessidades a partir do consumo efetuado pelas classes mais abastadas:

Nas grandes cidades, sobretudo no Terceiro Mundo, a precariedade da existência de uma parcela grande da população não exclui a produção de necessidades, calcada no consumo das classes mais abastadas. Como resposta, uma divisão do trabalho imitativa, talvez caricatural, encontra razões para se instalar e se reproduzir. (SANTOS, 2001, Pág. 324).

Nesse processo passam a surgir circuitos de produção voltados para atender a estas necessidades, onde nestes circuitos predomina um modo de trabalho baseado nesta produção imitativa e caricatural. Desta forma, aquilo que estamos definindo como um circuito de produção de bolsas trata-se de um agrupamento de camelôs formado por brasileiros e bolivianos inseridos na Feira da Madrugada que tem como ocupação confeccionar bolsas em sua maioria voltadas ao público feminino, estas se tratam de imitações de artigos, semelhantes

aos consumidos pelas classes médias e altas, mas confeccionados com materiais e num processo de produção mais baratos, em uma relação onde este circuito se alimenta e dialoga com aquilo que é produzido pelas grandes grifes e, portanto, pelo grande capital, nesta relação a grande moda acaba por interferir naquilo que é produzido nestes circuitos, pautando as características dos produtos confeccionados, como veremos logo à frente.

Ao mesmo tempo podemos vermos que o grande capital também se relaciona com estes circuitos de produção, utilizando-se das suas práticas de trabalho como forma de potencializar os seus ganhos, desta forma os mesmos imigrantes que ora trabalham na produção de artigos para grifes famosas, ou para grandes redes de lojas de departamentos são os mesmos que em determinado momento e sob as mesmas bases de produção vão confeccionar artigos voltados para atender as necessidades das classes pobres, com produtos às vezes de qualidade inferior, ou com cópias e réplicas de marcas conhecidas, sendo que a qualidade dessas pode variar de acordo com o nível da cópia³⁶.

Portanto, o circuito de produção de bolsas seria apenas um entre os vários que perpassam a Feira da Madrugada, que conforme definimos esta se trata de um grande nó que agrupa diversos circuitos de produção e comercialização de mercadorias em sua grande maioria voltadas as necessidades das classes pobres. Para Santos (2001), estas práticas de trabalho têm mais facilidades de prosperar nas grandes metrópoles, novamente a sua ênfase está nas características que as grandes metrópoles do terceiro mundo adquiriram no contexto econômico, embora hoje este quadro não seja restrito apenas as metrópoles dos países periféricos.

Neste contexto, devido à precarização das formas de trabalho, os trabalhadores acabam sendo empurrados para uma série de ocupações voltadas para a produção de artigos que exigem pouca base produtiva e muito trabalho intensivo, pequenos comércios legalizados ou não, bem como toda uma série de ocupações que transitam entre as fronteiras do lícito e do ilícito, todas estas atividades ganham impulso nas grandes metrópoles onde devido o grande contingente de população, mas também de possibilidades proporcionadas aos grupos pertencentes às camadas mais empobrecidas da população e, sobretudo, aos imigrantes, como oportunidades de ganhos econômicos que não seriam possíveis a estes sujeitos em outro ambiente, assim a cidade se torna segundo as palavras do autor “no espaço onde os fracos podem subsistir”.

³⁶ Pinheiro Machado (2009) analisou o processo de produção de cópias e réplicas nas indústrias chinesas, observando a existência de diversos níveis de cópias, havendo desde aquelas consideradas de primeira linha devido a sua similaridade com o original, até aquelas classificadas como de terceira linha devido o fato de serem cópias grosseiras do original.

Palco de atividades de todos os capitais e de todos os trabalhos ela pode atrair e acolher as multidões de pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. E a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, quanto pelas formas de trabalho e vida. Com isso, aliás, tanto se ampliam a necessidade de formas de divisão do trabalho, como as possibilidades e as vias da intersubjetividade e da interação. (SANTOS, 2001, Pág. 323).

A cidade contemporânea vem se caracterizando como um polo de oportunidades para os grupos empobrecidos, uma vez que estes encontram nas grandes cidades diversas possibilidades de trabalho. Segundo Teles (2010), atualmente passam a prosperar nas cidades práticas de trabalho que se encaixam naquilo que outrora foi caracterizado como a “viração”, ou seja, uma série de ocupações desenvolvidas pelos sujeitos, nas quais muitas vezes estas transitam nos limites entre o legal e o ilegal. Para Santos (2001), os diversos grupos migrantes são os que melhor conseguem se apropriar dessas oportunidades. Para o autor, o migrante através da bagagem que traz do seu local de origem consegue na cidade grande confrontar o seu conhecimento adquirido adaptando-o ao novo contexto urbano e assim produzindo conhecimentos e experiências novas que se transformam em estratégias, estes conhecimentos podem auxiliar na sua inserção na cidade grande, e até mesmo lhe proporcionar certa mobilidade dentro da cidade.

Segundo podemos apurar durante a pesquisa de campo, os bolivianos dedicados à produção de bolsas foram os primeiros a se inserirem na Feira da Madrugada, assim, estes sujeitos fizeram uma leitura sobre como se inserir e de que forma se inserir. Neste período havia na feira a presença de um número grande de brasileiros vindos do Nordeste do país dedicados ao trabalho no setor têxtil, comercializando diferentes produtos, incluídos nestes itens as bolsas femininas. Esse circuito de comércio transformou este artigo em um dos principais produtos comercializados na Feira da Madrugada, conforme podemos ver nos sites que divulgam a Feira “Diversos produtos são comercializados. Camisetas, lingerie, bonés, acessórios, perfumes e as famosas bolsas.” (FEIRA DA MADRUADA, 2013) (retirado do site <http://www.feirinhadamadrugada.com.br/> em 09 de janeiro de 2013.).

Além das bolsas produzidas por brasileiros e bolivianos passam a entrar na feira bolsas importadas da China que são comercializadas por esses imigrantes, às quais entram no país através de importadoras pertencentes em sua maioria a também imigrantes chineses, isso tanto na Feira da Madrugada como nas ruas das suas imediações, o que gera um comércio que vem se expandindo nos últimos anos, e assim ocupando toda uma área que abrange a ruas, galerias e camelódromos, em um comércio que forma uma mancha urbana no bairro do Brás.

O conceito de mancha urbana foi desenvolvido por Magnani (2000). Esse instrumento serve para caracterizar áreas urbanas voltadas para certas especificidades, e assim demarcar territorialidades no espaço urbano e as relações dos sujeitos com estes espaços, como podemos ver, “são manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2000, Pág. 40).

Inicialmente esse instrumento foi utilizado para caracterizar áreas onde ocorrem atividades de lazer, mas em um segundo momento passou a ser utilizado na compreensão também de áreas comerciais que podem ser tanto de produtos como de um serviço ou prática. O autor chega a utilizar uma área do próprio bairro do Brás como forma de exemplificar a ideia de mancha aplicada a áreas comerciais, “mancha, contudo, não se restringe ao lazer: as lojas de tecidos e malhas, assim como as de aviamentos e produtos de couro no Brás, por exemplo - procuradas por atacadistas e varejistas” (MAGNANI, 2000, Pág. 42).

Atualmente na Feira da Madrugada os chineses se dedicam em sua grande maioria ao comércio de artigos importados do seu país de origem. Na parte da Feira localizada dentro do Pátio do Pari encontramos um grande número de bancas de camelôs chineses que se dedicam a vender além de bolsas uma série de produtos vindos da China. Através de conversas realizadas com informantes chineses procuramos compreender as razões de tantos chineses inseridos na mesma atividade. Para o nosso depoente Gun³⁷, esse fenômeno ocorre da seguinte forma “você tem cem famílias chinesas que vendem bolsas aí cada família tem os parentes trabalhando com ela, aí os parentes saem e montam uma loja e assim vai indo”. Para outro informante uma das explicações é a facilidade de se trabalhar com esse produto, alegando que para se dedicar a essa atividade não é necessário muito investimento, além disse existiria uma grande oferta desse produto na China devido às diversas fábricas lá presentes.

Antes de trabalhar com bolsas nosso informante vendia relógios de parede, mas parou, segundo ele, por causa da dificuldade em se obter o produto, isso devido às poucas fábricas existentes, sobre trabalhar com outro artigo como o vestuário bastante comercializado na Feira da Madrugada, ele diz que isso é difícil devido à variedade de modelos e opções que o produto exige, ao contrário das bolsas que seriam necessário apenas oito modelos para se iniciar uma loja. Outro fato que os nossos dois informantes consideraram como impedimento para entrarem em um ramo como o vestuário, seria a grande concorrência que existe nesse

³⁷ Gun é um imigrante chinês dono de um atacado de bolsas situado nas proximidades do Pátio do Pari.

meio, “já tem árabe, coreano e boliviano trabalhando nisso”. Desta forma, o comércio de bolsas seria um ramo com uma concorrência menor.

Podemos assim encontrar na Feira da Madrugada a mesma categoria de produto sendo comercializando por três grupos diferentes, os chineses que revendem as bolsas trazidas do seu país, e os bolivianos e brasileiros que as confeccionam nas oficinas de costura espalhadas pela cidade. Essa situação acaba colocando os distintos grupos em uma disputa comercial. Essa disputa e os seus efeitos podem ser observados com maior clareza em um espaço conhecido como Galeria Apa, conforme destacamos no primeiro capítulo, este local consiste em um bolsão de compras, estes são espaços como prédios e estacionamentos que passaram a ser ocupados por camelôs, onde no seu interior se organizam e desenvolvem as mesmas práticas de trabalho existentes no comércio de rua.

Como podemos apurar a Galeria Apa foi o primeiro bolsão de compras constituído no bairro do Brás, sendo inicialmente composto por um grupo heterogêneo de camelôs que comercializavam artigos distintos um do outro, com o tempo este espaço foi se especializando apenas na venda de bolsas femininos, ali começaram a se inserir os camelôs bolivianos que as produziam, apenas em um segundo momento começou a haver a entrada dos camelôs brasileiros e posteriormente os chineses, tornando-se assim um segmento para um artigo específico e que acabou se tornando uma referência para os compristas que procuravam a Feira. Sobre um dos nossos informantes diz: “Não que o administrador dissesse aqui só entra quem vende bolsas, mas o que acabou acontecendo era que quem não vendia bolsas quando entrava não conseguia vender, vendia pouco, aí que só ia pra frente quem vendia bolsas”.

A Galeria Apa ganhou fama dentro da Feira da Madrugada como sendo o espaço para se comprar bolsas, sendo até mesmo reconhecida por alguns compristas como a feira das bolsas. No entanto, à medida que fomos avançando na pesquisa de campo podemos observar entre as particularidades deste espaço a sua condição de ponto privilegiado para a observação dentro da Feira da Madrugada de uma série de questões pertinentes a Feira como um todo. Ali se encontram presentes os diferentes grupos de imigrantes que compõem a Feira se encontrando presentes neste espaço de uma forma mais concentrada, o que por sua vez permite uma melhor observação dos conflitos inerentes desta sociabilidade. Ao contrário de outros espaços da feira a Galeria Apa possui um equilíbrio numérico maior em relação à quantidade de membros de cada grupo ali presente. Todavia, essa forma de se dividir os espaços aqui adotada tem como objetivo seguir a lógica interna de funcionamento da Feira da Madrugada, aquilo que para um observador de fora pode parecer como sendo um todo, possui

no seu interior divisões específicas resultado das diversas interações dos sujeitos ali inseridos, e também com forças externas daquele espaço como a prefeitura por exemplo.

Uma forma de exemplificar sobre o que ocorre na geografia interna da Feira da Madrugada é utilizando a pesquisa de campo desenvolvida pelo antropólogo Marcos Alvito (2006), em sua investigação realizada sobre a favela de Acari ele constatou logo nas primeiras observações que aquele lugar não existia tal como ele pensava, observando que esta se tratava apenas de uma denominação criada a partir do olhar de fora sobre aquele local, constatando que no seu interior aquela localidade era toda demarcada por diversos territórios. Alvito (2006) diz: “fiquei profundamente surpreso com uma coisa: a “favela de Acari” não existe” (ALVITO, 2006, Pág. 184), em outro momento o autor diz: “onde acreditávamos existir Acari descobrimos haver quatro localidades” (ALVITO, 2006, Pág. 191).

Trouxemos aqui este exemplo como uma forma de expor o que ocorre no interior da Feira da Madrugada, tal como no exemplo da favela de Acari, ela possui em seu interior uma série de espaços como a Pátio do Pari, o Largo da Concórdia, o Shopping da Voltier, a Galeria Apa, entre outros espaços, embora em outros trabalhos acadêmicos ou na visão apresentada pela mídia apenas a Feira da Madrugada seja apresentada como sendo apenas o Pátio do Pari. Aqui desconsideramos esta demarcação por entendermos que a Feira compreende a uma região mais ampla, diferenciando-se de outras localidades de comércio popular da cidade pelo seu caráter de circuito responsável por abastecer o comércio popular de outras regiões do país.

Neste contexto de múltiplas localidades, a Galeria Apa foi o espaço aonde realizamos a maior parte das observações aqui presentes, ao longo da pesquisa acompanhamos as diversas transformações ocorridas naquele local, característica essa observada em toda a Feira da Madrugada, o que demonstra ser este um espaço de transformações constantes. Localizada na Rua Monsenhor Andrade próximo ao Pátio do Pari, em um dos locais de maior movimento da Feira, neste cenário os principais conflitos presentes dentro da Galeria resultam da concorrência comercial entre os camelôs, e os valores dos aluguéis e luvas cobrados pela administração do prédio.

Antes, no entanto, nos deteremos sobre como ocorre o funcionamento do que denominamos como o circuito de produção de bolsas, presente na Galeria Apa. As mercadorias produzidas neste circuito seguem a dinâmica da moda, ou seja, seguem uma transformação permanente para se adequarem aos padrões que a moda apresenta como sendo o atual, moderno ou bonito. Apesar de as bolsas produzidas por brasileiros e bolivianos se tratarem de mercadorias de baixo valor, sendo comercializadas por preços que variam entre

quatro a doze reais, mesmo nessas mercadorias podemos observar traços daquilo que compreende a moda, acompanhando as diversas tendências promovidas pela indústria e pela mídia. Esses ciclos de transformações faz com que os camelôs e oficinistas fiquem sempre atentos às novas tendências, e assim possam modificar o seu produto o mais depressa possível. Essas transformações ocorrem também de forma extremamente rápida no comércio popular, em uma dinâmica aonde sempre surge uma mercadoria nova, mais atraente, ou em um preço mais favorável para desbancar a anterior.

Assim, voltamos a aquilo que apontamos anteriormente sobre a relação entre os padrões estabelecidos pela indústria da moda representante do grande capital. Nesta relação, camelôs e oficinistas acabam se inspirando ou copiando as tendências produzidas por essa indústria, porém a cópia neste circuito nunca é totalmente uma cópia, porque ao fazer uma cópia o oficinista acaba criando um novo modelo diferente, aquilo que a primeira vista pode ser visto como apenas uma caricatura do original. Neste sentido, a criação de um camelô boliviano exemplifica bem o que estamos falando, como veremos na figura abaixo:

FIGURA 19: BOLSA VENDIDA NA GALERIA APA



Figura 19: Modelo de bolsa produzido pelos imigrantes bolivianos.
Fonte arquivo do autor.

A bolsa nesta foto trata-se de imitação inspirada na marca Louis Viutton guardando apenas traços que lembram a marca original, sendo o suficiente para ser reconhecido pelos compristas e clientes como uma imitação, neste sentido podendo ser classificado como uma cópia de terceiro nível devido à distância entre a cópia e o original. Todavia, o produto em

questão possui uma particularidade na sua grafia, enquanto as demais cópias da marca exibem a grafia idêntica da marca original, nesta o oficinista decidiu fazer uma alteração, ao invés do nome da marca original optou por fazer uma homenagem à filha, assim na figura podemos nas letras que deveriam formar o nome da marca Louis Viutton, o nome Vitória Andrade.

Além das grifes famosas outra fonte de inspiração para este circuito são as bolsas importadas da China, muitas das cópias das grifes são feitas a partir de cópias chinesas importadas, ou seja, estamos falando de bolsas que acabam se tornando cópias de cópias. Desta forma, a ideia contida na mercadoria original vai se dissolvendo de acordo com o com o nível do circuito produtivo por aonde a informação vai passando, assim em cada nível novas alterações são realizadas, até o produto se transformar por completo guardando como reverencia da ideia original apenas as cores ou o formato desenvolvido pela grande indústria da moda, na figura abaixo temos um exemplo disso:

FIGURA 20: BOLSA BOLIVIANA E BOLSA CHINESA

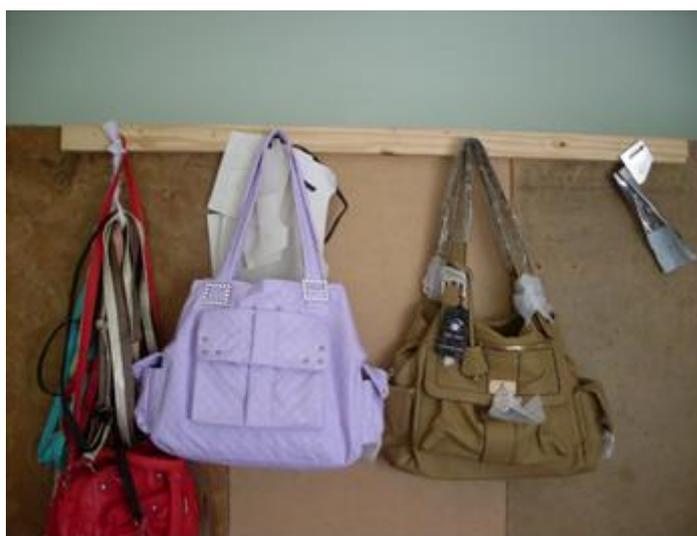


Figura 20: Nessa podemos ver como funciona o modelo de criação desenvolvido no interior deste circuito, a direita temos um modelo de bolsa chinesa importada e a esquerda uma bolsa fabricado pelos bolivianos. Fonte arquivo do autor.

Na figura acima temos uma foto tirada em uma oficina de costura que visitamos, podemos ver na imagem duas bolsas, a direita uma bolsa de origem chinesa, e a da esquerda a cópia desta produzida pelos bolivianos para ser vendida na Feira da Madrugada. Pode-se deduzir que o produto chinês também se trata de uma cópia, uma vez que a grande expansão

chinesa na indústria de manufaturas nas últimas décadas valeu-se em grande medida da produção de cópia de artigos criados em outros países, Pinheiro Machado (2009) analisou essa característica da sociedade chinesa, a extrema facilidade com que esta desenvolvia cópias, a importância destas para o crescimento do país.

Outra forma adotada pelos oficinistas para desenvolver novos modelos é a utilização da internet que vem sendo usada como uma importante ferramenta de criação, foram muitos os que afirmaram criar seus modelos a partir das imagens obtidas na rede, nela eles podem acessar sites de grifes, de fábricas ou blogs que tratam do assunto, ao mesmo tempo baixando slogans de marcas para utilizarem em seus produtos, permitindo assim todo um arsenal de informações a estes sujeitos que passam a utilizar a seu favor, assim as novas ferramentas de informação potencializarão a indústria da pirataria.

FIGURA 21: ARTIGO PIRATA VENDIDO NA GALERIA APA



Figura 21: Acima vemos um exemplo de uma bolsa cujo slogan foi baixado pela internet. Fonte arquivo do autor.

Todo esse processo criativo que obriga os camelôs da Galeria Apa estarem em constante transformação dos seus produtos é o resultado da conjuntura do atual desenho societário onde as mercadorias passam a ter uma vida cada vez mais curta, lógica presente na grande indústria da moda, mas que atravessa toda a sociedade chegando até os circuitos de produção do comércio popular, nestes espaços ela é imposta aos sujeitos como uma

necessidade do seu cotidiano de concorrência. No entanto, nestes espaços o concorrente é também o vizinho da banca ao lado e, portanto, também um colega de trabalho, essa situação coloca os trabalhadores dos espaços de comércio popular em uma relação de alternância entre a competição e a solidariedade, situação essa que se altera a partir da conjuntura vivenciada.

Em um contexto diversificado, aonde novos grupos vêm se inserido constantemente, a leitura que os sujeitos fazem e a atitude por eles tomada vai no sentido da procura de se fechar entre os seus, e assim criar uma solidariedade entre os membros do seu grupo. Se em um primeiro momento os brasileiros eram os únicos neste circuito, a entrada dos bolivianos implementou uma nova dinâmica. Como avalia um interlocutor brasileiro “os bolivianos forçaram a gente a ter mais capricho a fazer coisas diferentes”, da mesma forma, a entrada dos chineses alterou substancialmente o cotidiano naquele local ao trazer uma mercadoria produzida no seu país, portanto, gerando uma situação onde brasileiros e bolivianos apesar de as diferenças que possam atribuir mutuamente se colocaram em uma posição comum de ter que defender o seu espaço diante do novo contexto, embora nenhuma medida concreta de reação possa ser feita a não ser se adaptar as novas condições e interpretá-las.

Neste sentido, interpretar significa fazer uma leitura sobre o contexto, assim nos dias em que essa pesquisa de campo estava sendo realizada a Galeria Apa vivenciava um momento de entrada de um grande número de imigrantes chineses, isso somado a fatores com uma baixa no valor do dólar que colocava as mercadorias chinesas em um preço mais atrativo que o normal, somado a novidade que o seu produto significava no comércio popular acabou por colocar estes sujeitos numa melhor condição na concorrência com os demais camelôs. Neste contexto podemos observar que o grupo dos bolivianos por já serem mais numerosos que os brasileiros foram os que sofreram o maior impacto, diante da nova situação, com muitos abandonando a atividade e partindo para outra ocupação, em geral passaram a produzir outros artigos têxteis como roupas.

O fato é que a concorrência com os chineses acabou por prejudicar a presença boliviana neste circuito que passou a diminuir, sobre esse fato Dirceu³⁸ um informante brasileiro nos faz a seguinte declaração “os bolivianos estão provando do seu próprio veneno, o que os chineses estão fazendo com eles hoje é o que eles fizeram pra gente antes”. Tal posicionamento além de expor a rivalidade existente entre brasileiros e bolivianos apresenta também outro fenômeno típico dos circuitos de trabalho aonde se concentram os grupos de

³⁸ Dirceu é um camelô brasileiro que possui uma banca na Galeria Apa aonde revende cintos que são fabricados pela sua família, ele se insere na Feira da Madrugada quando esta se transfere da Rua 25 de Março para o bairro do Brás.

imigrantes, que são os constantes movimentos de deslocamentos, onde um grupo mais jovem substitui o outro em uma determinada atividade. Ao longo desta pesquisa vimos diversos exemplos sobre a sucessão de um grupo sobre o outro, como o que ocorre no setor têxtil da cidade de São Paulo. Exemplo semelhante, vimos na pesquisa de Coutinho (2013) onde a autora apresenta um processo semelhante no setor têxtil da cidade de Nova York.

O sentimento do nosso informante a respeito da situação enfrentada pelos bolivianos pode ser observado também em outros camelôs brasileiros. Neste ambiente a concorrência comercial acaba produzindo como um dos seus efeitos, um maior acirramento nas disputas entre os grupos, que pode ser observado a partir dos estereótipos que são produzidos de um grupo em relação ao outro. Sobre esta questão a nossa pesquisa foi mais eficiente na coleta de informações a respeito da percepção que o grupo de brasileiros fazem a respeito dos demais grupos, tal situação não decorreu do acaso, mas tem como justificativa a nacionalidade do pesquisador, onde apenas em determinadas situações um imigrante chinês ou boliviano expressaria de uma forma clara a sua percepção, mesmo que momentânea a respeito de brasileiro, desta forma, foi mais ter acesso à percepção dos brasileiros sobre os demais do que o seu oposto.

Uma percepção comumente construída refere-se à ideia de uma invasão chinesa, habitualmente os imigrantes são vistos como os invasores como aqueles que vem roubar os postos de trabalho ou para rebaixar o valor dos salários. No caso chinês a ideia de invasão ganha um novo significado, estando relacionado à condição de emergência do país como futura potência mundial. Neste contexto, a relação entre nativos e imigrantes não é apenas a relação entre dois indivíduos ou grupos, neste jogo os estereótipos ganha uma importância fundamental, assim o chinês para o brasileiro não é visto somente como mais um camelô tentando ganhar a vida na cidade, mas também como alguém que vem do extremo oriente, e que, portanto, deve ter entre as suas características elementos que a nossa imaginação construiu a seu respeito, como por exemplo, a extrema organização da qual os asiáticos são caracterizados. O mesmo vale para os bolivianos vistos pelos brasileiros a partir de características que os aproximam da nossa visão construída a respeito dos índios, tal construção tem como fundamento a origem boliviana marcada pelos traços físicos característicos dos povos indígenas.

Desta forma, os bolivianos são caracterizados a partir dos estereótipos geralmente atribuídos aos indígenas, sendo classificados pelos brasileiros como humildes e resignados, ao mesmo tempo em que são tratados como traiçoeiros e anti-higiênicos. No entanto, não são

classificados como avessos ao trabalho, devido o fato desse estereótipo não fazer muito sentido dentro de um contexto aonde uma das principais atribuições a este grupo se refere ao trabalho escravo do qual eles seriam vítimas. Portanto, observa-se que as características construídas pelos brasileiros a respeito de bolivianos e chineses diferem, o mesmo acontece em relação à posição que brasileiros e bolivianos mantêm a respeito dos chineses.

Estes acabam por possuir uma posição similar vendo-os como uma ameaça aos seus ganhos que passam a ser dificultados pela concorrência chinesa. Neste caso os estereótipos atribuídos são vários, os chineses são vistos como mais ricos, mais exploradores, mais aptos ao comércio, como sujeitos que não respeitam as boas regras do comércio ou como uma comunidade mais unida conforme, ao mesmo tempo determinadas atribuições não ficam restritas apenas ao chinês como sujeito, mas também a sua mercadoria.

São comuns os camelôs brasileiros se referirem a uma “invasão chinesa”. Estes ocupariam os principais pontos de comércio dentro da Feira da Madrugada, ao mesmo eles enfatizam que essa não seria uma invasão circunscrita apenas ao espaço de comércio popular e de postos de trabalho como ocorria com uma suposta “invasão boliviana”. Em muitas conversas os camelôs brasileiros se referem a uma espécie de invasão geral, promovida ao mesmo tempo pelos sujeitos que emigram para o país e pelas mercadorias que pra cá são exportadas, gerando assim uma dupla invasão que estaria lhes retirando o emprego de duas formas diferentes, gerando assim um discurso que às vezes parece confundir os sujeitos com as mercadorias. Como podemos ver na fala do senhor Pedro³⁹ um dos nossos interlocutores:

“Veja os bolivianos eles trabalham aqui e depois saem daqui e vai pra casa ficarem até sete e oito da noite em cima de uma máquina de costura e enquanto isso os chineses vem aqui com a mercadoria importada e eles não podem competir, enquanto aqui se trabalha oito horas por dia e se tem leis trabalhistas, lá eles não tem nada disso, as pessoas são exploradas, trabalham dezesseis horas por dia, além disso, a moeda de lá é diferente, eu não sei como pode o governo brasileiro ter aberto o país para os produtos chineses, eu não estou falando isso porque eu quero aqui se explore igual, eu não quero que meus funcionários trabalhem dezesseis horas por dia, o que eu quero é que eles lá não trabalhem dessa forma, já que o governo proíbe a exploração aqui, não deveria aceitar a exploração que vem de lá também, mas aceita os produtos da exploração e do trabalho escravo que vem de lá.”

A percepção sobre uma dupla invasão chinesa realizada por sujeitos e por mercadorias, somado a ideia de uma China potência que dominará o mundo faz parte do

³⁹ O Senhor Pedro é brasileiro dono de uma oficina de costura, á qual fornece artigos como bolsas e mochilas que são revendidas na Feira da Madrugada por camelôs brasileiros e bolivianos, atualmente sua oficina esta situado em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais.

discurso construído a respeito desse grupo, entre muitas falas selecionamos uma em que o nosso interlocutor interpreta a presença chinesa a partir do seu pensamento religioso:

“Os chineses humilham os brasileiros o governo não deveria permitir isso, isso é errado é até anti-bíblico, pois todo governo deve honrar a sua nação. (...) os chineses dominariam o mundo, é que a China é a grande Babilônia da bíblia, sabe uma nação potência de onde virá o anticristo, pensava-se que a grande Babilônia seria a Rússia depois os Estados Unidos, mas agora será a China, e se for mesmo a China a grande Babilônia ai não tem mesmo como o governo brasileiro fazer nada.”

A presença das mercadorias chinesa é relacionada por um interlocutor como uma consequência da globalização, à qual ele definiu como sendo “um jeito de cada país deve especializar em uma atividade em um tipo de produto”, mas na visão dele “a atividade que o Brasil escolheu não está de acordo com as nossas necessidades”. Os chineses também são caracterizados por como mal-educados e “mal-agradecidos” em relação aos brasileiros que os estariam acolhendo, essa ideia do imigrante mal-agradecido que não respeita o país e o povo que lhe acolheu, pode ser visto no conto “Toda brisa tem o seu dia de ventania”, publicado pela Revista Caros Amigos. O conto narra à estória do jovem André, rapaz pobre morador da periferia de São Paulo e que trabalha em uma loja de imigrantes coreanos, no conto o jovem relata os conflitos com o seu chefe, sobre como este o trata mal, e que apesar de ser um imigrante não demonstra nenhum sentimento de gratidão ao país que em que esta, ou seja, um conto que trata da relação entre um estrangeiro e um trabalhador jovem de uma loja na capital paulista, uma relação que se assemelha a situação de conflito que estamos analisando.

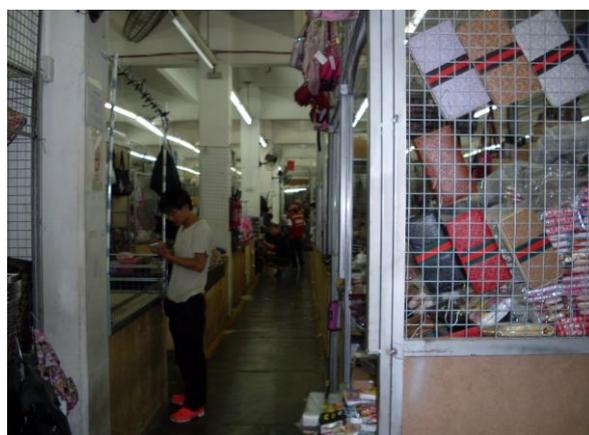
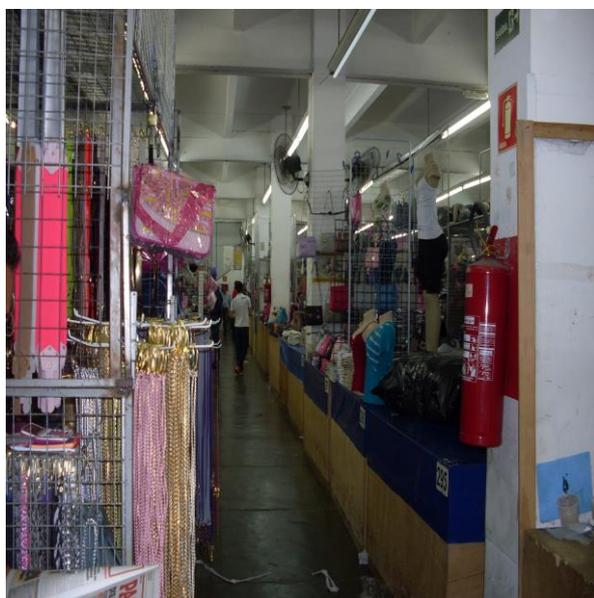
Outra coisa que faz André perder o sono é a respeito de como o seu patrão trata ele e seus amigos de trabalho. O coreano trata a todos aos berros, nunca deve ter ouvido falar em respeitar para ser respeitado. André acha que, até pelo fato de o patrão ser estrangeiro, deveria ter educação com seus funcionários.

Outro fato que enchia André de indignação era o coreano falando mal do Brasil o tempo todo. Reclama daqui, critica dali, mas ir embora que é bom, nem pensar. Também no seu país dificilmente ele teria uma mansão como aqui, casa na praia e carro de luxo. (BUZO, 1999, REVISTA CAROS AMIGOS, Pág. 5 a 7).

Devido a essas características, a Galeria Apa foi colocada nesta pesquisa como um espaço central para a observação dos conflitos entre os diferentes grupos, antes de abordarmos outras questões pertinentes a este local faremos uma breve descrição do seu espaço interno. A Galeria Apa é composta por seis corredores, sendo que o A e F, que ficam próximos a parede e são maiores, pertencem em sua maioria aos imigrantes chineses, os quais vendem produtos importados do seu país. O corredor B prevalece à presença de imigrantes bolivianos que vendem e produzem bolsas, estes se encontravam de forma dispersa pela Galeria, mas

decidiram se concentrar. Nos corredores D e E não existe um grupo que prevalece, a maioria dos ocupantes dessas bancas são bolivianos e brasileiros, mas o número de chineses vem crescendo. O corredor C é o menos ocupado de todos, principalmente devido à dificuldade de acesso que se tem a ele, já que não existe uma ligação direta entre ele e a rua. Essa é, portanto, a configuração atual da Galeria Apa, porém, durante a pesquisa observamos que ali ocorre uma grande mobilidade entre os ocupantes das bancas, através da entrada e saída dos ocupantes. Nas figuras abaixo podemos visualizar um pouco dos corredores, bancas e trabalhadores que compõem este espaço:

FIGURAS 22 A 27: ESPAÇO INTERNO DA GALERIA APA





A configuração atual tem origem na última renovação dos contratos de aluguel que ocorreu em maio de 2012, nessa ocasião a administração do prédio passou a exigir um valor maior pelos aluguéis e pela renovação dos contratos, a chamada luva. Pelas bancas maiores a administração passou a cobrar setenta mil reais de luva, e entre dois e três mil de aluguel mensal, pelas bancas menores passou a cobrar trinta mil reais de luva e mil reais mensais de aluguel, a luva comprada em questão corresponderia a um contrato de três anos firmado entre o administrador do prédio e o camelô. Nos dias que antecederam a renovação dos aluguéis muitas bancas se encontravam fechadas, pois havia um impasse entre os ambulantes e o administrador do prédio. Uma parte dos ocupantes propôs a saída imediata de todos para outro local aonde pudessem alojar suas bancas, porém, a estratégia de retirado total da Galeria Apa acabou não funcionando.

Alguns camelôs se transferiram para outra galeria, mas em poucas semanas decidiram retornar, segundo os relatos acabaram não havendo uma unidade a respeito de diversas questões, como, por exemplo, o local a ser escolhido para se instalarem, e principalmente se o novo espaço deveria ter somente brasileiros ou apenas bolivianos, ou se deveria ser misto e assim ter a presença dos dois grupos, em ambos os grupos haveria os que defendiam a ideia de um espaço somente para as pessoas pertencentes ao seu grupo étnico. A ideia de se ter um espaço apenas para os membros do seu grupo era algo que sempre aparecia nas conversas. Sobre esse episódio um camelô brasileiro nos conta, “Nesses dias da renovação do contrato aqui no Apa eu decidi sair e procurei outro shopping, só que lá só tinha boliviano e eles não quiseram me deixar entrar, eu só consegui um lugar lá depois que meu tio que alugava uma sala pra um boliviano foi lá e falou com o cara, mas mesmo assim me trataram mal”.

Em outras ocasiões dois ambulantes brasileiros falavam que deveriam ter um espaço só para eles, sem presença boliviana e, sobretudo, chinesa, sobre isso eles diziam: “nessa época em que o comércio era forte a gente deveria ter se reunido para ter um espaço só nosso sem boliviano e chinês”, nisso outro camelô brasileiro complementava, “mas como não tinha dinheiro era muita ganância, ninguém soube se unir”. Assim, os brasileiros apontavam a dificuldade em se conseguir um espaço somente para o seu grupo como resultado da sua “falta de união”, que segundo eles, os bolivianos e chineses possuem. Mas, sobre esse mesmo episódio dos aluguéis, os bolivianos alegam que não conseguiram um espaço só para eles devido à mesma “falta de união”, que na opinião deles apenas os chineses possuem.

Durante a pesquisa de campo foi comum ouvirmos a expressão “falta de união”, compreendemos esta fala é utilizada geralmente para explicar a ascensão dos grupos de imigrantes na Feira da Madrugada e na cidade de São Paulo, como os chineses, coreanos e bolivianos. Essa suposta “união” estaria relacionada ao seu grau e ao senso de comunidade de cada grupo, em uma soma simples que se explicaria da seguinte forma, quanto maior a união do grupo maior a sua ascensão econômica. Na revista do jornal Folha de S. Paulo, de 28 de junho de 2009, essa questão é apresentada. A reportagem se referia à ascensão econômica conquistada pelos imigrantes coreanos do setor de produção têxtil e citava o fato desse grupo agora ocupar as regiões mais caras da cidade. Como podemos ver: “hoje os coreanos dominam o mercado de roupas no local, e estão alargando seus horizontes e domínios em direção a bairros mais nobres do centro, como Higienópolis, Perdizes e Pacaembu.” (MASINI, 2009).

Segundo a reportagem esses imigrantes seguiriam o mesmo caminho dos imigrantes judeus que trilharam trajetória semelhante no ramo de produção têxtil, mais a frente o texto cita os bolivianos sucessores neste segmento. Porém, a reportagem acaba por concluir que a estes imigrantes ainda falta um “senso de comunidade” presente nos imigrantes coreanos e que por isso ainda não conseguem atingir o mesmo nível de ascensão dos coreanos:

Os bolivianos já formam uma comunidade de 50 mil pessoas em São Paulo. A maioria se concentra também no Bom Retiro e no Brás. No entanto, ainda não têm força e fazem um trabalho invisível nas fábricas de roupas comandadas por patrões coreanos.

Falta de registro e troca de mão de obra por comida, moradia e ajuda de custo eram reclamações constantes. O professor Oswaldo Truzzi acredita que a possibilidade de eles ocuparem o lugar dos coreanos ainda é remota. "Falta um senso de comunidade", diz. "Mas sei que já existem bolivianos donos de loja." (MASINI, 2009).

Apesar das situações de conflitos e competição que fazem parte do cotidiano da Galeria Apa visualiza-se naquele espaço relações de solidariedade e cooperação entre os trabalhadores que compõem aquele local. No entanto, os conflitos ali verificados fazem parte de um novo contexto que passou a imperar na última década no comércio popular da cidade, onde devido a entrada de um grande contingente de imigrantes que passaram a disputar espaço com os camelôs brasileiros, e assim transformando um circuito que inicialmente era composto majoritariamente por migrantes internos. Esta nova realidade trouxe consigo desdobramentos como novas relações de poder no interior do circuito, resultado da multiplicidade de sujeitos e grupos. Para os imigrantes bolivianos a nova situação é o

resultado das transformações vivenciadas pela comunidade no decorrer do seu fluxo migratório, se inicialmente prevalecia uma condição de isolamento em relação aos demais agentes da cidade, a nova situação expõe um quadro de interação cada vez maior entre os membros deste os demais grupos inseridos no comércio popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação procuramos compreender o movimento histórico que permitiu a inserção dos imigrantes bolivianos no comércio popular da cidade de São Paulo. Comprendemos este movimento como sendo o resultado de múltiplos processos que vão se encontrando no decorrer do tempo. O primeiro deles se refere aos problemas estruturais da Bolívia, e que acabam por transformar esse país e, sobretudo a região do altiplano boliviano em uma área de expulsão populacional, fazendo com que a sua população se desloque para outras localidades do país, como a região da planície amazônica, aonde se encontra a cidade de Santa Cruz de La Sierra principal destino interno para os migrantes do altiplano.

No entanto, além dos fluxos migratórios internos passaram a se constituir fluxos externos, nos quais a população boliviana passou a migrar para outros países, com destaque neste caso aos Estados Unidos e a Espanha, principais destinos da população boliviana fora do continente sul-americano. Dentro da América do Sul duas metrópoles, Buenos Aires e São Paulo, se tornaram os destinos preferenciais dessa população, sobretudo, para os mais pobres, ou seja, aqueles que não possuem recursos suficientes para um empreendimento migratório de maior alcance em outro continente.

Dentre os problemas estruturais que fizeram do altiplano uma região de emigração destacamos as crises do setor agrário que acabaram por desestruturar o modelo de organização social existente no campo, a crise da mineração que levou a extinção de diversos empregos e o advento das políticas neoliberais, esses fatores levaram a um agravamento dos problemas históricos vividos por esta região. Neste contexto, cidades como Buenos Aires e São Paulo transformaram-se em destinos possíveis para a população empobrecida, tanto para a que vive nas periferias da região metropolitana de La Paz como para a população camponesa. Enquanto a capital argentina mantém um fluxo migratório mais antigo com a Bolívia que se inicia a partir da migração de áreas de faixa de fronteira e se expande pelo interior chegando a capital, o fluxo migratório para a cidade de São Paulo possui características distintas.

A principal distinção se refere à formação de um circuito de contratação de trabalhadores bolivianos para o abastecimento de força de trabalho para o setor têxtil da cidade (FREITAS, 2009), neste ponto chegamos a outro processo histórico, trata-se das transformações ocorridos neste setor produtivo. A partir da década de 1970 com a crise da sociedade capitalista e o acirramento dos conflitos nas relações capital trabalho começa a se

desenvolver por todos os setores que compõem o universo do trabalho uma série de técnicas e estratégias que visavam o aumento das taxas de lucratividade perdidas. Como consequência deste processo a cadeia têxtil passou por uma série de transformações que a levaram a separação das diversas fases de produção, como a criação, distribuição e execução, essa divisão levou a uma proliferação do número de oficinas de costuras de pequeno porte geralmente operadas por familiares e agregados.

Esta nova realidade verificada na indústria têxtil mundial levou a uma necessidade crescente por força de trabalho, todavia, esta teria de ser barata o suficiente para permitir as taxas de lucratividade exigidas. Diante disso este setor passa a recrutar os extratos mais desprotegidos de cada sociedade, desta forma a população migrante passará a ser principal força de trabalho da indústria têxtil, uma realidade verificada em diversas metrópoles do mundo como podemos ver em Coutinho (2013). Situação idêntica a que ocorre na RMSP aonde os imigrantes também se tornaram a principal fonte de força de trabalho para este setor. A história do setor têxtil na cidade é marcada pelos sucessivos deslocamentos dos grupos de imigrantes, onde a cada entrada de um grupo novo passa a ocorrer toda uma reestruturação das correlações de força no interior deste circuito, a principal característica destas transformações está no fato de cada grupo novo se insere neste circuito ocupando os seus extratos mais baixos.

Desta forma, constata-se que o circuito têxtil foi responsável pela mobilização de um grande fluxo de trabalhadores bolivianos que passaram a se inserir na RMSP. Paralelo a estes processos se desenvolvia na cidade um fenômeno de crescimento dos espaços de comércio popular, estes se situavam nas áreas de maior circulação de pessoa como, por exemplo, a Travessa General Carneiro. Estes espaços abrigavam principalmente trabalhadores brasileiros, em sua maioria migrantes internos vindos do Nordeste do país. Dentre os diversos produtos confeccionados estavam os artigos têxteis produzidos em pequenas oficinas, muitas destas pertenciam as ex-costureiras que outrora trabalhavam nas grandes fábricas do setor existentes nos bairros do Brás e do Bom Retiro.

O comércio popular na cidade passa a ganhar impulso a partir do surgimento do circuito sacoleiro, este consistia no deslocamento de trabalhadores da cidade até o país vizinho Paraguai, ali eles podiam adquirir uma série de mercadorias a um preço vantajoso o que lhes permitia revender estes produtos com uma taxa elevada de lucros. Devido a sua centralidade a cidade de São Paulo passou a atuar como um entreposto entre o Paraguai e o restante do país (RIBEIRO, 2009). Essa condição fez com que aumentasse o número de

compristas vindos de todo o país, possibilitando novas oportunidades de trabalho e ocupações no comércio popular do município. Neste cenário passou a se constituir na região central da cidade um circuito de comércio específico voltado para atender as necessidades destes clientes compristas que adquiriam mercadorias no atacado para revendê-las em outras regiões do país, este circuito passou a ser denominado Feira da Madrugada.

A intensa procura por produtos vindos do Paraguai fez com que crescesse também a demanda por outros artigos confeccionados na própria cidade, assim passa a ganhar espaço neste circuito produtos têxteis produzidos em pequenas oficinas caseiras. Inicialmente esta era uma atividade dominada por brasileiros em sua maioria migrantes vindos do Nordeste do país, no entanto, devido à presença cada vez maior de bolivianos presentes no setor têxtil, estes foram aos poucos se inserindo nos espaços de comércio popular, primeiro com o trabalho nas suas oficinas de costura, nas quais atuavam como prestadores de serviços a outros camelôs, e depois atuando diretamente como camelôs nas ruas do bairro do Brás aonde se concentrava a Feira da Madrugada.

Ao mesmo tempo em que os bolivianos se inseriam no comércio popular outro processo se desenvolvia na cidade. Devido ao crescimento do número de imigrantes latinos, com os bolivianos sendo o grupo mais numeroso, começa a surgir uma pressão destes sujeitos por serviços públicos, direitos sociais e trabalho. Sobre este último item se observa que os imigrantes passaram a demandar a existência de espaços de sociabilidade voltados para a comunidade, surgem assim às feiras bolivianas, que para além de serem apenas espaços de sociabilidade caracterizam-se por serem principalmente espaços de trabalho. Assim, no início da década de 2000, período em que ocorre a entrada dos imigrantes no comércio popular, surgem duas importantes feiras bolivianas na cidade, a feira da Praça Kantuta e a Rua Coimbra. A primeira regularizada pelo poder público e, portanto, sujeita a todas as restrições impostas por ele, a segunda surgiu como uma resposta à primeira servindo como uma opção para aqueles que não conseguiram se estabelecer na Kantuta (LASEVITZ, 2011).

O surgimento destes espaços, em especial a Praça Kantuta, foi marcado por um processo de intensa negociação entre os imigrantes e o poder público, onde estes tiveram que estabelecer relações com os diversos agentes públicos para alcançar o seu objetivo. O mesmo ocorreu em relação à inserção destes imigrantes nos espaços de comércio popular, a sua entrada ocorre a partir da interação maior destes sujeitos como as lideranças responsáveis pela organização do comércio popular, tais como membros de associações, sindicatos de ambulantes. Esse movimento de estabelecimento de relações quebra com aquela imagem

geralmente construída a respeito dos imigrantes bolivianos na cidade, que se refere a estes sujeitos como indivíduos isolados e invisíveis.

De fato, nas conversas estabelecidas com os costureiros, verifica-se o pouco conhecimento que muitos possuem em relação à cidade, observado através de uma baixa circulação que estes sujeitos possuem a respeito da cidade, acompanhado desta observamos também um número reduzido de relações sociais por parte destes trabalhadores, o que por sua vez lhes impede de construir novas oportunidades de trabalho e ocupação na cidade. Se esta é uma realidade verificada nos costureiros e em especial nos mais jovens, o mesmo não acontece com alguns imigrantes mais velhos e que já residem no país há mais tempo, nas trajetórias destes sujeitos observa-se um constante movimento de construção de relações por parte destes, às quais lhes permitiram a inserção em outros espaços de trabalho.

Observamos que tanto para a constituição das feiras voltadas para a comunidade, como para a inserção destes imigrantes no comércio popular resultaram de um processo de negociação e estabelecimento de relações destes sujeitos com outros grupos da cidade, estas relações são o resultado de acúmulo de experiências dos sujeitos e do grupo como um todo na cidade, portanto, compreendemos o fluxo migratório como um processo histórico e cumulativo.

Assim, a entrada dos imigrantes bolivianos no comércio popular foi o resultado do encontro destes múltiplos processos históricos. Por meio desta construção histórica se tornou possível a estes sujeitos quebrarem o padrão de inserção inicial onde a oficina de costura era a única possibilidade de trabalho. A nova ocupação possibilitou a alguns sujeitos uma melhora no padrão de vida através de uma maior lucratividade obtida com a nova ocupação, através desta foi possível para alguns adquirirem bens de consumo como casa própria, carro e outros símbolos de ascensão como manter os filhos em escolas particulares ou investirem os seus lucros em negócios na Bolívia.

Essa nova condição se reflete nestes sujeitos numa narrativa que enfatiza o trabalho, a disciplina e o esforço individual, no entanto, essa visão não é compartilhada de forma unânime dentro da comunidade. No outro lado encontramos ativistas políticos da comunidade, estes discutem a questão da exploração do trabalho nas oficinas de costura, para eles a mobilidade econômica obtida por alguns só foi possível graças à exploração efetuada por esses sobre os seus compatriotas, apresentando assim, um discurso contrário, quando não uma negação de qualquer forma de mobilidade.

De fato, a nova condição expôs uma fratura existente dentro da comunidade boliviana, onde de um lado é possível encontrar imigrantes bem-sucedidos devido aos ganhos que puderam extrair através do comércio popular ou do circuito de produção têxtil, e do outro encontramos trabalhadores sujeitos a péssimas condições de trabalho. Essa situação acaba por produzir questões que são debatidas no interior da comunidade, sendo que a principal se refere ao fato de uma parte dos imigrantes sobreviver da exploração do trabalho dos conterrâneos.

Em dados espaços do interior da comunidade essa questão é posta como uma anormalidade que expressaria a falta de sentido de comunidade existente entre os bolivianos, a anormalidade estaria no fato dos imigrantes bolivianos explorarem o trabalho dos seus pares da mesma forma que outros grupos como os coreanos e brasileiros fazem, neste momento lança-se mão de discurso que tenta colocar os laços de solidariedade étnicos acima da relação capital trabalho. Discurso semelhante é adotado pelos oficinistas que se colocam na posição de melhores padrões que seus antecessores os coreanos. Toda essa discussão nos levou a percepção de que a mobilidade alcançada e apresentada pelos camelôs bolivianos como a principal conquista da inserção no comércio popular possui um caráter duplo, tendo significados distintos no interior da comunidade.

Outro desdobramento resultante da inserção no comércio popular foi a maior interação entre os imigrantes bolivianos e os demais grupos de imigrantes da cidade. As transformações pelas quais o comércio de rua passou a partir do início da década de 2000 levaram ao crescimento cada vez maior de trabalhadores oriundos de outros países no comércio de rua, transformando um ambiente aonde predominavam os migrantes internos do país num espaço de multiétnico. Como acontece em todos os espaços de comércio popular, a relação entre os trabalhadores na Feira da Madrugada será pautada num convívio que tem como base a relação solidariedade/concorrência, no entanto, esta relação ganhará componentes novos devidos à ocorrência do fator étnico que passa a ganhar um peso maior nas relações entre os trabalhadores. No entanto, os conflitos entre os distintos grupos se mostraram mais com sendo o resultado de questões circunstanciais onde o fator étnico é acionado de maneira instrumental, do que de fato consistir numa relação de enfrentamento mais profunda.

Destaca-se também que a inserção no comércio popular trouxe consigo novas possibilidades de ocupação e trabalho, num primeiro momento esta inserção ocorreu a partir do circuito da Feira da Madrugada. No entanto, com a experiência ali acumulada os imigrantes bolivianos começam a se inserir em outros espaços do comércio de rua da cidade,

atuando tanto no comércio dos artigos por confeccionados, como, e desta forma construindo uma nova alternativa de inserção para os novos grupos que chegam à cidade, onde muitos destes já não passam pelas fases que são passadas, entre os estabelecidos há menos tempo no país é raro encontrarmos aqueles que trabalharam em uma oficina pertencente a um imigrante coreanos, entre os que estão presentes há menos tempo no país já é possível encontrar aqueles que se inseriram diretamente no comércio popular sem passarem pelo trabalho nas oficinas de costura.

Por fim, queremos abordar aqui o contexto de nascimento de trabalho e as suas limitações. Inicialmente o objetivo desta pesquisa era estudar unicamente as relações existentes entre os trabalhadores da Galeria Apa, um espaço aonde predominavam os imigrantes bolivianos e que o dividiam com alguns poucos brasileiros e um número menor ainda de chinesas, assim o objetivo inicial era compreender as relações de convivência deste grupo majoritário com os demais, no entanto, devido à dinâmica de intensa transformação existente neste circuito de comércio popular, podemos ver no decorrer da pesquisa uma transformação completa daquele espaço, onde em determinados momentos parecia que o nosso objeto iria sumir, devido a sua transformação constante.

Assim, as mudanças existentes naquele espaço somadas a inexperiência do pesquisador acabaram por mudar os rumos daquilo que era o projeto de trabalho inicial. A inexperiência citada foi prejudicial em vários sentidos, mas por outro lado percebemos que ela foi fundamental, pois significou assumirmos uma postura diferente em relação aos sujeitos, que passaram a não mais ser vistos como parte de um projeto elaborado nem ambiente distante e alheio a aquela realidade, mas que passaram a serem os protagonistas da pesquisa, pois eles que a guiavam a partir das suas falas, das informações que eles nos traziam e da capacidade do pesquisador em se relacionar com estes sujeitos. Todos esses elementos foram determinantes para os rumos que a pesquisa tomou, entre esses estava à necessidade colocada de ampliarmos o quadro de análise partindo do micro para o macro. Neste instante houve a necessidade de reelaborarmos o nosso problema, e entre tantas questões que nos eram postas a necessidade de se compreender a transição feita por estes sujeitos da oficina de costura para as ruas de comércio nos pareceu ser a contribuição mais relevante que esse trabalho poderia dar.

E foi nesse ampliar do quadro que podemos perceber que aquelas trajetórias colhidas a partir de conversas e demonstravam uma experiência acumulada individualmente por aqueles sujeitos estava amarrada a uma experiência maior e mais subjetiva, acumulada por toda a comunidade no decorrer do seu fluxo migratório, pois assim como a história dos indivíduos é

cumulativa, a história dos grupos também é devido a experiências compartilhada dos seus membros. Essa experiência acumulada vem levando a um processo que pode ser descrito como sendo de ascensão e mobilidade, isso tanto no aspecto econômico como no político. Porém, um dos principais problemas desta pesquisa foi justamente o de demonstrar de forma mais objetiva os caminhos deste processo e formas como a experiência dos sujeitos e dos grupos estão amarradas.

Por outro lado conforme já enfatizamos estas transformações ocorridas como resultado desta experiência acumulada levou ao surgimento de novas questões, estas colocam a comunidade dos imigrantes bolivianos residentes em São Paulo num patamar de complexidade que esta pesquisa e outros trabalhos ainda não deram conta de compreender. Hoje o que entendemos por imigrantes bolivianos na RMSP compreende a universo aonde as ultimas estimativas não oficiais falam em quatrocentas mil pessoas, estas passam a viver num espaço que as vezes parece ser uma cidade dentro da cidade, á qual possui as suas disputas, e suas próprias hierarquias econômicas e políticas, no entanto, uma cidade aberta e em constante relação com a cidade ao seu redor.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Ana Lúcia de Oliveira. Imigrantes bolivianos no mercado informal da Rua 25 de Março/São Paulo. **Revista Temas & Matizes**. Cascavel, v. 10, n. 19 e 20, p. 144- 159 2011.

_____. **Entre o comércio informal e as margens do ilegal: Práticas de trabalho na Rua 25 de Março**. Dissertação de Mestrado, 2013. São Paulo. SP, Unifesp.

ALVES, Glória A. **O uso do Centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação**. Tese de Doutorado 1999. São Paulo SP, USP.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho, ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. Editora Boitempo, 6º edição 2002.

BONASSI, Margherita. **Canta, América sem fronteiras, imigrantes latino-americanos no Brasil**. Ed. Loyola, São Paulo SP.

BUZO, Alessandro. Toda brisa tem o seu dia de ventania. **Revista- A Cultura da Periferia Ato, Caros Amigos**. São Paulo, Ed. Casa Amarela, nº 1.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 8º edição, 2006. Pág. 183- 191.

CACCIAMALI, Maria Cristina e AZEVEDO, Flávio A Gomes de. **Entre o tráfico humano e a opção da mobilidade social: a situação dos imigrantes bolivianos na cidade São Paulo**. In Travessia. Revista do Migrante, São Paulo SP.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. Ed. Iluminuras, 2003, São Paulo SP.

CARDIN, Eric Gustavo. **A expansão do capital e as dinâmicas da fronteira**. Tese de doutorado, 2010. Araraquara SP, UNESP.

_____. História oral, conversas qualificadas e o mundo dos trabalhadores. **História e Fronteira**, v.02. p. 07-21, 2009.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do Antropólogo**. Editora Unesp, 2º edição.

CHOIN, Joa Keum. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil**, Dissertação de Mestrado, 1991 São Paulo SP, USP.

COUTINHO, Beatriz Isola. **Reestruturação produtiva e imigração laboral nas indústrias de confecção metropolitanas: uma perspectiva comparativa entre São Paulo e Nova Iorque**. Dissertação de Mestrado, 2013. Araraquara SP, UNESP.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**. 5ª edição. São Paulo. Rocco, 1987.

ESCOBAR, Leonardo Cardoso dos Santos. São Paulo, o paraíso da América Latina: O ciclo produtivo das oficinas de costura e os imigrantes latino-americanos. **Revista Temas & Matizes**. Cascavel, v 10, n. 19 e 20, p. 160-180, 2011.

FARIA, Camila Salles de. Os conflitos na Rua 24 de Março- SP. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

FEIRA DA MADRUGADA. Disponível em <www.feirinhadamadrugada.com.br/> Acesso em 09 de janeiro de 2013.

FREIRE DA SILVA, Carlos. **Trabalho Informal e Redes de Subcontratação: Dinâmicas Urbanas da Indústria de Confecções em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. 2008. São Paulo SP. USP.

_____. Precisa-se: Bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. **Travessia-Revista do Migrante**, São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, nº 63, 2009.

FREITAS, Patrícia Tavares. **Imigração e experiência social: o circuito da subcontratação de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. 2009. Campinas SP UNICAMP.

FREITAS, Sonia Maria. “**Imigração Chinesa**”. In: **Falam os imigrantes: Armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanzo, lituanos, okinawanas, poloneses, russos e ucranianos. Memória e diversidade cultural em São Paulo**. Tese de Doutorado 2001. São Paulo SP, USP.

FURTADO, Celso. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. Ed Companhia Editora Nacional, 7ª edição 1979.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Editora Paz e Terra. 19ª edição, 1983.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Editora Loyola. 11ª edição, 2002.

HIRATA, D; TELLES, V.S. Ilegalismos e jogos de poder de São Paulo. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, no. 22, vol. 2, dezembro 2010, pp. 39-59.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**.

ITIKAWA, Luciana. Vulnerabilidades do trabalho informal de rua, violência, corrupção e clientelismo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 136-147, jan./mar. 2006.

LASEVITZ, Rafael Simões. **“La mano costura, pero és la boca que habla”**: narrativas de fugas e repetições bolivianas na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. 2011 Brasília. UNB.

LIRA, João Antônio ET al. A migração de estudantes brasileiros para Bolívia. **Encuentro de geógrafos da América Latina**. Peru, 2013.

MAGNANI, José Guilherme. TORRES, Lilian de Luca. **Na Metrópole**, São Paulo- SP, Ed EDUSP, 2000.

MASINI, Fernando. **“Colônia coreana migra para bairros nobres”**. 28/06/2009. Revista da Folha de São Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/>.

MAZZOCCANTE, Heloisa. **Estratégias Laborais e políticas migratórias entre Brasil e Bolívia**. Tese de Doutorado. 2012. Brasília. DF.

MISSE, Michel. Rio como um bazar, a conversão da ilegalidade em mercadoria política. **Revista Insight Inteligência**. Rio de Janeiro: v.3 n.5, 2002, pág. 12-16.

_____. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados** 21 (61), 2007.

NOVAIS, Denise Pasello Valente. **Tráfico de pessoas para fins de exploração do trabalho: Um estudo sobre o tráfico de bolivianos para exploração do trabalho em condições análoga á de escravo na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado, 2008. São Paulo SP, USP.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica á razão dual**. Editora Vozes, 5º edição, 1987.

PEIXOTO, João. **“As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro Sociológicas**. Instituto Superior de Economia e Gestão, 2004. Universidade Técnica de Lisboa.

PEREIRA, Elvis. **“Bolivianos se tornam a segunda maior colônia de estrangeiros em SP”**. 16/06/2013. SITE UOL. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1295108-bolivianos-se-tornam-a-segunda-maior-colonia-de-estrangeiros-em-sp.shtml> >.

PINHEIRO MACHADO, Rosana. **Made in China: Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**, Tese de Doutorado, 2009. Porto Alegre RS. UFRGS.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**, São Paulo, Ed. UNESP, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **A imigração na cidade de São Paulo: Integração dos imigrantes na cidade como forma de combate à pobreza**. 2007. São Paulo SP.

PRETURLAN, Renata Barreto. **Mobilidade e classes sociais: o fluxo migratório boliviano para São Paulo**. Dissertação de Mestrado. 2012. São Paulo SP. USP.

RADAHY, Rachel Anneliese. **Discurso e poder na política de imigração brasileira**. Tese de Doutorado, 2006. Brasília. UNB.

REPÓRTER BRASIL. **Fiscalização resgata haitianos escravizados em oficina de costura em São Paulo**. Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2014/08/fiscalizacao-resgata-haitianos-escravizados-em-oficina-de-costura-em-sao-paulo/>>. Acessado em 22/08/2014.

_____. **Escravidão é flagrada em oficina de costura ligada à Marisa**. Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2010/03/escravidao-e-flagrada-em-oficina-de-costura-ligada-a-marisa/>>>. Acessado em 23/07/2014.

_____. **Roupas da Zara são fabricadas com mão de obra escrava**. Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2011/08/roupas-da-zara-sao-fabricadas-com-mao-de-obra-escrava/> >. Acessado em 22/07/2014.

_____. **Justiça determina bloqueio de R\$ 1mi de dona da M. Officer por caso de trabalho análogo ao de escravo**. Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2013/11/justica-determina-bloqueio-de-r-1-mi-de-dona-da-m-officer-por-caso-de-trabalho-analogo-ao-de-escravo/>>>. Acessa em 22/07/2014.

_____. **Trabalho escravo abastece produção da marca Talita Kume.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2012/07/trabalho-escravo-abastece-producao-da-marca-talita-kume/>>>. Acessado em 22/07/2014.

_____. **confeccões e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da eco _____.** **Escravizados produziam coletes de recenseadores do IBGE.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2010/10/escravizados-produziram-coletes-de-recenseadores-do-ibge/>> . Acessado em 22/07/2014.

_____. **Costureiras são resgatadas de escravidão em a o inédita.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2010/11/costureiras-sao-resgatadas-de-escravidao-em-acao-inedita/>>>. Acessado em 22/07/2014.

_____. **Trabalho escravo   flagrado na cadeia produtiva da Pernambucanas.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2011/04/trabalho-escravo-e-flagrado-na-cadeia-da-pernambucanas/>>>. Acessado em 22/07/2014.

_____. **Confecc o de roupas infantis flagrada explorando escravos tinha certifica o.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2013/02/confeccao-de-roupas-infantis-flagrada-explorando-escravos-tinha-certificacao/>>>. Acessado em 22/07/2014.

_____. **Fiscais flagram escravidão envolvendo grupo que representa GAP no Brasil.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2013/03/fiscais-flagram-escravidao-envolvendo-grupo-que-representa-a-gap-no-brasil/>>>. Acessado em 22/08/2014.

_____. **Fiscaliza o associa Gregory   explora o de trabalho escravo.** Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2012/05/fiscalizacao-associa-gregory-a-exploracao-de-trabalho-escravo/>> . Acessado em 22/07/2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **El sistema mundial no-hegemônico y la globalización popular:** Série Antropologia, Brasília: 2007. ISSN 19809867.

RIZEK, Cibele ET AL. **Lua Nova Revista de Cultura e Política.** Trabalho e Imigra o: Uma compara o Brasil Argentina. Pág. 111 a 143. 2010, n  79.

_____. A globaliza o popular e o sistema mundial não hegemônico. Ou, de Guangdong a Caruaru. **RBSE.** V. 08, n. 24 p. 510-522, 2009.

- SALES, Teresa & REIS, Rossana R. (orgs.), **Cenas do Brasil migrante**, São Paulo, ed. Boitempo, 1999.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 1978.
- _____. **Por uma outra globalização : do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.
- _____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. **Espaço, Tempo- Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SAYAD, Abdelmalek, **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo SP: EDUSP, 1998.
- SILVA, Sidnei. **Costurando sonhos: etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. 1995. São Paulo SP. USP.
- _____. **Faces da latinidade hispano-americanos na cidade de São Paulo**. Textos NEPO, Unicamp, 2008. São Paulo SP.
- _____. **Virgem/ Mãe/ Terra-Permanências e mudanças no processo cultural entre os imigrantes bolivianos em São Paulo**. Tese de Doutorado. 2002. São Paulo SP. USP.
- SILVA, Silvana C. Da. A Feira da Madrugada e os conflitos pelo uso do território na cidade de São Paulo. In: **XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, 2011, Belo Horizonte. XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2011.
- _____. **Circuito espacial produtivo das nomia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP)**. 2012. Campinas SP. UNICAMP.
- SITE UOL. **Tragédia de Bangladesh poderia ter acontecido no Brasil**. 07/05/2013. Disponível em: < <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/05/07/tragedia-de-bangladesh-tambem-poderia-acontecer-no-brasil/>>.
- SOARES, Weber. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. **R. Bras. Est. Pop.** Campinas. V. 21. N. 1, pág 101 a 116, 2004.
- SOUCHAUD, Sylvain e BAENINGER, Rosana. **Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul**, 2008.

SYLVAIN, Souchaud. A imigração boliviana em São Paulo. **III Seminário do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios**- 2008. UNICAMP.

TOMÁZ, Marcela. **Fluxos migracionais entre Brasil e Bolívia: imigração irregular, causas, vítimas e políticas migratórias**. Univ.rel.int., Brasília, v. 8, n. 1, p. 155-175, jan./jun. 2010.

TELES, Vera Silva. Nas dobras do legal e do ilegal: Ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** Vol. 2 - no 5-6 - JUL/AGO/SET-OUT/NOV/DEZ 2010 - pp. 97-126

VASSAPOLLO, Luciano. **A Europa do Capital. Transformações e do trabalho e competição global**. Editora Xamã, 2004.

VELHO. Gilberto, KUSCHNIR. Karina. **A Pesquisa Urbana: desafios do trabalho antropológico**. 1º edição. Rio de Janeiro. Editor Jorge Zahar, 2003.

XAVIER, Iara Rolnik. **Projeto migratório e espaço: Os migrantes bolivianos na cidade de São Paulo**, Dissertação de Mestrado. 2010. Campinas SP UNICAMP.

_____. A cidade de El Alto e os fluxos de bolivianos para São Paulo. **Travessia-Revista do Migrante**, São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, nº 63, 2009.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. (org.) **Um Século de Favelas. Rio de Janeiro**: Editora FGV, 5º edição, 2006. ALVITO, Marcos. Um bicho-de-sete-cabeças. Pág 181 a 209.

ZANCHETA, Diego. **Controle de camelôs ilegais pode ter motivado crime de sindicalista em SP**. 16/12/2010. O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,controle-de-camelos-ilegais-pode-ter-motivado-crime-de-sindicalista-em-sp,654633>.

GLOSSÁRIO

Bolsões de compras- É a forma como são denominados os prédios que passaram a abrigar os camelôs antes instalados nas ruas, esses espaços podem ser designados como camelódromos, shoppings populares ou galerias, ambos tendo o mesmo significado.

Circuito- Em várias situações no decorrer desta dissertação utilizou-se a palavra circuito para explicar determinadas práticas que compõem o universo da pesquisa. Essa ocorrência se deve ao fato do constante uso desta noção por autores que estudaram questões relacionadas à temática, como Silva (2012) que utiliza a noção de circuito ao se referir a indústria têxtil da cidade de São Paulo, e Freitas (2009) que utilizou o conceito de circuito para explicar as redes de fluxos de trabalhadores entre o Brasil e a Bolívia. Nesta pesquisa o termo circuito também é empregado para fazer referência à Feira da Madrugada, que conforme denominação dos sujeitos que a compõem seria “o maior circuito de comércio popular da América Latina”.

Circuito de Compras- Este consiste em um projeto da prefeitura de São Paulo que objetiva integrar os principais espaços de comércio da cidade.

Circuito sacoleiro- A denominação circuito sacoleiro foi desenvolvida por Cardin (2010), segundo o autor este circuito consiste em uma rede trabalhadora, os quais teriam como objetivo a aquisição de mercadorias no país vizinho para serem revendidas por todo o território nacional.

“Especulação imobiliária”- operacionalizado por agentes informais. A utilização das aspas e do negrito visa diferenciar a especulação praticada por agentes informais da especulação imobiliária formal operada pelos agentes deste setor econômico imobiliário.

Feira da Madrugada- É um espaço que consiste em um imenso circuito de comércio popular composto em seu interior por circuitos menores.

Galeria Apa- Camelódromo localizado na Feira da Madrugada especializado no comércio de bolsas femininas

Luva- Corresponde a um pagamento efetuado no ato da assinatura do contrato de aluguel, e tendo que ser paga novamente a cada renovação, seus valores podem variar entre trinta e setenta mil reais.

Oficinista- Oficinistas é a forma como são chamados os donos das oficinas de costuras.

Pátio do Pari- Um imenso terreno pertencente à Rede Ferroviária Federal

Praça Kantuta- Espaço de comércio e de sociabilidade para os membros da comunidade boliviana da cidade, sendo este um espaço regulamentado pela prefeitura no início da década de 2000.

Rua Coimbra- Assim como a Praça Kantuta a Rua Coimbra também é um espaço de comércio e sociabilidade para os membros da comunidade boliviana. A Rua Coimbra também teve o seu surgimento no início da década de 2000, mas ao contrário da Kantuta esta não é um espaço regulamentado pela prefeitura.

Sacoleiros- O termo sacoleiro é utilizado para definir sujeitos que possuem como prática de trabalho viajar até os centros comerciais como os espaços citados, a fim de adquirir mercadorias para serem revendidas em suas cidades de origem, aproveitando-se assim das diferenças de preço entre um local e outro.

Shopping Popular de Compras- Trata-se de projeto pretendido pela prefeitura para ser construído no Pátio do Pari, espaço que atualmente é ocupado por milhares de camelôs.

